



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO ARTES E LETRAS - FACALE  
COORDENADORIA DO MESTRADO EM LETRAS

---



**CÉLLIA FERNANDA PIETRAMALE EBLING**

***FALU QUE SÔ BRASSILERO: UM ESTUDO DAS VOZES SOCIAIS NA FRONTEIRA  
BRASIL/PARAGUAI DE MATO GROSSO DO SUL***

**DOURADOS/MS  
MARÇO/2014**

**CÉLLIA FERNANDA PIETRAMALE EBLING**



***FALU QUE SÔ BRASSILERO: UM ESTUDO DAS VOZES SOCIAIS NA FRONTEIRA  
BRASIL/PARAGUAI NO MATO GROSSO DO SUL***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Letras da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras Faculdade da Universidade de Federal da Grande Dourados como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras, sob a orientação da Prof<sup>ª</sup>. Dra. Maria Ceres Pereira.  
Área de Concentração: Linguística e Transculturalidade.

**DOURADOS/MS  
MARÇO/2014**



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO ARTES E LETRAS - FACALES  
COORDENADORIA DO MESTRADO EM LETRAS



**Programa de Pós Graduação Mestrado em Letras: Linguística e Transculturalidade**  
Dissertação intitulada: *Falu Que Sô Brasileiro: Um Estudo das Vozes Sociais na Fronteira Brasil/Paraguai no Mato Grosso do Sul*, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Presidente e orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Maria Ceres Pereira (FACALES - UFGRD)

1º Membro examinador (Titular): Prof. Dr. Jones Dari Goettert (UFGRD)

2º Membro examinador externo (Suplente): Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eliana Rosa Ssturza (UFMS)

2º Membro examinador (Titular): Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Gicelma Chacarasqui Torchi (FACALES - UFGRD).

3º. Membro examinador (Suplente): Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Rita de Cássia Pacheco Limberti (FACALES - UFGRD)

Dourados-MS, Março de 2014



Dedico ao meu filho Enzo que é...

Meu ar...

Minha melhor composição...



## **Agradecimentos**

*Filho...*  
*Família...*  
*Amigos...*  
*Professores...*  
*Paciência...*  
*Tempo...*  
*Ousadia...*  
*Respiração...*  
*Inspiração...*  
*Amores...*  
*Desamores...*  
*Deus...*  
*Deuses...*  
*Melodia...*  
*Dissonância...*  
*Vida!*

Agradeço também ao Programa de Mestrado em Letras da UFGD, à Capes por me proporcionar condições de percorrer este caminhos e principalmente a minha orientadora, Prof. Dra. Maria Ceres Pereira, por ter me orientado de forma primorosa, capaz de fazer eu enxergar elementos importantes para a análise deste trabalho, além de dispor de suas tardes, companhia e paciência.



## Epígrafe

*Vamos começar, sem titubear  
Quero lhe mostrar toda dor  
Juntos navegar pelos nossos rios  
Pelos nossos sons  
Onde for  
Que se vá cuidar  
Que se vá crescer  
Vamos agregar  
Si señor...*

*Há quanto tempo moramos aqui  
Por quanto tempo ainda vai se fingir?  
Se fazem novos os velhos canhões, se fazem novas canções  
Sudamerica*

*Venho pra gritar,  
Venho pra pedir,  
Venho aqui cantar toda dor  
Que se faz normal  
Hoje natural  
La revolución  
Acabou  
Que se vá plantar  
Que se vá colher  
Vamos conservar  
Si senõr...*

*Há quanto tempo cantamos aqui  
Por quanto tempo ainda vão permitir que façam novos os velhos chavões?  
Cantemos novas canções  
Sudamerica*

*Há quanto tempo moramos aqui  
Por quanto tempo ainda vai se fingir?  
Se fazem novos os velhos canhões, se fazem novas canções  
Sudamerica*

*- Viva la revolución..!!  
- Que te passa?  
- Viva la revolución que te passa..  
- Viva la revolución..!!  
- Que te passa?  
- Viva la revolución que te passa!*

*(Sudamérica – Guilherme Cruz)*



EBLING, Célia Fernanda Pietramale Ebling. *Falu que Sô Brassilero: Um Estudo das Vozes Sociais na Fronteira Brasil/Paraguai no Mato Grosso do Sul*. 92 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Comunicação, Artes e Letras, Universidade Federal da Grande Dourados, 2013.

**RESUMO:** O presente trabalho teve como objetivo a investigação da identidade fronteiriça por meio do bilingüismo detectado em entrevistas coletadas na cidade de Capitán Bado – PY. Com isso, questionou-se “como os sujeitos potencialmente bilíngues da região selecionada reconstróem suas identidades linguísticas e/ou fronteiriças no diálogo com o outro?” Dessa forma, foram analisadas entrevistas de quatro sujeitos, dois irmãos (Juan e Tereza) nascidos no Brasil e moradores de Capitán Bado e um casal (Davi e Cecília) nascidos e criados em Capitán Bado. Esses sujeitos apresentam, no decorrer da análise, uma postura linguística bi(multi)línque, sendo que os brasileiros de monolíngües em língua portuguesa passam a falantes, também, das línguas espanhola e guarani, e os paraguaios, bilíngues matematicamente, se aproximam da língua portuguesa por meio da fronteira direta entre os países. Com isso, este aspecto sociolinguisticamente complexo vai além das questões da língua, interferindo no comportamento identitário destes sujeitos que ora se designam brasileiros, ora paraguaios, ora dizem ter “virado” paraguaios, ora dizem que estão no Paraguai, ora no Brasil, fazendo existir um jogo que demonstra que o “aqui e lá”, para eles, é um lugar só. Para que essa questão pudesse ser discutida, viu-se a necessidade de esclarecer conceitos relacionados à identidade, bilingüismo, fronteira e as políticas linguísticas do Brasil e Paraguai.

**PALAVRAS-CHAVE:** Identidade; bilinguismo; fronteira.

## **RESUMEN**

El presente trabajo tiene como objetivo la búsqueda de la identidad fronteriza por medio del bilingüismo detectado en entrevistas colectadas en la ciudad de Capitán Bado – PY. Con eso, se cuestiona ¿como los sujetos potencialmente bilingües de la región seleccionada reconstruyen sus identidades lingüística y/o fronteriza en el dialogo con el otro?” Por lo tanto, fueron analizadas las entrevistas de cuatro personas, dos hermanos (Juan y Tereza) nacidos en Brasil y residentes de Capitán Bado y una pareja (David y Cecilia) nacidos y criados en Capitán Bado. Estos sujetos presentes en el transcurso del análisis, una postura linguística bi(multi)lingual, y la lengua portuguesa hablantes monolingües brasileños también lo será el español y el guaraní, y los paraguayos, matematicamente bilingüe, se acercan a la lengua Portugués a través de la frontera directa entre los países. Por lo tanto, este aspecto complejo sociolinguisticamente va más allá de cuestiones de lenguaje, identidad interferir en el comportamiento de estos temas que ahora se llaman los brasileños, paraguayos ahora, ahora dicen que han "volteado" paraguayos, ahora dicen que están en Paraguay, ahora en Brasil, existe la toma de un juego que demuestra el "aquí y allá", para ellos, es un lugar unico. Para que esa cuestión pueda ser discutida, vio la necesidad de aclarar conceptos relacionados a la identidad, bilingüismo, fronteras y las políticas linguísticas de Brasil y Paraguay.

**PALABRAS CLAVE:**Frontera; Identidad; Bilingüismo.

## **ABSTRACT**

This study aims to search the frontier identity through bilingualism on interviews collected in the town of Capitán Bado - PY. Thus, the question is: how potentially bilingual subjects of the



selected region re - build their language and/or border identities in dialogue with each other?" That way, interviews of four subjects, two brothers (John and Tereza) born in Brazil and residents of Capitán Bado and a couple (David and Cecilia) were analyzed born and bred in Capitán Bado. These subjects present in the course of the analysis, a linguistic stance bi(multi)lingual, and the Brazilians was monolingual in Portuguese language became speakers shall also the Spanish and Guarani languages, and the Paraguayans, maternally bilingual, approach the language Portuguese through direct border between the countries. Therefore, this complex aspect sociolinguistically goes beyond questions of language, identity interfering with the behavior of these subjects that now are called Brazilians, but, in others cases, they can be called Paraguayans, now say they have become Paraguayans, in others moments they say that stay in Paraguay, in the same time stay in Brazil, making exists a game that demonstrates the "here and there", for them, is a same place. For this issue can be discussed, it was seen a need to clarify concepts related to identity, bilingualism, language policies and border of Brazil and Paraguay.

**KEYWORDS:** Identity ; bilingualism ; border.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1•</b>	Mapa da Cidade de Capitán Bado – Paraguai	<b>16</b>
<b>Figura 2•</b>	Conceitos – Faixa e Zona de Fronteira	<b>43</b>
<b>Figura 3•</b>	Av. Flavio Derzi	<b>44</b>
<b>Figura 4•</b>	Tipos de Bilinguismo por Romaine	<b>63</b>
<b>Figura 5•</b>	Tipos de Bilinguismo por Mello	<b>63</b>
<b>Figura 6•</b>	Mapa da divisão política do Paraguai	<b>66</b>
<b>Figura 7•</b>	Cidades Gêmeas	<b>75</b>
<b>Figura 8•</b>	Tríplice Fronteira – Foz do Iguaçu	<b>86</b>
<b>Figura 9•</b>	Quadro representando o monolinguismo baseado no modelo proposto por Mello (1999)	<b>92</b>
<b>Figura 10•</b>	Quadro representando o bilinguismo baseado no modelo proposto por Mello (1999)	<b>92</b>



## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1•</b>	Modelo do processo analítico de conteúdo geral	<b>31</b>
<b>Tabela 2•</b>	Modelo do processo analítico de conteúdo geral	<b>31</b>



## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

PRPDFF•	Proposta de Reestruturação do Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira	<b>41</b>
PEIF•	Programa de Escola Intercultural de Fronteira	<b>74</b>



## LISTA DE SÍMBOLOS - ENTREVISTAS

### TRANSCRIÇÃO

Pausa	...
Interrupção por terceiros	[
Palavra Truncada	/
Prolongamento de Sílabas ou Consoante	:: ou :::



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>CAPÍTULO I – OS ESTUDOS CORRELATOS – O QUE SE TEM ESTUDADO NA(S) FRONTEIRA(S)</b> .....	19
1.1 Dando Crédito aos Estudos afins.....	20
1.2 Estudos Anteriores da Presente Autora- Construindo Caminhos para esta Pesquisa.....	24
1.3 Metodologia de Base para esta Dissertação.....	26
1.3.1 Classificação do tipo de pesquisa.....	27
<b>CAPÍTULO II – CONSTRUÇÃO DOS APORTES TEÓRICOS PARA A DISSERTAÇÃO</b>	33
2.1 Definições de Identidade e a hibridação do sujeito Fronteiriço .....	34
2.1.2 Conceitos de Fronteira – Cidades Gêmeas.....	41
2.1.3 Cultura, Linguagem e Memória Brasiguaiá: Uma Identidade Híbrida .....	43
2.2 Políticas Linguísticas - Brasil, um país monolíngue? .....	47
2.2.1 Discutindo na perspectiva do Bilinguismo .....	52
2.2.2 O que é diglossia?.....	57
2.2.3 Definições sobre bilinguismo .....	59
2.2.3.1 As Tipologias do Sujeito Bilíngue .....	60
2.3 Paraguai - A força de um povo multilíngue.....	66
2.3.1 A independência Paraguaia, altos e baixos da língua guarani.....	69
2.4 Brasileiros e Paraguaiois, Relações de Bilinguismo e Poder.....	73
<b>CAPÍTULO III – <i>ELA FALA CASTELHANO MAS NO É DO ESPANHOL DE HOJE ... FALA DO JEITO DE/DE ARRENTINO... MAS ERA BRASSILERA – LÍNGUA E IDENTIDADE EM ANÁLISE</i></b> .....	76
3.1 Questões de Língua e identidade nas falas dos sujeitos entrevistados.....	77
3.1.1 Falu que so brassilero .....	80
3.2 Alternância de código como traço do falar bilíngue (via entrevistas) .....	88
3.3 Pressões para a constituição do bilinguismo dos sujeitos do estudo.....	96
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	102
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	105
<b>ANEXOS</b>	



## INTRODUÇÃO

Sabe-se que o Brasil, mesmo considerado um país oficialmente monolíngue, possui regiões consideradas sociolinguisticamente complexas nas quais há diversidade de línguas (português, espanhol e o guarani, além de outras línguas de lojistas árabes, coreanos e outros). Essas regiões, sejam elas fronteiriças socialmente ou geograficamente, apresentam sujeitos que possuem, como língua materna, outra que não é a oficial da União. Dessa forma, e somando-se outros fatores de base social e política, há um desprestígio em relação à língua que não é a portuguesa. E nessa direção, a escola propedêutica como uma destas instâncias políticas e social espera que o sujeito se aproprie da língua oficial. A escola tem como argumento a crença de que tendo o domínio da língua oficial, fará com que o aluno terá suas oportunidades maximizadas e, assim, ser inserido “adequadamente” à sociedade maior. Visivelmente há, nestas atitudes, uma espécie de segregação linguística e atribuição de julgamentos de valor em que uma língua se coloca superior às demais, mais bonita do que as demais, mais imposta do que as demais.

Como exemplo dessas segregações linguísticas em contextos complexos, podemos recorrer às comunidades indígenas (que não lutam só por um lócus físico, como também lutam pela manutenção de sua cultura, língua e identidade); comunidades relacionadas à imigrantes (japoneses, alemães, italianos, árabes, entre outras) e também comunidades fronteiriças que são relacionadas ao contato das fronteiras geográficas existentes do Brasil com os outros países da América do sul. Nestas comunidades, as questões de língua(s) tem sido um desafio, pois se de um lado veem a língua de seu grupo e nela veem um fator de acolhimento e de pertencimento, esta mesma língua, por outro lado é alvo de desconforto.



Em Dourados, apesar da proximidade, a língua indígena Guaraní tem sido alvo de estigmatização aos sujeitos falantes. E, por outro lado, tem representado problema em diversas instâncias sociais. Um exemplo é da consulta médica relatado por Barbosa (2013). Segundo ele, medicação já foi dada equivocada por desentendimento linguístico, ou seja, os trabalhadores dos hospitais e farmácias são falantes da língua portuguesa e os clientes possuem habilidades linguísticas em espanhol e guarani. No Hospital Universitário, hoje, dado o conflito linguístico há um funcionário contratado, bilíngue em português e guarani, isto tem auxiliado na resolução do problema.

A América do Sul tem como seu maior país, o Brasil, grande parte dos países que fazem fronteira com o mesmo foram colonizados pela Coroa Espanhola. Dessa forma, a maioria dos países possui como língua oficial o espanhol. O contato fronteiriço do Brasil com estes países implica, também, a formação do que chamamos de um contexto sociolinguisticamente complexo, pois oportuniza o contato da língua portuguesa e suas variantes com a língua espanhola e suas variantes.

Sendo assim, o presente estudo tem como base de pesquisa as situações de bilinguismo e aspectos identitários de moradores da cidade de Capitán Bado - Paraguai, cidade gêmea de Coronel Sapucaia- Mato Grosso do Sul – Brasil. Vale considerar a presença de brasileiros que vivem naquela região constituída pela fronteira próxima com o país vizinho o que oportuniza, em certa medida, a que os sujeitos se tornem bilíngues.

A cidade de Capitán Bado, fundada em 25 de julho de 1914, durante o governo de Eduardo Schaerer, está situada na chamada Cordilheira de Amambay. Encontra-se na região do sudeste do Paraguai e é pertencente ao departamento de Amambay, tendo como capital Pedro Juan Caballero, a 110 km. Situa-se a 426 km de Assunción, capital do Paraguai. Estima-se que sua população é de 17.117 habitantes, dos quais, 8.981 são homens e 8.136 mulheres (PARAGUAI, 2002). Há 7.578 pessoas na área urbana e 9.539 na área rural. As principais atividades econômicas estão voltadas à agricultura, cujo destaque está na produção de erva mate e produtos de sustento (hortaliças, frutas) e comércio de produtos importados.



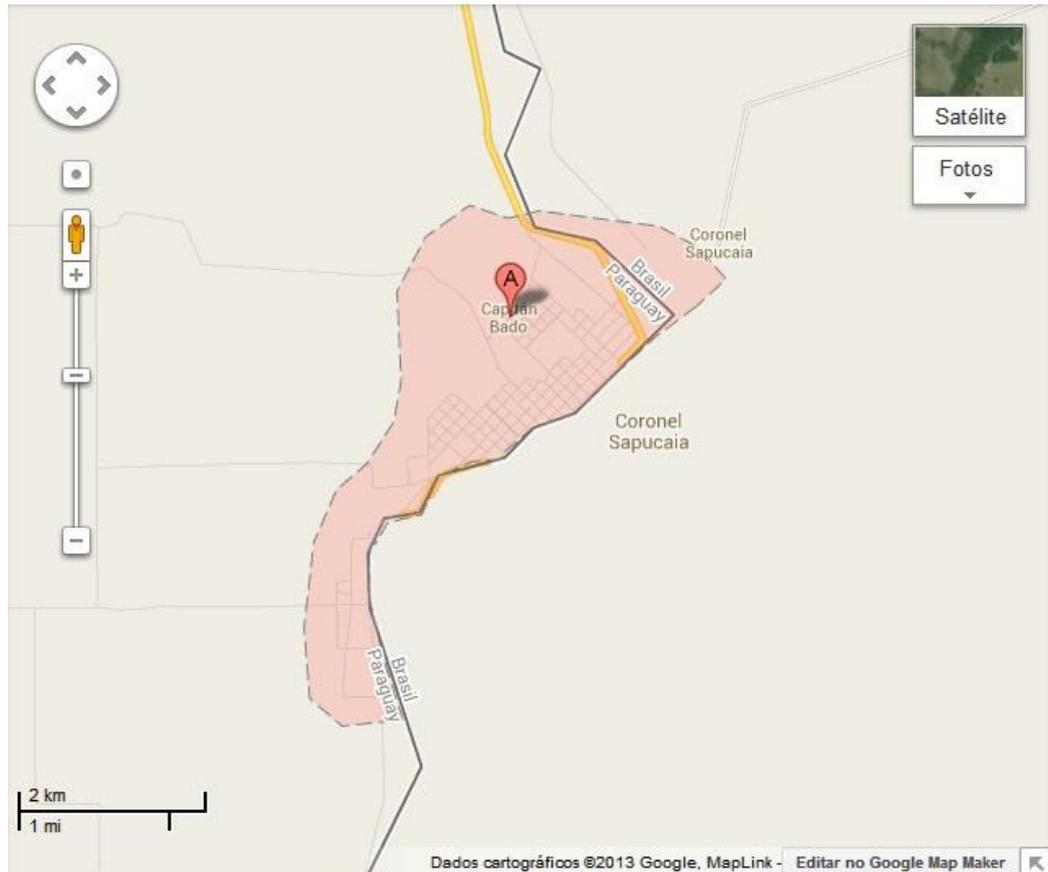


Figura 1 - Mapa da Cidade de Capitán Bado - Paraguai. Fonte: Google 2013

Antes da Guerra da Tríplice Aliança, a cidade era conhecida pelo nome Ñu Verá. Passada a guerra, em homenagem ao Capitão José Matias Bado (combatente da GTA), a cidade passou a se chamar Capitán Bado. Seus primeiros moradores eram trabalhadores da Companhia brasileira Mate Laranjeira, responsável pela exploração da erva mate da região.

Além destas características, vale considerar que Capitán Bado por ser uma cidade fronteiriça, coexistindo não só as línguas oficiais paraguaias (espanhol e guarani) como também a língua portuguesa, e que todas se colocam ativas, usadas diariamente pelos seus moradores, estabelecendo uma relação muitas vezes para além do bilinguismo situacional e, por sua vez, favorecendo a formação de uma identidade, à primeira vista, híbrida cuja discussão será retomada no aporte teórico desta pesquisa.

Com esta perspectiva, após a releitura de entrevistas<sup>1</sup>, realizadas na cidade paraguaia, notou-se na oralidade e no conteúdo textual a presença das línguas espanhola, guarani e portuguesa. Desta forma, procura-se, então, entender quais são os fatores que levam tais

<sup>1</sup> Entrevistas que fazem parte do acervo do projeto coordenado pela Prof<sup>a</sup>Ms<sup>a</sup> Elma Luzia Correa Scarabelli, "Plurivocidade em Narrativas da Fronteira" que fora realizado no ano de 2010 pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.



sujeitos a serem bi(multi)língues, para tanto, busca-se, então, amparo na história das políticas linguísticas do Paraguai e do Brasil dialogando com o material coletado nas entrevistas. A associação destes aportes permitirá visibilizar a identidade dos sujeitos selecionados.

Sabe-se, ainda, que a região fronteira entre o Paraguai e o Brasil é permeada de contextos sociolinguisticamente complexos, constituídos, historicamente, desde a colonização europeia, e firmado pelo contato dos espanhóis com os povos guaranis, a relação indígenas/espanhóis, indígenas/franciscanos e indígenas/jesuítas, o registro escrito da língua guarani, a marginalização da língua indígena pós a Guerra da Tríplice Aliança, o surgimento de cidades gêmeas fronteiriças, o contato com a língua portuguesa e, por fim, a oficialização do guarani como língua do Paraguai.

Dessa forma, o presente estudo busca como objetivos: a) levantar como fatores (fronteira, história, línguas) contribuíram e contribuem para o comportamento bilíngue destes sujeitos; b) e como se constrói e se reconstrói as formações identitárias dos mesmos.

Muitos são os estudos que tratam de temáticas relacionada ao bi(multi)linguismo, entre eles Grosjean (1982), Mello (1999), Romaine (1995) e Pereira & Costa (2011) revelando contextos conflituosos, haja que as situações bilíngues, muitas vezes, são resultantes do contato de diferentes comunidades étnicas e linguísticas, que acabam, de algum modo, dividindo o mesmo espaço.

Com a intenção de manter em sigilo o nome dos entrevistados os quais tiveram suas narrativas analisadas para a presente pesquisa, optou-se em utilizar somente o primeiro nome dos sujeitos.

A fundamentação teórica que norteia este estudo se ampara na Transculturalidade, especialmente no tocante a questões de bilinguismo e identidade, cujos principais autores são: bilinguismo: Grosjean (1982), Mello (1999), Romaine (1995) Pereira & Costa (2011); identidade: Hall (2005) e Bhabha (1998), Canclini (2001) e Campigoto (2008).

O trabalho contempla, também, uma retomada teórica sobre questões relevantes como estudos correlatos<sup>2</sup>, políticas linguísticas, fronteira e história do Paraguai, apoiando-se, respectivamente, em Dalinghaus (2009), Fernandes (2002), Pereira & Costa (2011), Moita Lopes & Bastos (2002) e Fernandez (2002).

Por uma questão metodológica, o estudo está dividido em três capítulos, sendo que o primeiro divide-se em duas partes: sendo a primeira voltada para uma revisão dos estudos correlatos, percebendo as relações de fronteira e bilinguismo pertinentes a este estudo; a

---

<sup>2</sup> Estudos que já foram realizados no âmbito de fronteira, bi(multi)linguismo e políticas linguísticas.



segunda parte é voltada para o relato dos procedimentos metodológicos, explicitando os passos da pesquisa, como delimitação do tema, seleção dos sujeitos/entrevistas, do material, até a metodologia para análise do corpus. Todo trabalho metodológico é respaldado em Flick (2011)

Na segunda seção são discutidas as teorias e os aspectos direcionados ao bilinguismo, identidade, fronteira e cultura. Essas elucidacões são fortemente necessárias para a análise das entrevistas, pois elas foram coletadas em ambiente de fronteira bilíngue que influi diretamente na cultura e identidade dos sujeitos.

O capítulo três reserva, especificamente, a análise do *corpus*, no qual há a discussão da fundamentação teórica com as entrevistas estudadas. Neste, estão presentes as questões de língua e identidade nas falas dos sujeitos entrevistados, a alternância de código como traço do falar bilíngue (via entrevistas) e pressões para a constituição do bilinguismo dos sujeitos do estudo.



## **CAPÍTULO I**

### **OS ESTUDOS CORRELATOS – O QUE SE TEM ESTUDADO NA(S) E SOBRE FRONTEIRA(S)**



## 1.1 Dando Crédito aos Estudos afins

Este capítulo tem como proposta trazer trabalhos realizados ou em andamento em áreas de fronteira sul-mato-grossense no sentido de ilustrar a complexidade sociolinguística da mesma. Por certo que, trazê-los nesta dissertação é uma forma de justificar o estudo ora proposto no sentido de revelar as situações presentes na construção da identidade dos sujeitos fronteiriços, seus olhares para si a partir das entrevistas narrativas, como ajustam e alinham suas identidades na relação com o outro que também é parte de si.

Dentro dos estudos bilíngues há pesquisas que já foram realizadas, e outras que estão em andamento, na região fronteira do Mato Grosso do Sul – Brasil e Paraguai. Trabalhos como *ALUNOS BRASIGUAIOS EM ESCOLA DE FRONTEIRA BRASIL/PARAGUAI: um estudo lingüístico sobre aprendizagem do português em Ponta Porã, MS*, de Ione Vier Dalinghaus (2009), “*Proyecto Escuela Bilingue de Frontera Brembatti Calvoso/Brasil y Escuela n°290 Defensores del Chaco/Paraguay*” de Amélia Sanguina Ramirez e Eliane Fernandes (2012), já finalizados, e o trabalho em andamento “EXPERIÊNCIAS DE FRONTEIRA: Breve abordagem sociolinguística comparativa entre as fronteiras de Aral Moreira-BR – Cardia-PY e Ponta Porã-BR– Pedro Juan Caballero-PY”, de Jefferson Barbosa (2013), são de grande relevância para o entendimento deste cenário sociolinguisticamente complexo.

Estes estudos firmam a realidade cultural complexa dos sujeitos que vivem nesta linha fronteira<sup>3</sup>, pois há um aglomerado de fontes culturais e linguísticas que influenciam direta e indiretamente a formação identitária dos mesmos. Sendo assim, vê-se a necessidade constante de um olhar mais atencioso para estas questões.

Dalinghaus afirma que,

Diante desta realidade plurilíngue e multicultural, evidencia-se, tanto em Ponta Porã como em outras cidades fronteiriças, a necessidade de pesquisas sociolinguísticas, tanto para analisar a fala como a escrita da população, principalmente, dentro da perspectiva da sociolinguística educacional. Isso não significa dizer que não existam estudos sobre educação bilíngue e sobre educação em contextos bi/multilíngües em outros programas. Afirma Mello (1999, p.18) que os escassos trabalhos realizados no Brasil sobre questões relacionadas ao bilingüismo, seja na esfera social ou individual, em sua maioria dizem respeito aos estudos sociolinguísticos referentes às línguas indígenas brasileiras (2009, p.13).

<sup>3</sup>De acordo com a Proposta de Reestruturação do Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira (PRPDF), a “Faixa de Fronteira interna do Brasil com os países vizinhos foi estabelecida em 150 km de largura (Lei 6.634, de 2/5/1979), paralela à linha divisória terrestre do território nacional. A largura da Faixa foi sendo modificada desde o Segundo Império (60 km) por sucessivas Constituições Federais (1934; 1937; 1946) até a atual, que ratificou sua largura em 150 km” (BRASIL, 2005, p. 9).



Com isso, Dalinghaus utiliza como *locus* de seu estudo uma escola situada no município de Ponta Porã – MS, cidade gêmea de Pedro Juan Caballero – PY – Departamento de Amambay, objetivando entender as dificuldades do ensino/aprendizagem da língua portuguesa em ambiente de fronteira.

O presente estudo parte do pressuposto de que ensinar a língua portuguesa não é tarefa fácil, porque os obstáculos aumentam quando se trata de situações bilíngues ou multilíngues, isto é, a maioria dos alunos fala outra língua além daquela esperada, contemplada pela escola, no caso, a língua portuguesa, que sofre interferências principalmente da língua espanhola (DALINGHAUS, 2009, p.14).

Como será visto no decorrer deste texto, no estudo de Dalinghaus também é perceptível grande influência das questões relacionadas às situações de multilinguismo e multiculturalismo. Realidade esta, decorrentes, ao início da colonização espanhola nas terras do Novo Mundo, no momento em que os espanhóis se apossaram das terras onde hoje é nominado Paraguai, impondo, assim, a religião, a cultura e a língua.

Essa ideia de imposição linguística deixou marcas que persistem aos dias de hoje, como reflete a escola selecionada por Dalinghaus. A escola em questão possui uma característica comum quando se refere a escolas de fronteira Brasil x Paraguai, ou seja, as situações linguísticas encontradas são complexas, desafiadoras, pois muitos alunos possuem a habilidade oral da língua portuguesa e desconhecem a sua forma escrita padrão. Dessa forma, cria-se uma variedade linguística, o portunhol, resultado da mistura da língua portuguesa com a espanhola.

Esse contexto rico e peculiar em situações de bilingüismo encontrado nas escolas de Ponta Porã, MS, é, portanto, fonte relevante às pesquisas voltadas ao ambiente de ensino e aprendizagem, cujos desafios se baseiam em políticas lingüísticas e opções pelas línguas envolvidas no cenário. Assim, algumas dessas línguas, como no caso o português, são valorizadas na sala de aula e outras ganham um espaço limitado (DALINGHAUS, 2009, p.15).<sup>4</sup>

Amélia Sanguina Ramirez e Eliane Fernandes, por sua vez, com o estudo “Proyecto Escuela Bilingue de Frontera Brembatti Calvoso/Brasil y Escuela nº290 Defensores del Chaco/Paraguay”, se colocam objetivamente em favor ao fortalecimento dos laços de cultura, amizade e linguagem com o Projeto de Escola Bilingue, ou seja, fazendo um intercâmbio linguístico, em que escolas dos dois países interagem fazendo com que alunos brasileiros e paraguaios, ambos moradores de fronteira, aprendam os aspectos linguísticos (oralidade e escrita) e culturais do país vizinho.

---

<sup>4</sup> Dalinghaus optou, em seu estudo, manter sigilo do nome oficial da escola na qual foi realizada sua pesquisa (utilizando então: Escola Brasiguiaia), os sujeitos entrevistados também tiveram suas identidades preservadas.



Diferentemente de Dalinghaus que objetivou detectar as dificuldades sociolinguísticas presentes na escola escolhida, Ramirez e Fernandes, em seus estudos, procuraram fazer o intercâmbio linguístico e cultural de duas escolas localizadas na região das cidades gêmeas de Ponta Porã – MS e Pedro Juan Caballero – PY.

A experiência vivenciada pela escola brasileira e pela escola paraguaia é uma ação do PROJETO ESCOLA INTERCULTURAL BILÍNGUE DE FRONTEIRA, gerenciada pelo MEC (Ministério da Educação e Cultura) e SED (Secretaria de Estado de Educação) – MS. Sua justificativa respalda-se num “esforço binacional para a construção de uma identidade regional bilíngue e intercultural no marco de uma cultura de paz e de cooperação interfronteiriça” (RAMIREZ & FERNANDES, p.179, 2012).<sup>5</sup>

Iniciando no mês de março, em 2009, o PEIF foi desenvolvido pela E.E. João Brembatti Calvoso, atendendo, aproximadamente, 250 alunos, divididos em dois turnos, matutino e vespertino, e a Escola Básica 290 – Defensores Del Chaco, atendia por volta de 180 alunos. Ou seja, neste estudo, foram atendidos 430 alunos, sendo eles brasileiros e paraguaios, com o intuito de construir uma cidadania multicultural interfronteiriça.

O levantamento sociolinguístico realizado antes de iniciar o projeto revelou que 90% dos alunos das turmas que estão no projeto falam fluentemente as três línguas: português / espanhol e o guarani; 60% dos alunos que iniciam o 1º ano do Ensino Fundamental na Escola João B. Calvoso têm como língua materna o guarani (RAMIREZ & FERNANDES, 2012, p. 181)

A escola localizada na cidade de Pedro Juan Caballero, também revelou sujeitos com características bilíngues, sendo, como exemplo, na sala de *2º grado T.M. y T.T Luz*, dos 42 alunos, todos falavam espanhol e guarani, sendo que somente 7 não falavam a língua portuguesa.

Segundo Ramirez e Fernandes, essas características, de ambas as escolas, demonstram que não só em território brasileiro, como também no território paraguaio, o bilinguismo entre português/espanhol goza de grande inserção, dessa forma, sendo propícia a inserção deste projeto.

Os dois estudos relatados acima foram realizados nas cidades gêmeas de Ponta Porã/BR e Pedro Juan Caballero/PY. O de Barbosa (2013), no entanto, propõe, em um dos seus artigos, *Experiências de Fronteira: Breve abordagem sociolinguística comparativa entre*

---

<sup>5</sup> Ler MECyT & MEC. Programa Escolas Bilíngues de Fronteira: modelo de ensino comum em escolas de zona de fronteira, a partir do desenvolvimento de um programa para educação intercultural, com ênfase no ensino de português e do espanhol. Buenos Aires e Brasília:2008.



*as fronteiras de Aral Moreira-BR – Cardia-PY e Ponta Porã-BR/Pedro Juan Caballero-PY, uma comparação dessas duas fronteiras secas*<sup>6</sup>.

Algumas pesquisas têm sido realizadas para observar a realidade da fronteira de Ponta Porã - MS, para tanto, embasamo-nos, principalmente, em estudiosos como: Dalinghaus (2009); Fernandes (2012) e Silva (2005). Já no que diz respeito à fronteira de Aral Moreira - MS nota-se que pouco tem se explorado em termos sociolinguísticos, nesse sentido, embasamo-nos nos estudiosos como Barbosa (2012) que tem realizado algumas pesquisas nessa região fronteiriça e Silva (2007), que investigou a formação do município de Aral Moreira-MS (BARBOSA, 2013, p.1).

Como a região de Ponta Porã-MS/BR e Pedro Juan Caballero/PY, a cidade de Aral Moreira – MS/BR, possui uma população com uma considerável variedade étnica (brasileiros, paraguaios, brasiguaios e indígenas). Por ser também de fronteira internacional, apresenta características peculiares relacionadas à sua cultura, na qual as questões fronteiriças transcendem os limites geográficos, percebendo, então, segundo Barbosa, influências da cultura paraguaia na música, culinária, dança e língua.

Evidentemente, a vida na fronteira de Aral Moreira com o Paraguai é bastante singular, pois além das existência de uma divisão geográfica e política entre os dois países, Brasil e Paraguai, há fronteira cultural entre ambos os povos. Dessa maneira, podemos afirmar que há um verdadeiro intercâmbio sociolinguístico e cultural entre os dois países, por se tratar de uma fronteira seca que é separada apenas por uma estrada, localizada nas proximidades da Cárdua (BARBOSA, 2013, p.3).

Essa multiculturalidade presente diariamente nesta região faz com que, segundo Barbosa, o público das escolas seja também diversificado, com isso é comum a presença de paraguaios e indígenas dentro do ambiente escolar, em sua maioria moradores das áreas rurais que cercam a cidade de Aral Moreira. Estes sujeitos trazem consigo “a cultura enraizada, ou seja, seu modo de falar, de vestir e de interpretar o universo brasileiro” (2013, p.4)

Barbosa reafirma a observação feita por Dalinghaus (2009), quando discorre sobre a falta de pesquisas voltadas a esses cenários sociolinguisticamente complexos e ainda registra que não há, até hoje, em Aral Moreira, “um projeto de qualificação para os professores que atendem esse âmbito de variedades étnicas” (2013, p.4). Assim, fica a cargo dos educadores locais encontrar uma forma cabível para o ensino de Língua Portuguesa (oficial brasileira), tentando dominar/entender as línguas do país vizinho (espanhol, guarani) e a indígena (guarani).

---

<sup>6</sup> O termo fronteira seca serve para designar fronteiras que não possuem nenhum tipo de obstáculos, ou seja, não há rios, pontes ou qualquer outro tipo obstáculo físico que impeça a passagem.



Com a exposição destes estudos já finalizados e o em andamento, percebe-se a necessidade da expansão dos campos de pesquisas, ou seja, pesquisar regiões, cidades e comunidades diferenciadas que estejam também inseridas na fronteira entre o Brasil e o Paraguai, e que de alguma forma apresentem essas complexidades culturais e linguísticas.

Dessa forma, além das cidades gêmeas de Ponta Porã-MS/BR – Pedro Juan Caballero/PY e a cidade de fronteira seca Aral Moreira-MS/BR, o tópico seguinte explana o início dos meus estudos científicos voltados a esses contextos, tendo como *lócus* as cidades de Bella Vista Norte/PY e Capitán Bado/PY.<sup>7</sup>

## **1.2 Estudos Anteriores da Presente Autora- Construindo Caminhos para esta Pesquisa.**

Somando-se a estas pesquisas finalizadas e em andamentos, citadas nos Estudos Correlatos, também há uma pesquisa realizada pela presente autora no ano de 2010, ainda na graduação, dentro do programa de Iniciação Científica, nominada “Narrativas dos Paraguaio: Povos Fronteiriços”. Destaca-se que a pesquisa foi iniciada pelo até então acadêmico Murilo Santos Leite<sup>8</sup> e finalizada por mim.

O plano de pesquisa estava inserido dentro de um projeto maior chamado "Plurivocidade em Narrativas da Fronteira", coordenado pela Prof<sup>a</sup> Ms<sup>a</sup> Elma Luzia Correa Scarabelli<sup>9</sup>. Este estudo tinha como objetivo verificar se as narrativas orais poderiam ser utilizadas como veículos de manutenção e de divulgação da identidade étnica de seus indivíduos portadores, possibilitando o estabelecimento da identidade do(s) grupo(s) destacando as mudanças política e social a que se submetiam.

O plano de pesquisa por mim desenvolvido “Narrativas dos Paraguaio: Povos Fronteiriços” objetivava: demonstrar os vários significados de mundo, segundo a visão de cada entrevistado, que são moradores no país vizinho, Paraguai, fronteiriço ao Brasil, para detectar elementos de identidade; e observar aos elementos constitutivos da em narrativas contadas/recontadas para a verificação da existência da plurivocidade.

Dessa forma foram selecionadas, então, populações etnicamente diferenciadas que mantinham ou não língua diferente da oficial brasileira e estavam inseridas no universo da Tradição Oral como veículo de transmissão cultural, em Dourados e regiões circunvizinhas. As análises eram feitas a partir de narrativas orais tomadas em trabalho de campo. Sendo

---

<sup>7</sup> A cidade de Bella Vista Norte/PY é gêmea da cidade de Bela Vista-MS/BR e a cidade de Capitán Bado/PY é gêmea da cidade de Coronel Sapucaia-MS/BR.

<sup>8</sup> Murilo Santos Leite, RGM, 17191 Acadêmico do 4º ano de Letras Hab. Português/Inglês da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul.

<sup>9</sup> Prof. Ms. Elma Luzia Correa Scarabelli: professora do curso de Letras hab. Espanhol/Português e hab. Inglês/Português, do Campus de Dourados-MS.



assim, foram levantadas situações nas seguintes áreas de fronteira: Bela Vista/Bella Vista Norte-PY, Coronel Sapucaia/Capitão Bado – PY<sup>10</sup>.

Para o corpo do trabalho foi tomado como direcionamento a Tradição Oral, a partir disso as entrevistas foram analisadas de acordo com os aspectos relacionados à cultura, à memória e à identidade de cada narrativa.

Foi percebido, então, que este povo, considerado brasiguaiio, carrega características advindas das marcas traçadas pela colonização, e pela Guerra da Tríplice Aliança.

As peculiaridades foram percebidas nas narrativas contadas, estas particularidades puderam ser encontradas na cultura, na linguagem, nas lembranças presente tanto na memória histórica quanto na memória coletiva (HALBWACHS, 1990)<sup>11</sup>, o que acabam por influenciar direta e indiretamente a formulação da identidade deste povo.

No aspecto da linguagem, verificou-se presença da história, quando, no início da colonização, havia um relacionamento entre indígenas, falantes da língua guarani, com o colonizador, os espanhóis, dando fruto a crianças que aprendiam primeiramente a falar a língua da mãe, e após a Guerra da Tríplice Aliança é inserida mais uma língua, o português, pois grande parte do território paraguaio passa a ser domínio brasileiro, e os residentes de tais localidades são obrigados, indiretamente, a aprender a nova língua.

Estes aspectos, relacionados à cultura e à linguagem foram percebidos por meio das memórias presentes nas narrativas contadas. Percebeu-se, então, a presença da memória histórica, resultante de um enunciado original revisado em diversos discursos sem limite de tempo, e por fim documentados a partir de seus monumentos e acontecimentos, e, também, por uma memória coletiva, mantida por narrativas informais contadas pelos entrevistados. Porque ora os brasiguaios relatavam a presença da história documentada em suas vidas, ora lembranças do dia-a-dia, restritas a um grupo seleto de pessoas.

Com isso, no produto final deste estudo, que obteve o nome de “Discurso Brasiguaiio: Vozes da Fronteira”, foi possível concluir que a plurivocidade detectada nas entrevistas sobrevém do fato de os habitantes serem oriundos de uma região colonizada pelos espanhóis; serem sobreviventes das guerras; terem sofrido a imposição da língua espanhola e a marginalização da língua guarani; a proximidade geográfica dos dois países; e o contato direto com a língua portuguesa.

---

<sup>10</sup>Entrevistas coletadas por Wildilene Pereira Moreira, RGM 17200, Acadêmica do 4º ano de Letras Hab. Português/Inês da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

<sup>11</sup> Ler HALBWACHS, M.1990. Memória Coletiva. São Paulo: Ed. Revista do Tribunais LTDA



Sendo assim, as vozes dialogavam entre si num jogo de interesses políticos, econômicos e sociais. O habitante da região estudada foi entendido como um ser híbrido. Nele estão conjugadas as interferências decorrentes das lutas travadas ao longo da história. O presente é a média das histórias vividas e narradas, de forma que os limites territoriais não determinam a identidade do povo, a cultura identitária transcende os limites geográficos.

Porém, neste primeiro trabalho traçado, os aspectos de linguagem, principalmente relacionados às questões sociolinguisticamente complexas, não foram aprofundados e sim somente usados como base para um estudo focado na cultura, memória e identidade destes sujeitos. Dessa forma, foi percebida a necessidade de mergulhar mais profundamente nas questões bilíngues e transculturais destes sujeitos, sendo assim, das entrevistas coletadas na cidade de Capitán Bado, foram escolhidas duas para constituir o corpus para realização do estudo de caso para esta dissertação.

Apresentar os trabalhos correlatos desenvolvidos em áreas de fronteiras de Mato Grosso do Sul teve relevância na medida em que mostram pontos comuns ao que a presente pesquisa aponta. E, particularmente, trazer informações sobre o plano de trabalho na iniciação científica evidencia o envolvimento com a temática desde a graduação. Este conjunto, certamente, fortalece a necessidade de ampliar os trabalhos no sentido de mostrar a pluralidade sociolinguística brasileira e, com isto, quebrar situações preconceituosas em relação ao “outro”, ao “diferente”.

### **1.3 Metodologia de Base para esta Dissertação**

Para dar início ao estudo é relevante especificar, detalhadamente, os passos que foram adotados, para que haja uma compreensão plena na trajetória percorrida, sem equívocos no entendimento dos resultados finais da investigação.

Dessa forma, este capítulo tem o intuito de apontar os procedimentos metodológicos seguidos, desde a escolha e delimitação do tema, passando pela coleta e análise dos dados, até a finalização do processo redacional desta dissertação, considerando sempre o contexto sociolinguisticamente e culturalmente complexo em que as entrevistas analisadas foram coletadas.

Apresentar neste trabalho o levantamento e o tratamento metodológico se justifica, nesta pesquisa, porque o corpus foi parcialmente retomado para este estudo. Traze-los aqui além de dar-lhes os créditos situa o leitor do estudo focalizando parte das entrevistas coletadas pelos membros do grupo já referidos.



A seguir, serão tratadas as bases metodológicas da pesquisa, fundamentando sua tipologia e apresentando os sujeitos das entrevistas.

### 1.3.1 Classificação do tipo de pesquisa

O método que norteia essa pesquisa é de caráter qualitativo/interpretativo voltado para o estudo de caso. Desse modo, foi utilizado Flick (2012) como fundamento teórico metodológico.

[...] a pesquisa qualitativa usa o texto como material empírico (em vez de números), parte da noção da construção social das realidades em estudo, está interessada nas perspectivas dos participantes, em suas práticas do dia a dia e em seu conhecimento cotidiano relativo à questão em estudo. Os métodos devem ser adequados àquela questão e devem ser abertos o suficiente para permitir um entendimento de um processo ou relação (FLICK, 2012, p.16).

O autor propõe treze passos a serem seguidos no processo de análise dentro da pesquisa não padronizada, ou seja, qualitativa. Os passos iniciais (1 a 6) abraçam: a seleção de um problema de pesquisa; a busca da literatura; a questão da pesquisa; e do acesso.

Sendo assim, como primeiro passo, foi escolhido como problema de pesquisa a “busca da identidade fronteiriça por meio do bilinguismo detectado em entrevistas coletadas na cidade de Capitán Bado – PY”. Essa escolha se deu a partir do momento em que os estudos realizados na Iniciação Científica (citados na seção anterior) focaram a busca desta identidade pela memória e cultura desses sujeitos considerados que as questões linguísticas, naquele momento, não precisavam de um aprofundamento teórico ou analítico. Entretanto, no decorrer das releituras sobre o tema e um novo contato com as entrevistas, notou-se a necessidade de um novo olhar voltado às questões bilíngues e uma maior atenção às relações identitárias.

Diante deste problema surge a questão; “Como os sujeitos potencialmente bilíngues da região selecionada reconstruem suas identidades linguísticas e/ou fronteiriças no diálogo com o outro?”, ou seja, como essas relações bilíngues ocorrem e quais são suas ligações diretas ou indiretas da fronteira com a história e a cultura, as afinidades que ocorrem um para com o outro.

Para que isso possa ser respondido, foi escolhida uma literatura que dialogasse com o problema, sendo que para as questões bilíngues os aportes estão baseados em Grosjean (1982), Romaine (1995), Mello (1999), para questões relacionadas à identidade Hall (2003), Bhabha (1998), fronteira com Moita Lopes & Bastos (2002), para políticas linguísticas



Pereira & Costa (2011), para a história do Paraguai por Fernandez (2002) e, por fim, a metodologia em Flick (2012)

A pesquisa qualitativa ou não padronizada presta menos atenção às concepções da pesquisa e ainda menos ao controle das condições através da construção de concepções específicas. Em geral, o uso do termo “concepções de pesquisa” refere-se aqui ao planejamento de um estudo: como planejar a coleta e análise dos dados e como selecionar o “material” empírico (situações, casos, indivíduos, etc.) para se poder responder à questão da pesquisa no tempo e com os recursos disponíveis (FLICK, 2012, p.74).

Por ser uma pesquisa qualitativa/interpretativa, relacionada a duas entrevistas feitas em Capitán Bado-PY, coletadas num projeto anterior como já anunciado, entendeu-se que o estudo mais pertinente para essa análise seria o estudo de caso.

O objetivo dos estudos de caso é a descrição ou reconstrução precisa dos casos. Aqui o termo “caso” é entendido como algo mais amplo. Você pode usar pessoas, comunidades sociais (p.ex. famílias), organizações e instituições (p.ex., uma casa de repouso) como o tema de uma análise de caso. Seu principal problema será então identificar um caso que seria relevante para a sua questão de pesquisa e esclarecer o que mais está ligado ao caso e que abordagens metodológicas sua reconstrução requer (FLICK, 2012, p.75).

Com isso, nota-se que estas narrativas coletadas de sujeitos acima de 40 anos, moradores da cidade de Capitán Bado e conhecedores das histórias dos fatos que ocorreram em sua região, são cabíveis a este tipo de estudo, pois essas estão, de acordo com Flick, relacionadas a um acontecimento de certa natureza que ocorre num determinado contexto e está interligada a uma unidade de análise, que pode ser um sujeito, o função exercida ou o comportamento deste sujeito dentro de uma comunidade, a própria comunidade, seja ela da cidade de Capitán Bado, a relação com a cidade gêmea de Coronel Sapucaia, as questões fronteiriças Brasil-Paraguai ou somente do Paraguai.

Para a análise desses casos há de ser entendida a forma como estes se comportam, pois os mesmos por certo são estáticos, sendo definidos como temporários (comportamentos/eventos que caracterizam um dado período), ou relacionado á um espaço/local, (uma pesquisa de um evento que ocorre num local específico).

Implicit in most social scientific notions of case analysis is the idea that the objects of investigation are similar enough and separate enough to permit treating them as comparable instances of the same general phenomenon. At a minimum, most social scientists believe that their methods are powerful enough to overwhelm the uniqueness inherent in objects and events in the social world. The idea of comparable cases is implicated in the boundary between dominant forms of social science and other types of discourse about



social life (e.g., journalism and, in many quarters, history). The audiences for social science expect the results of social scientific investigation to be based on systematic appraisal of empirical evidence. Use of evidence that is repetitious and extensive in form, as when it is based on observations of many cases or varied cases, has proved to be a dependable way for social scientists to substantiate their cases are typical or exemplary or extreme of theoretically decisive in some other way<sup>12</sup>(RAGIN & BECKER, 1992, p.2).

Dessa forma, foram escolhidas duas entrevistas narrativas<sup>13</sup>, retiradas do acervo do estudo já citado, e buscar entender, nestes sujeitos bilíngues, como acontece a reconstrução de suas identidades linguísticas, e até mesmo fronteiriças, no diálogo com o outro.

O seguinte passo, sétimo, proposto por Flick, envolve a amostragem, coleta, documentação e análise de dados. Em relação às amostragens utilizadas pela pesquisa qualitativa, o autor ressalta que, normalmente, são escolhidas a amostragem teórica ou amostragem intencional.

A amostragem refere-se a estratégias para garantir que você tenha os casos “certos” no seu estudo. “Certo” significa que eles permitem generalizações da amostra para a população por esta ser representativa dela. [...] Estas estratégias de amostragem são um passo importante no planejamento da pesquisa. Algumas concepções de pesquisa vão necessitar de uma ou de outra forma de amostragem. Os experimentos, os estudos de grupo-controle ou duplo-cegos necessitam de uma amostragem aleatória a fim de serem bem-sucedidos. Para um estudo qualitativo não padronizado, desenvolvido a partir da teoria, as estratégias de amostragem teórica ou intencional são mais apropriadas (FLICK, 2012, p.82).

Para esta pesquisa foi escolhida a segunda, amostragem intencional, porque, quando os sujeitos foram contatados, não havia alguém da própria comunidade a indica-los. Aas pessoas foram contatadas considerando os locais onde os entrevistadores passavam, portanto, aleatoriamente. Havia, todavia, a intenção de perceber como estes sujeitos explicitavam o uso ou usos da(s) língua(s) naquele contexto de fronteira.

---

<sup>12</sup> A ideia de que os objetos de investigação são semelhantes o suficientes e independentes o suficientes para permitir tratá-los como instâncias comparáveis do mesmo fenômeno geral, está implícita nas noções científicas mais sociais de análise de caso. No mínimo, a maioria dos cientistas sociais acreditam que seus métodos são poderosos o suficiente para sobrepujar a singularidade inerente a objetos e eventos no mundo social. A ideia de casos comparáveis está implicada na fronteira entre as formas dominantes de ciências sociais e outros tipos de discurso sobre a vida social (por exemplo, jornalismo e, em muitos lugares, a história ). O público-alvo das ciências sociais esperam os resultados da investigação científica social a ser baseada numa avaliação sistemática de evidências empíricas. O uso de provas de que é repetitivo e extenso em forma , como quando ele é baseado em observações de muitos casos ou casos variados, provou ser uma maneira segura para os cientistas sociais para comprovar os seus casos são típicos ou exemplares ou extremo de , teoricamente, decisiva em alguns outra maneira [tradução livre]

<sup>13</sup>Na entrevista narrativa, o informante é solicitado a apresentar a história de uma área de interesse de que tenha participado em uma narrativa improvisada [...] A tarefa do entrevistador é fazer o informante contar a história da área de interesse em questão como uma história consiste de todos os eventos relevantes do início ao fim (HERMANNNS apud FLICK, 2012, p.116)



Esta proposta por Patton (apud Flick, 2012), é dividida em “casos extremos”, “casos típicos”, “casos críticos”, “casos politicamente importantes ou sensíveis”, “amostragem de variação máxima” e “amostragem de conveniência”. No primeiro, casos extremos, o processo de pesquisa é, particularmente, longo e pode ter sucesso ou não. Os casos típicos são característicos de metade para maior gama de casos, neste caso o campo é mais explorado que a parte central do caso. Os casos críticos partem de conselhos de especialistas em relação aos casos que poderão/vão ser escolhidos. A amostragem de variação máxima possui intensidades diferentes nas características de cada caso. Já na amostragem de conveniência, escolhe-se casos mais acessíveis, escolhidos, normalmente, em estudos com tempos limitados.

Para que a amostra fosse realizada, tomou-se a atividade de coleta e documentação dos dados, que, em suma, é a forma e o material logístico a ser utilizado para recolher as informações dadas pelos sujeitos.

Na documentação dos dados, o registro é normalmente o primeiro passo. As entrevistas, por exemplo, são gravadas em fita, gravadores de *mp3* ou vídeo. Nas observações, as anotações de campo ou protocolos são escritos, algumas vezes baseados em gravações em vídeo. Para as entrevistas, a transcrição – isto é, compor um texto escrito a partir do que foi registrado acusticamente – é o próximo passo (FLICK, 2012, p.62).

Assim, as entrevistas analisadas nesta pesquisa foram retiradas de um *corpus* coletado no ano de 2010 (exposta na seção 1.2 desta dissertação), e este, para que pudesse ser colhido e transcrito contou com amparo tecnológico dos materiais que pudessem viabilizar plenamente as atividades propostas, como gravador de voz, pilhas, computador, impressora, folhas *sulfite* e o aporte teórico.

Na pesquisa qualitativa, a interpretação pode envolver a análise das declarações da entrevista, eventos ou ações documentados nas anotações de campo feitas a partir das observações. Aqui você também buscará explicações: por que algumas declarações ocorrem em contextos específicos juntamente com outras declarações, ou por que elas ocorrem com mais frequência em determinadas condições (FLICK, 2012, p.62).

A partir disso começa a análise do conteúdo coletado, o primeiro passo é seguir uma “análise qualitativa de conteúdo”, proposta por Mayring (apud Flick, 2012), que toma norte a definição do material que será analisado, que, nessa pesquisa, após a leitura do *corpus*, foram escolhidas duas entrevistas realizadas na cidade de Capitán Bado, com sujeitos acima de 40 anos, sendo que o primeiro casal é paraguaio e o segundo brasileiro, entretanto, os sujeitos presentes na segunda entrevista moram há mais de 20 anos na região, fazendo com que já tenham absorvido os costumes daquele lugar.



Estas narrativas foram transcritas de acordo com a fala do sujeito, não se atendo a formas gramaticais e sim sonoras, de uma forma que para acentuação do som sibilante da consoante S será dobrada a mesma, ou seja, ao invés de escrever *brasileiro* (o que poderia acarretar uma leitura onde o S tenha de z) é escrito *brassilero*. Essa prática foi tomada para que fosse possível perceber as mudanças linguísticas que o sujeito produz durante o diálogo, e buscar, de alguma forma, informações que pudessem identificar as influências identitárias, culturais e linguísticas presentes.

Foi realizada também a seleção dentro destas entrevistas escolhidas. Essa segunda escolha se resumiu em selecionar trechos que contenham informações as quais possam ser analisadas com profundidade e partir para a análise interpretativa.

**Tabela 1 - Baseada no Modelo do processo analítico de conteúdo geral (fonte: Mayring, 1983, p.49) apud Flick 2012**

<b>Procedimento</b>	<b>Elaboração</b>
<b>Definição do Material</b>	Duas entrevistas realizadas na cidade de Capitán Bado-PY, retiradas do <i>corpus</i> do projeto “Narrativas dos Paraguaios: Povos Fronteiriços”, realizado no período de 2009/2010
<b>Análise da situação em que ele foi produzido</b>	Iniciação Científica do ano de 2009/2010, dentro do projeto maior “Plurivocidade em Narrativas da Fronteira”, coordenado pela Prof <sup>Ms</sup> Elma Luzia Correa Scarabelli e fomentado pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.
<b>Interpretação dos resultado segundo as principais questões de pesquisa</b>	Interpretação tomando como base os traços marcados nas falas contrapondo com o referencial teórico-metodológico tratado neste estudo.

Fazendo isso, para o prosseguimento da pesquisa, voltou-se à questão inicial do estudo, levando à análise interpretativa e seguindo os seguintes passos:

**Tabela 2 - Baseada no Modelo do processo analítico de conteúdo geral (fonte: Mayring, 1983, p.49) apud Flick 2012**

<b>O que? Qual é a questão?</b>	Como os sujeitos potencialmente bilíngues da região selecionada reconstruem suas identidades linguísticas e/ou fronteiriças no diálogo com o outro?
<b>Quem? Que pessoas ou atores estão envolvidos? Que papéis eles desempenham? Como eles interagem?</b>	Sujeitos moradores da fronteira Brasil-Paraguai. Moradores da cidade de Capitán Bado-PY cidade gêmea de Coronel Sapucaia-MS/BR. Integrantes de um contexto sociolinguisticamente complexo em que são apresentadas situações de bi(multi)linguismo, com a presença das línguas portuguesa, espanhola e guarani.
<b>Como? Que aspectos do fenômeno são mencionados (ou não mencionados)?</b>	O bilinguismo é detectado por meio do diálogo e coleta das narrativas, as quais são transcritas do modo que o sujeito fala. Além das questões bilíngues é percebida questões históricas que



---

	acabam por influenciar tal comportamento linguístico do sujeito.
--	--

---

Considerando a análise dessas entrevistas, tomou-se, então, o ponto de identificar, junto à literatura escolhida, os aspectos que pudessem ser reconhecidos teoricamente, dessa forma todos os itens já acumulados, como literatura, coleta de dados e análise, conduzem a uma discussão dos resultados e procuram demonstrar sua validade e confiabilidade.

Então, este estudo parte de uma pesquisa qualitativa, interpretativa, voltada à um estudo de caso, tendo como fonte de análise entrevistas coletadas na cidade de Capitán Bado/PY e como base teórica metodológica Flick.

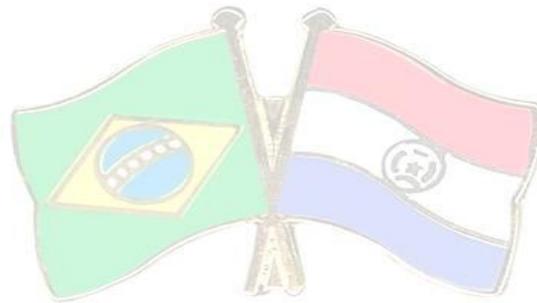
Além do que como foi dito nos estudos correlatos, são poucos os estudos voltados para essas questões linguísticas, culturais e identitárias envolvendo a fronteira Brasil-Paraguai, principalmente na fronteira sul-mato-grossense. Isto porque, nas fronteiras do Rio Grande do Sul, muitos estudos tem se desenvolvido resultando no fortalecimento do Programa das Escolas Interculturais de Fronteira. Todavia, nossas fronteiras apresentam igualmente um grau significativo de complexidade e, percebendo a necessidade de uma atenção mais peculiar, entende-se que este estudo é uma forma de visibilizar essas questões.

No capítulo que se segue serão tratadas as bases teóricas que amparam esta pesquisa.



## **CAPÍTULO II**

### **CONSTRUÇÃO DOS APORTES TEÓRICOS PARA A DISSERTAÇÃO**



## 2.1 Definições de Identidade e a hibridação do sujeito fronteiriço

Considerando o problema proposto (busca da identidade fronteiriça por meio do bilinguismo detectado em entrevistas coletadas na cidade de Capitán Bado – PY) e o objetivo desta dissertação, entende-se que a questão da identidade é algo relevante, assim, nesta seção este será o tema a ser discutido.

Segundo Hall (2003), as definições relacionadas à identidade sofreram e sofrem mudanças, fazendo com que atualmente não se consiga determinar um só significado para tal palavra. Para que isso seja entendido, será retomado, brevemente, um pequeno histórico que ilustre as definições que o termo “identidade” já possuiu.

Uma das definições de identidade é a do sujeito do Iluminismo (HALL, 2003, p.10), que considerava que a mesma era própria e exclusiva de uma determinada pessoa. Construída, até então a partir da história de vida do indivíduo, por meio das memórias e cultura que recebe da família, da comunidade e por fim da sociedade em que vive.

Além do nome, parentesco e nacionalidade, o indivíduo compõe sua identidade por intermédio das experiências vividas no meio em que está. Ali aprende a língua mãe, os costumes, as tradições e entra em contato com as memórias coletivas e históricas do povo. Estes elementos se farão parte da construção da sua personalidade e da construção da memória individual.

O sujeito do Iluminismo estava baseado numa concepção de pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou “idêntico” a ele – ao longo da existência do indivíduo. O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa (HALL, 2003, p.10).

Pode-se exemplificar este processo seguindo a linha do desenvolvimento deste indivíduo. A partir do nascimento o sujeito começa a construir constantemente sua identidade pois está, desde o princípio, em contato com outros indivíduos. Sendo assim, absorve informações e comportamentos que o tomará como únicos. Dessa forma, o indivíduo forma sua identidade agrupando informações e ideais, formulando-as e tomando como próprias. Estas informações e ideias, que são absorvidas através dos sentidos e principalmente através do discurso, de acordo com o tempo, se transformam em características permanentes da personalidade deste indivíduo.

O discurso, de acordo com Foucault (1996), age como elemento de construção e transmissão de significados. Considerando-se o modo de agir do indivíduo e sua visão de



mundo, os significados formarão valores constituintes da identidade, ou seja, que aprende na infância é algo que será carregado ao longo da vida.

Há também o conceito de identidade a partir do Sujeito Sociológico, em que Hall acredita que a identidade é relacionada a uma cultura determinada, neste caso a identidade de uma cultura é o que se pode atribuir a características de uma cultura específica. Já quando se refere ao indivíduo, estas características servem para que ele seja identificado como pertencente ao grupo.

A noção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com “outras pessoas importantes para ele”, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que ele/ela habitava.[...] De acordo com essa visão, que se tornou a concepção sociológica clássica da questão, a identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem (HALL, 2003, p.11).

Este conceito de identidade consegue preencher as questões entre “interior” e o “exterior”, o mundo do indivíduo e o mundo que o acerca. A grande questão, deste tipo de sujeito social, é que o mesmo projeta o seu “eu” nas identidades culturais, no mesmo momento em que absorve, internaliza, seus significados, tornando-o parte de si. Dessa forma consegue ocupar espaços no mundo social e cultural.

Então, percebe-se que diferentemente do “sujeito iluminista”, que tinha sua identidade voltada completamente para o “eu”, o “sujeito sociológico” já se envolve com outras identidades, estas relacionadas à sociedade, à cultura, porém, mesmo com esta abertura, inserindo o outro em seu contexto identitário, este “sujeito sociológico” ainda possui o seu núcleo no eu. A identidade, partindo desta ponto de vista sociológico, permeia entre o “interior e o “exterior”, o mundo individual e o mundo público.

Além dessas duas concepções, Hall também apresenta o conceito do “sujeito pós-moderno”. Este sujeito, ao contrário dos dois modelos anteriores, está se fragmentando, ou seja, não é composto de uma única e exclusiva identidade. Ele se caracteriza por absorver várias identidades, estas, muitas vezes, de cunho contraditório, e até mesmo incompletas.

Este sujeito “pós moderno” representa os entrevistados para este estudo. Eles apresentam em suas entrevistas momentos em que se situam no Paraguai e em outros momentos no Brasil, além disso há também momentos em que Juan e Tereza, brasileiros redidentes em Capitán Bado, argumentam que a família virou paraguaios, pois antes monolíngues em língua portuguesa, hoje falam português, espanhol e guarani “tudo



misturado”, e esta mudança, para eles, identifica-os como paraguaios, o que na verdade seriam brasiguaios.

Hall discorre que a definição de identidade, como um bloco único de características comuns, está se fragmentando, dando origem à “crise de identidade”. Esta crise seria parte de um processo maior, resultante de uma mudança, que consiste no deslocamento das “estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social” (HALL, 2003, p.7).

Hall ainda comenta que conceituar “identidade” é demasiadamente complexo, “muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea para ser definitivamente posto a prova” (2003, p.8). Ou seja, assim como o bi(multi)linguismo, que desafia os estudos da área dada a sua complexidade e fluidez, razões que limitam o pesquisador definir a partir de uma só definição, é impossível definir “identidade” em um só eixo, sendo assim, não há como “oferecer afirmações conclusivas ou fazer julgamentos seguros sobre as alegações e preposições teóricas, sobre o tema” (2003, p.8).

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo. Como observa o crítico cultural Kobena Mercer, “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza” (HALL, 2003, p.09).

Isto resulta num sujeito pós-moderno, que não possui uma identidade fixa, permanente, e entra em crise com a possível mobilidade identitária. Essa crise é promovida pelo fato de o sujeito não conseguir mais estabelecer um ponto fixo de suas características, ele acaba por assumir diversos tipos de identidade, cada uma sendo “usada” em momentos diferentes, dissipadas de uma homogeneização, de uma coerência única.

Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmo ou uma confortadora “narrativa do eu”. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e



cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 2003, p.13).

Percebe-se, então, que há um deslocamento do sujeito, ou seja, uma descentralização de seu eixo identitário. No primeiro, como já foi visto, a identidade é voltada completamente para o “eu”, para o indivíduo e sua percepção como único. Num segundo momento surge o Sujeito Sociológico, que começa abrir espaço para o meio em que o indivíduo vive, tornando-o mais sujeito do que indivíduo, pois, aqui, a cultura começa a fazer parte da construção identitária desde homem. E na terceira concepção aqui apresentada, sujeito pós-moderno, há um deslocamento mais intenso das identidades, ou seja, o sujeito sai de seu eixo central e passa a assumir diferentes identidades em diferentes localidades.

De acordo com Canclini (2001):

Já não basta dizer que não há identidades caracterizadas por essências autocontidas e aistóricas, nem entendê-las como as formas em que as comunidades se imaginam e constroem relatos sobre sua origem e desenvolvimento. Em um mundo tão fluidamente interconectado, as sedimentações identitárias organizadas em conjuntos históricos mais ou menos estáveis (etnias, nações, classes) se reestruturam em meio a conjuntos interétnicos, transclassistas e transnacionais. As diversas formas em que os membros de cada grupo se apropriam dos repertórios heterogêneos de bens e mensagens disponíveis nos circuitos transnacionais geram novos modos de segmentação (CANCLINI, 2001, 23).

Na linha de fronteira do Brasil e Paraguai, temos duas sociedades nacionais, a brasileira e a paraguaia. Cada uma carrega sua identidade nacional, composta pela língua, crenças e ideologias políticas, entretanto, no momento em que estes sujeitos se entrecruzam nesta língua de fronteira, no dia a dia, relacionando-se com a(s) língua(s) do outro país, costumes e cultura, os indivíduos que compõe/passa a compor essa sociedade começam a remodelar seus atos de acordo com o novo contexto, havendo uma ressignificação.

A sociedade não é, como os sociólogos pensaram muitas vezes, em um todo Unificado e bem delimitado, uma totalidade, produzindo-se através de mudanças evolucionárias a partir de si mesma, como o desenvolvimento de uma flor a partir de seu bulbo. Ela está constantemente sendo “descentrada” ou deslocada por forças fora de si (HALL, 2003, p.17).

Dessa forma, o sujeito acompanha esta sociedade moderna, e se torna tão descentrado quanto ela, o que, na visão de Laclau (apud Hall, 2003), não pode acarretar um desencorajar no sujeito e sim um estímulo, pois o estudioso acredita que “o deslocamento tem características positivas”, pois, a mudança não se concentra somente nas desarticulações das identidades estáveis do passado, mas também no surgimento de novas articulações identitárias, ou seja, produção de novos sujeitos.



Na resignificação destes novos sujeitos, seguindo os pensamentos de Bhabha (1998), há uma fronteira que vai além da geográfica para eles. Ao invés de existir, para os entrevistados, somente uma fronteira fixa, marcada por territórios e demarcações, há uma fronteira firmada pelo tempo e espaço.

Nossa existência hoje é marcada por uma tenebrosa sensação de sobrevivência, de viver nas fronteiras do "presente" [...]. Inícios e fins podem ser os mitos de sustentação dos anos no meio do século, mas, este *fin de siècle*, encontramos-nos no momento de trânsito em que espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão. (BHABHA, 1998, p.19).

A influência de uma tradição velada por traços históricos, para Bhabha, proporciona uma identidade que não pode ser chamada de original, ou pura (identidade pós moderna, fragmentada, ressaltada por Hall), pois estas características que compõem a identidade são resquícios de um confronto de diversas culturas.

Sendo assim, neste trabalho as culturas que permeiam os sujeitos analisados são provindas do Paraguai. Com isso, leva-se em conta o colonizador espanhol, a população indígena guarani autóctone e a cultura brasileira, presentes pelo fato da cidade analisada dividir o espaço com uma cidade brasileira, Coronel Sapucaia, sendo considerada uma cidade gêmea com caráter transnacional (discutido no próximo tópico).

**Dessa forma,** o autor lança algumas questões que são pertinentes na procura de uma definição de identidade.

De que modo se formam sujeitos nos "entre-lugares nos excedentes da soma das "partes" da diferença (geralmente expressas como raça/classe/gênero etc.)?", "De que modo chegam a ser formuladas estratégias de representação ou aquisição de poder [*empowerment*] no interior das pretensões concorrentes de comunidades em que, apesar de histórias comuns de privação e discriminação, o intercâmbio de valores, significados e prioridades pode nem sempre ser colaborativo e dialógico, podendo ser profundamente antagônico, conflituoso e até incomensurável? (BHABHA, 1998, p. 20).

Essas questões, baseadas nos relatos e análises feitas a partir das entrevistas, são autenticadas a partir do momento em que os sujeitos relatam resquícios da Guerra da Tríplice Aliança (representados pelo nome da cidade que foi de um capitão paraguaio, a geografia atual do país, o saudosismo por um Paraguai do passado), a língua guarani como minoritária (marginalizada dentro do ambiente escolar), a língua guarani como elemento fundamental para ser considerado um paraguaio (sujeitos monolíngues em língua portuguesa, quando mudam para o Paraguai, veem a necessidade de aquisição para se adequarem ao novo contexto), movimentos de desterritorialização e territorialização ( "falo que sou brasileiro", "a



família virou paraguaia”) contato com o país vizinho e sua língua oficial, além do trânsito humano facilitado pela proximidade entre as duas cidades.

Há, então, situações que são advindas de conflitos históricos, sociais, que influenciam nas línguas como veículos de comunicação e em uma definição concreta voltada à identidade destes sujeitos. Estas situações partem da “articulação social da diferença, da perspectiva da minoria, é uma negociação complexa, em andamento, que procura conferir a autoridade aos hibridismos culturais que emergem em momentos de transformação histórica” (BHABHA, 1998, p.21).

O recorte a seguir reflete os resquícios da colonização e do preconceito linguístico ainda refletido nas relações linguísticas:

[...]quando perguntava aos alunos e pais se falava espanhol ou guarani, eles então se entreolhavam e a primeira resposta era “não” e com o passar do tempo quando a conversa ia se desenvolvendo e se sentiam mais a vontade, muitos ainda relutavam em afirmar que sim, mas de repente quando uma pergunta era feita em espanhol ou guarani eles respondiam nessas línguas então sem graça afirmavam “é eu falo um pouquinho”... (diagnóstico lingüístico, MEC, 2008).

Dizer que fala a outra língua, no caso, o guarani, é admitir uma identidade paraguaia. O espanhol, igualmente, também dá essa referência. Vale destacar que esse recorte foi extraído do diagnóstico linguístico do MEC, aplicado em 2008. Vale ressaltar que os aplicadores eram brasileiros, o que colocava em questão o confronto transcultural entre brasileiros e paraguaios.

A identidade do povo fronteiriço, mais precisamente daqueles que cederam suas histórias para esta pesquisa, está em constante conflito. Como será visto no capítulo 3, os sujeitos, principalmente Juan e Tereza, não conseguem se identificar plenamente como brasileiros, pois adquiriram o espanhol e guarani e constituíram família no Paraguai, entretanto eles não se colocam plenamente paraguaios, pois o registro identitário oficial fora feito no Brasil. Dessa forma, o comportamento identitário destes sujeitos possui um tom híbrido. Esta característica é presente pela forma a qual eles se comportam diante da história do seu povo, além de apresentarem em sua cultura e memória, traços que retomem peculiaridades de uma tradição ora advinda de um passado remoto, ora de um passado recente.

De acordo com Canclini, para considerarmos híbridos, “deveremos situar a hibridação em outra rede de conceitos; por exemplo, contradição, mestiçagem, sincretismo, transculturação e criouliização” (CANCLINI, 2001, p.24).



Os sujeitos analisados se encaixam por serem brasileiros e paraguaios. Sendo que na primeira entrevista parte de dois irmãos brasileiros que se mudaram para o Paraguai, junto à família, e tiveram que se adequar ao novo contexto, adquirindo língua, costumes e a cultura paraguaia. Os mesmos constituíram família em Capitán Bado, e por seus filhos terem nascido no Paraguai, pela proximidade com a cultura paraguaia, eles dizem que a família se tornou paraguaia. No entanto, ora eles se situam no Brasil ora no Paraguai, além destas questões voltadas aos enunciados que indicam que “eu sou brasileiro, mas virei paraguaio”.

No caso da segunda entrevista, dessa vez com um casal de paraguaios, os mesmos não possuem conflitos com a localidade, entretanto possuem um saudosismo com o tempo “brilhante” do Paraguai, além de se denominarem bilíngues (em espanhol e guarani) mas preferirem várias palavras em português, com a intenção de se fazerem entender pelo entrevistador.

A importante história de fusões entre uns e outros requer utilizar a noção de mestiçagem tanto no sentido biológico – produção de fenótipos a partir de cruzamentos genéticos – como cultura: mistura de hábitos, crenças e formas de pensamentos (CANCLINI, 2001, p.29).

Essa identidade pós-moderna vivida pelos habitantes desta região fronteiriça, Brasil x Paraguai, é resultante do fato de na cultura deles haver traços culturais (da religiosidade, folclore, linguísticos) do colonizado e colonizador e em suas memórias estar presente elementos que possam retomar, dentro do discurso, eventos já ocorridos e presentes na linguagem, costumes e tradição. É uma identidade dialogada entre o passado e o presente, a história e o atual, os espaços antigos e os contemporâneos:

As fronteiras entre países e as grandes cidades como contextos que condicionam os formatos, os estilos e as contradições específicos da hibridação. As fronteiras rígidas estabelecidas pelos Estados modernos se tornaram porosas. Poucas culturas podem ser agora descritas como unidade estáveis, com limites precisos baseados na ocupação de um território delimitado [...] A hibridação ocorre em condições históricas e sociais específicas, em meio a sistemas de produção e consumo que às vezes operam como coações segundo se estima na vida de muitos migrantes (CANCLINI, 2001, p.29).

Essa porosidade se agrava quando o contato dessas fronteiras é diário, como ocorre nas cidades transfronteiriças, ou seja, cidades-gêmeas. A facilidade de se deslocar de um país para o outro transcende as mudanças culturais e geopolíticas. Ir até a cidade gêmea seria como se deslocar a um bairro qualquer pertencente à cidade, ou seja, muitas vezes estes sujeitos interpretam como um lugar só, desconsiderando as questões políticas que indicam que são comunidades diferentes.



Entende-se que os brasiguaios são um “retorno de uma imagem de identidade que traz a marca da fissura no lugar do Outro de onde ela vem” (BHABHA, 1998, p.77), ou seja, a identidade deles, provavelmente, seja constituída por características retomadas da cultura e memória dos acontecimentos ocorridos ao longo da história.

### 2.1.2 Conceitos de Fronteira – Cidades Gêmeas

Sabendo que a cidade de Capitán Bado está localizada na linha de fronteira com o Brasil, mais precisamente dividindo o “mesmo espaço” com a cidade brasileira Coronel Sapucaia, sendo assim considerada uma cidade gêmea, vê-se a necessidade de elucidar alguns conceitos que vão da definição de território até o que leva um determinado lugar ser considerado “cidades-gêmeas”. Para isso, utilizarei os conceitos de fronteira fornecidos pela Proposta de Reestruturação do Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira (PRPDFF – 2005) e Campigoto (2008).

De acordo com a PRPDFF (2005), para que se determine a fronteira geográfica deve se levar em conta os conceitos de *território*, *territorialidade*, *faixa* e *zona de fronteira*.

O primeiro conceito, território, é fruto de procedimentos “de controle, dominação e/ou apropriação do espaço físico por agentes estatais e não-estatais”(PRPDFF, 2005, p.17). Esses processos ocorrem por parte da ação do Estado ou de grandes empresas, chamado de movimento “de cima para baixo”, ou o inverso, “de baixo pra cima” por intermédio de práticas e sentidos relacionados ao lugar vivido e representado pelas comunidades. Dessa forma, o território é “o processo de territorialização [...] filtrado pelos agentes sociais, que acaba por delinear o território por uso e posse, e não somente por determinação jurídico-administrativa”(BRASIL, 2005, p.17).

Percebe-se que o território não é algo natural, criado pela natureza. Segundo Campigoto há uma ação relacionada ao poder que são advindas de guerras, lutas diplomáticas, determinando assim os limites territoriais, mas a fronteira vai além destes marcos.

Os marcos de fronteira e as linhas que se supõe uni-los fazem "girar" um conjunto de significados pertencentes a diversas tradições que reunidas em um todo fazem a fronteira existir como uma entidade significante” (PAGLIARINI JUNIOR & CAMPIGOTO, 2002).

Dessa maneira, para essa formação de território as tradições, culturas e influências históricas do sujeito reunidas, independente de batalhas travadas, influenciam na formação de



nichos que por sua vez produzem fronteiras, seja elas representadas pelo território ou por questões subjetivas que envolvem língua, costumes, comportamentos, etc.

Voltando aos conceitos propostos pelo PRPDFF, a territorialidade é construída nos processos relacionados às questões de poder diante os territórios.

[...]o poder de afetar, influenciar, controlar o uso social do espaço físico - não criam homogeneidade ou uma qualidade única do território, nem mesmo, obrigatoriamente, geram um território, pois podem se “empilhar” tanto quanto articular-se em tensão constante ou gerar conflitos abertos. Ao contrário do território, que de alguma forma define “nós” e os “outros”, o “próprio” e o “não-próprio”, ou seja, carrega um sentido de exclusividade, a territorialidade é um processo de caráter “inclusivo”, incorporando novos e velhos espaços de forma oportunista e/ou seletiva, não separando quem está “dentro” de quem está “fora”. Por isso mesmo, a territorialidade de algum elemento geográfico dificilmente coincide com os limites de um território, embora possa justificar a formação de novos territórios (BRASIL, 2005, p.17).

Dessa forma, tomo o território como a demarcação oficial de um determinado local e a territorialidade é o espaço ocupado pelos sujeitos, o espaço vivido.

Antes de decorrer sobre a zona de fronteira proposto pelo PRPDFF, venho expor como Campigoto discorre sobre linha/faixa de fronteira. O autor registra que as linhas de fronteiras internacionais são um objeto, traçadas de forma imagética nas bordas geográficas dos países/nações, estabelecidas por um poder jurídico que muitas vezes não leva em consideração as etnias, nacionalidades e comunidades, a ponto de “separar os povos ou, ainda, ponto de junção entre nacionalidades” (CAMPIGOTO, 2008, p.379).

Com esse comportamento de determinação Estatal (provindo das Uniãos competentes), a linha de fronteira vem para estabelecer uma declaração pela lei, coligada aos limites territoriais competentes ao Estado. Já a zona de fronteira é voltada para um espaço de interação, “social transitivo, composto por diferenças oriundas da presença do limite internacional, e por fluxos e interações transfronteiriças, cuja territorialização mais evoluída é a das cidades-gêmeas”:

As cidades-gêmeas são aqueles em que o território do município faz limite com o país vizinho e sua sede se localiza no limite internacional, podendo ou não apresentar uma conurbação ou semiconurbação com uma localidade do país vizinho (cidades-gêmeas) (PRPDFF, 2005, p.11).

Essas cidades gêmeas, tais como Capitán Bado/Coronel Sapucaia, Pedro Juan Caballero/Ponta Porã, Bella Vista Norte/Bela Vista, entre outras, são cidades conurbadas, pois constituem uma única malha urbana, dando a impressão de ser uma única cidade. Além disso, a transitoriedade dos sujeitos é comum e diária, sendo essas relacionadas a trabalho, moradia



e lazer, fazendo com que as interações transfronteiriças influenciem nos processos de reconfiguração identitária.

Com isso, há uma quebra de nacionalidade fixa, determinando o sujeito que reside nessa conurbação como de uma determinada nacionalidade que represente um único país. Apresenta-se uma quebra na “homogeneidade das identidades nacionais”, deixando claro que as culturas e os povos são dinâmicos e vivenciam tensões inerentes à existência humana e que possibilitam novas formas de viver, criando novas histórias e novas geografias” (TERENCIANI, 2012, p.1).

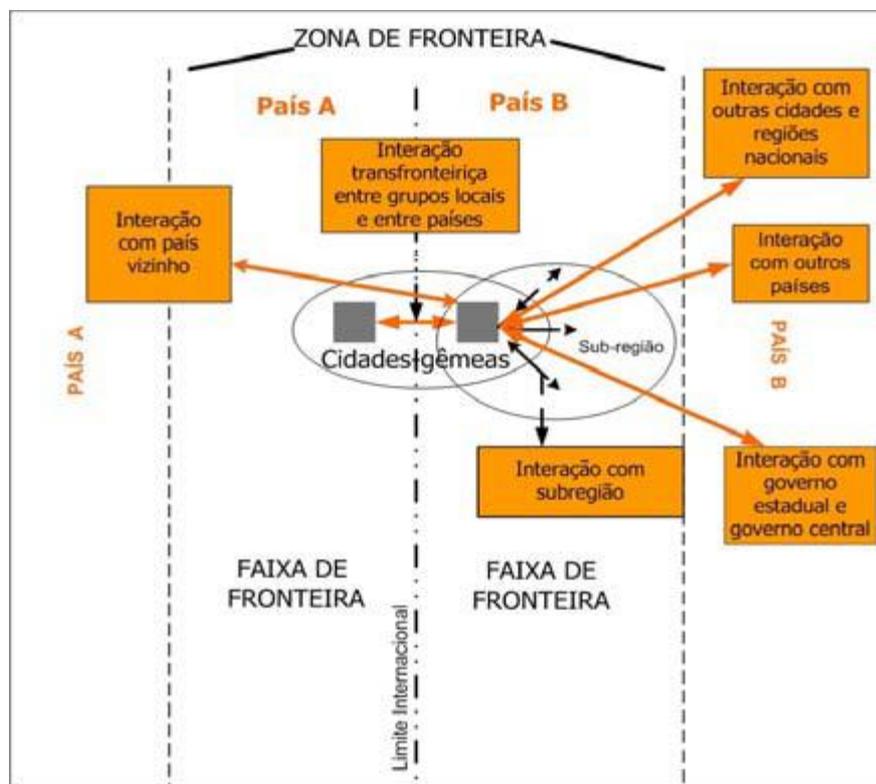


Figura 2 CONCEITOS – FAIXA E ZONA DE FRONTEIRA - Fonte PRPDF (2005)

O comportamento geográfico representado pelas cidades gêmeas internacionais resulta numa movimentação transfronteiriça, que separa e une os países, que no caso deste estudo afasta e aproxima o Brasil e o Paraguai, e os sujeitos pertencentes à esta região transitam naturalmente, sendo que para estar em contato com o novo país, geograficamente, basta cruzar a rua internacional.

### 2.1.3 Cultura, Linguagem e Memória Brasileira: Uma Identidade Híbrida



De acordo com as reflexões acerca da cultura, linguagem e memórias pode-se identificar características peculiares em relação às comunidades fronteiriças da cidade paraguaia de Capitán Bado. Os moradores desta cidade ao mesmo tempo que presenciaram o desenvolvimento do Paraguai, acabaram por sofrer mudanças culturais após o término da Guerra da Tríplice Aliança. Com isso, novas características são atribuídas à cultura destas comunidades e acabam por agir como elemento necessário na formação das identidades.



Figura 3 Av. Flavio Derzi (Fonte: Google Imagens acesso 30/09/13)

Esta imagem evidencia o quanto há interligação entre as duas cidades/países. Somente o canteiro central separa as duas cidades e os dois países.

É neste local de fronteira que o corpus foi coletado e que trazemos um recorte para ilustrar o caso desta pesquisa. Vale trazer fragmento das duas entrevistas escolhidas para o estudo de caso, que foram coletadas na cidade de Capitán Bado, percebe-se no discurso determinadas marcas conversacionais que ajudam a identificar sua identidade por meio da cultura que possuem, a linguagem que utilizam e os tipos de memórias que estes povos transmitem por meio da oralidade. Não se tem aqui a intenção de iniciar procedimentos de análise, os recortes devem ilustrar as questões de identidade aqui discutidas e a serem retomadas no momento da análise.

Comparando trechos das entrevistas feitas nas duas cidades, podem ser encontradas características próprias dos povos da fronteira. Estes apresentam características comuns aos dois países.

**Entrevista 1**  
**A. Juan B. Tereza**



A. o nome da cidade é porque:: - o nome da cidade é u:: ( ) Matia Badosa... ele era:: da guera du:: setenta. si, esse Matia Bado. ele era capitaun, na epoca da:: da guerra com Brasil... a tripli aliança: Brasil, Argentina i:: tava brigandu cum:: Paraguai ne?

B. [ porque justamente ele quando ia na::: ( )... moreu ( ) Lopes – ele no chegô lá nê? moreu aqui. ( )

A. [ esse Matia Bado. hãn/ah o nome da cidade era pa sê Matia Bado.

B. [ ( ) pa se Matia Bado.

## Entrevista 2

### A. Davi B. Cecília

A. Capitán Matia Vavo. chamava.

E/era:::combatien..

B. [ ahora se lhama... ( )

A. é. Ê a hitória de/de que se chamava (Niuera) era nome ante de colocar-se Capitán Bado. Tá gravando? ((tá gravando)) ((moto passando)) Tá gravando-lo? No/no (entendo) ( ) ((e tem a história du/du porque esse nomeou da pessoa?desse capitão?)) Si. Esse/era capitão que era:: quando:: Paraguai ( ) guera contra Blassil, Arrentina e Uruguai. Ê. Foi herói (nu caminho) da guera. Enton (colocaram) ( )

B. Acho que passaram por acá.

A. [Por acá passaram. E aí colocaram ( )

B. Porque todo isto/todo isto era de Paraguai e ( ) era de Paraguai (ANEXO I)

A. [Passado ( ) brilhante era do Paraguai.(ANEXO II)

Esses fragmentos dialogam a partir do momento em que nas duas entrevistas é colocada a informação de que a cidade passa a se chamar Capitán Bado afim de homenagear o capitão tombado heroicamente na Guerra da Tríplice Aliança.

Pode-se perceber a partir da leitura destes excertos, a presença de um discurso alusivo à Guerra da Tríplice Aliança como memória histórica destes povos. Vale ressaltar que a partir desta guerra foram fixados os limites da fronteira entre Brasil e Paraguai, dando origem às cidades e às características culturais destas comunidades.

Nota-se também a presença de uma linguagem diferenciada, decorrente aos resultados deste episódio. A mistura das línguas portuguesa, espanhola e guarani é uma das peculiaridades que constituem a identidade deste povo.

Nota-se o emprego da língua portuguesa e a da língua espanhola, de uma mesma palavra, ora ele emprega os vocábulos em espanhol ora em português. Esse uso alternado evidencia o quanto a identidade linguística destes sujeitos não é única, mas que se constrói na relação com o outro o tempo todo dando-lhes liberdade de uso, sem ressalvas, sem restrições.

Percebe-se esta interação dos dois povos em trechos das entrevistas, em que são narrados os dramas culturais decorrentes do contexto político que estavam passando. Em algumas citações, são mencionadas as árvores genealógicas de certos indivíduos, e nestas há



exemplos concretos da mistura entre paraguaios e brasileiros, formando o que, na linguagem popular, chamam brasiguaios.

### Entrevista 1

#### A. Juan B. Tereza

B. minha mae e meu pai são do::ertado do Paraná. ele tudo viero de lá. eleviero de lá, casaro, ((criança falando)) (vivero em Paranho) e nô iertamo tudo... (registrado) em Coronê Sapucaia. aqui e o meus irmão mai novo tão em Amambái, eu to aqui em Coronê Sapucaia, e meu irmão mair novo foi (registrado) em Amambái

A. nô ieralmente morava em Paranho, eu nasci em Para... e de Paranho passemos no – passamos no Paraguai que é ai pertin... frontera assi...

[...]

A. qui a mãe da minha mãe já é gaucha ... us parenti do meu pai tem::arguma irmã dele fala até o guarani ... (alemão...) os parenti da minha mãe não fala nada((é tem mistura né?))

B. [minha filha mora em Campo GRANDe

A. [agora o pai fei noventa anos dia cinco fevereru. Veiu tudo parenti dele lá do Brasil do norte do Acre, Campo Grande (( do Acre!)) é...

Este trecho da entrevista será retomado no momento da análise pela relevância dos elementos linguísticos e culturais.

Nota-se a transitoriedade cultural destes entrevistados, mesmo nascidos no Brasil, tem alguns com suas famílias residindo nas cidades da fronteira. Muitos fixaram-se nestas comunidades fronteiriças e por conseguinte, se permitiram absorver a cultura e a linguagem do lugar. Nos registros, há também a presença de narrativas que mostram o processo inverso, em que os filhos destes que saíram do Brasil em direção ao Paraguai, voltam ao país de origem dos pais, adquirindo, então, características da cultura brasileira.

Este conjunto de informações, linguagem, costumes, culturas, faz com que, provavelmente, os sujeitos tenham dificuldades em se dizer brasileiros, paraguaios ou mesmo fronteiriços. Há uma “crise” de identidade porque o próprio indivíduo possui, ao mesmo tempo, culturas de países diferentes, mas presentes em um mesmo lugar. Este fato acarreta um estado híbrido destes indivíduos. Afinal, eles mesmos põem em dúvida sua origem, que pode ser percebido no trecho a seguir:

### Entrevista 1

#### A. Juan B. Tereza

A. não, eu no posso falar que eu..eu (purexemplu) nasci em Paranhú. me mudei quando era criança mai... ( ) que nasci em Paranho, falu que so brassilero ((risos))

[...]

A. [ só que a minha vó, mãe do meu pai era argentina

B. [ela fala (como) argentina ...ela fala castelhano mas no é do espanhol de hoje ... fala do jeito de/de arrentino... mas era brassilera



Percebe-se no trecho um que Juan, mesmo nascido no Brasil, brinca com sua condição, dizendo “falu que so brassilero”, indo quando criança para a cidade paraguaia absorveu a linguagem da comunidade de Capitán Bado, mas ainda se considera brasileiro. No trecho dois, os irmãos Juan e Tereza relatam a origem de sua avó paterna, e após uma classificação da avó como originária da Argentina, eles afirmam “mas era brassilera”. Leve-se em conta o marcador – mas – que utilizado em dois momentos, sendo que no primeiro ele identifica o espanhol o qual sua avó falava e o segundo anula a origem de sua avó, que num primeiro momento é dada como argentina e no segundo como brasileira.

Estas indecisões atribuídas à origem destes indivíduos fazem com que mesmo que detenham uma identidade diferenciada, caracterizada pela sua memória histórica, sua linguagem e sua cultura, estes indivíduos em momentos alternados se consideram brasileiros e paraguaios, marcando uma origem híbrida.

## **2.2 Políticas Linguísticas - Brasil, um país monolíngue?**

A política linguística brasileira tem uma história que se inicia desde o período da colonização. Primeiramente tendo características pluriculturais e plurilíngues, devido a presença das diversas tribos indígenas e a chegada dos portugueses. Supõe-se, então um ocorrência de *diglossia*, que “Ferguson (1964, p.429) caracterizou de “duas variedades de uma língua coexistem numa mesma comunidade, cada uma desempenhando um papel definido” (MELO, 1999, p.26). Sendo assim, entende-se que mesmo havendo a possibilidade deste ambiente sociolinguístico complexo não ser pacífico, havia a presença da diglossia, do bilinguismo.

No entanto, há a concepção de que a língua é um dos itens identificadores de uma nação, e o fato de existirem a chamada língua geral, “língua veicular a partir do contato entre os europeus e os indígenas” (PEREIRA & COSTA, 2011, p.51) e a Nheengatu, fez com que, Marquês de Pombal, com o intuito de fortalecer a colonização portuguesa e extinguir qualquer possibilidade de “criação de uma identidade brasileira”, elabora o Diretório do Índio. Esta lei foi criada no ano de 1775, entretanto, passa a vigorar em 1778. Esta Lei registra que cada comunidade (aldeia ou vila) deveria ter um ponto de ensino, ou seja, uma escola, sendo que as salas seriam separadas por gêneros, com professores diferente. Todas as aulas deveriam ser ministradas em Língua Portuguesa, sendo, sendo proibido qualquer outro tipo de idioma. Além do ensino, todo indígena deveria adotar um nome em português, para que integrasse totalmente na sociedade do colonizador, língua, nome, perdendo sua identidade natural.



Havia o intuito estabelecido de política linguística em prol da formação de uma sociedade monolíngue em língua portuguesa, no entanto, a proposta secundária desta Lei era fazer com que o indígena se sentisse igual ao colono, ou seja, falando a mesma língua e tendo a mesma origem nominal, porém, essa pseudo igualdade servia para atrair uma simpatia, a fim de facilitar a mão de obra indígena. Para que isso pudesse ser posto em prática, uma das ações tomadas, foi expulsar os Jesuítas da colônia, “o Regente via nos jesuítas uma ordem inimiga do Império porque, ao catequizar os indígenas, difundiam ainda mais as línguas locais, enfraquecendo o poder da Corte” (PEREIRA & COSTA, 2011, p.51), dessa forma, bani-los das terras coloniais era de suma importância.

Mesmo assim, a escravização indígena era difícil, os mesmos conheciam a geografia da terra facilitando as fugas, além de terem condições, pela língua, de se organizarem, resistindo à captura, dessa forma, a quantidade de indígenas capturados para a mão de obra não supria a demanda necessária, pois com o cultivo da cana-de-açúcar e a mineração estavam se expandindo, e a necessidade de “trabalhadores” era evidente.

Dessa forma, a maneira de suprir esta falta, apesar da língua e não podendo por o plano em prática da forma pensada, ou seja, escravizando os indígenas, a solução encontrada foi a de buscar no continente africano. Trazer aquele povo para o país implicaria novamente em outro desafio. Era, portanto necessário buscar estratégias objetivando melhor “domesticação” dos negros trazidos. A separação das famílias africanas e de membros da mesma tribo seria uma estratégia relevante, isso acarretavam senzalas com sujeitos de etnias diferentes, muitas vezes com membros de tribos inimigas, dificultando a resistência, ou seja, formação de grupos que pudessem organizar um modo de fuga, além de forçar o aprendizado na língua português pois as línguas tribais não eram as mesmas.

Assim, a única possibilidade de comunicação seria por meio do conhecimento da língua dos escravagistas para usá-la como língua veicular. [...] Nesse infinito processo de desumanização dos africanos, além de se extrair a liberdade dos indivíduos, dele se extraia também a última possibilidade de se verem como seres humanos, a utilização das suas línguas maternas para comunicação (PEREIRA & COSTA, 2011, p.51).

Portanto, a língua portuguesa passaria ser a única maneira de comunicação entre escravos e seus senhores, dificultando a organização de fugas. Entretanto, a situação de *diglossia* não se extinguia somente pelo fato de que os escravos foram obrigados a adotar a língua do colono, e sim porque, mesmo sendo a grande maioria, os africanos não detinham o poder, e a minoria detinha as forças armadas, polícia e exército, sendo assim, a repressão era uma das formas de forçar o uso da língua europeia. Outra forma de constituição da



*glotofagia*<sup>14</sup> era o almejo pela alforria, falar a língua do colono era uma forma de ascensão social.

Assim, em situações em que no interior de uma mesma comunidade, porém com grupos diferentes em ordem de importância político-social, nesse caso, cidadãos livres, escravos e aborígenes, há sempre tendência de uma língua se sobrepôr à outra, independentemente do número de falantes. De acordo com este pressuposto a língua portuguesa pode ter passado a ser mais do que língua materna dos imigrantes de origem lusitana (PEREIRA & COSTA, 2011, p.52).

Com isso, a *diglossia*<sup>15</sup>, e o multilinguismo sofrem um desequilíbrio em relação à língua portuguesa, o grande motivo é que as gerações posteriores destes escravos, além dos “brancos”, com predominância dos “pardos”, nasciam em um contexto em que a língua portuguesa estava naturalizada como única, sendo assim, se tornando a língua materna desta segunda geração de escravos. De acordo com Ribeiro (apud Pereira & Costa 2011), “os africanos quem difundiram a língua portuguesa no Brasil”, ou seja, essa diferença tribal, linguística entre os escravos fez com que se incorporasse passivamente não só a língua, mas, também, a cultura do senhor, “acabaram conseguindo aportuguesar o Brasil, além de influenciar de múltiplas maneiras as áreas culturais onde mais se concentraram, que foram o nordeste açucareiro e as zonas de mineração do centro do país. (RIBEIRO apud, PEREIRA & COSTA, 2011, p.53).

Em, 1798, quando a maior parte dos objetivos, propostos na Lei elaborada por Pombal, são atingidos, a Lei é revogada pela Carta Régia.

Com a abolição da escravatura o Brasil se intensificou a crise em relação à mão de obra. Dessa forma, surge a Lei de Terras de 1850, que proíbe o tráfico de escravos e incentiva povos de outros países a “investirem” sua mão de obra no Brasil, dessa forma, alemães e italianos se deslocam para as terras brasileiras, no entanto, eles trazem em suas bagagens sua língua e cultura materna, fazendo com que a nacionalidade brasileira, outra vez, sofresse um desequilíbrio em sua identidade almejada pelos governantes.

Afinal, o Estado não possuía, e ainda não possui, uma política linguística que reconhecesse outra língua que não fosse a portuguesa<sup>16</sup>. Sendo assim, estes novos cidadãos não tinham nenhum incentivo relacionado à manutenção cultural e linguística. Por certo isto

<sup>14</sup> De acordo com Calvet (2005) A glotofagia (do grego glosa, "língua"; y phagos, "comer"), o genocídio linguístico designa o processo político-social mediante de qual a língua de uma determinada cultura desaparece parcial ou totalmente, vítima da influência, em maior parte direta e coercitiva, em outra cultura.

<sup>15</sup> Os aspectos diglóticos serão aprofundados no tópico O que é diglossia? p.58

<sup>16</sup> No entanto vem tentando construir e fortalecer uma política linguística nas áreas de fronteira via o Programa Intercultural de Escolas de Fronteira – PEIF.



acarretava em buscar uma forma de organização, por meio de associações visando o fortalecimento linguístico e cultural. Na ocasião, estes grupos através de sua organização chegaram a publicar almanaques e jornais a fim de garantir vivo os valores da terra natal. Dessa mesma forma, foram criadas escolas de outras nacionalidades, objetivando suprir a lacuna bilíngue existente no país, pois o imigrante não tinha acesso ao ensino propedêutico.

De acordo com Pereira (*in mimeo*) até o fim da era imperial, havia, no Brasil, somente 13 colônias oficiais alemãs, sendo que existiam mais de 80. Esta comunidade alemã, fortemente amparada por associações, organizou-se política, cultural e linguisticamente. Produziam material escrito, tais como jornais e informativos, que circulavam em toda região brasileira que contivesse comunidades alemãs.

Além deste material de leitura, os imigrantes alemães abriram escolas particulares, direcionadas às crianças de seus grupos. Estas escolas cresciam mais nos estados da Região Sul do país, Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, e também no Sudeste brasileiro, Rio de Janeiro, sendo que em São Paulo, em 1918, havia em torno de 20 mil pessoas, associações culturais, imprensa étnica e 14 escolas alemãs.

Como Marquês de Pombal, com a intenção de criação e fortalecimento de uma identidade nacional, Getúlio Vargas também entra com uma medida similar objetivando exigir que as comunidades imigrantes se despissem de sua cultura materna e absorvessem a cultura do país onde residiam.

Então, no Estado Novo, instaurado por Getúlio Vargas, foi criada a Campanha de Nacionalização. Este ato foi um conjunto de medidas tomadas para forçar a integração das comunidades estrangeiras, ou seja, os imigrantes, que moravam no Brasil, além de diminuir a influência dessas sociedades na cultura nacional. Num primeiro momento, em 1938, “temos o decreto inicial da intervenção nas escolas mantidas por descendentes de imigrantes, o decreto 406, de 04 de maio de 1938” (PEREIRA & COSTA, 2011, p.52), em que o ensino de língua portuguesa se tornou obrigatório, e a possibilidade de cursar uma língua estrangeira só era possível após os 14 anos. Só podia ser diretor o sujeito que fosse brasileiro nato, os professores eram ou brasileiros natos ou naturalizados, entretanto, era de capital importância estes serem graduados em escolas brasileiras. As aulas eram ministradas em língua nacional. As escolas deveriam ter nomes brasileiros, sendo assim, qualquer instituição estrangeira foi proibida.

Segundo registros históricos de Fáveri tem-se que:

[...] entre 27 de janeiro de 1942 e 27 janeiro de 1943, foram realizadas 1.227 detenções e abertos 27 inquéritos por reincidência do uso do idioma alemão



ou italiano, e Santa Catarina, conforme relatório do delegado de Ordem Política e Social, Antonio de Lara Ribas, detenções estas feitas principalmente em Blumenau, Joinville, Hamônia, São Bento, Rio do Sul e Rodeio (2002, p.72).

Além destes aspectos, houve um tipo de avaliação para ver quais comunidades eram aptas para absorver essa "nova nacionalidade", alguns grupos foram considerados menos aptos que outros, intitulados como incapazes devido à língua, à religião e à atividade econômica.

Percebemos que houve uma forçada tentativa de mudança da “língua materna” de uma minoria linguística para coincidir com a língua do Estado e da maioria. Essa minoria era então vista com desconfiança, ainda que nunca tivesse havido, por parte dos brasileiros que tinham outra língua materna que não a portuguesa, qualquer tentativa de separação. Em decorrência da perseguição realizada pelos aparatos ideológicos e repressivo do Estado, escola e política, respectivamente, criou-se o peso da desconfiança sobre os ítalo-brasileiros e teuto-brasileiros, provocando o estigma de serem menos brasileiros por falarem outra língua que não a portuguesa, levando-os, como estratégia de sobrevivência, ao abandono, temporário, da língua materna. Tal estratégia, embora pudesse ter o caráter de efemeridade, passou a ser definitiva devido à maior integração das comunidades isoladas com as comunidades falantes de português (PEREIRA & COSTA, 2011, p.55).

Aqueles que se recusavam a se integrar tal política eram considerados traidores do sistema. Não eram levadas em conta as distâncias geográficas existentes no Brasil, ou seja, aquelas comunidades que se situavam distantes dos grandes centros, em que só existiam os brasileiros advindos de outras comunidades nacionais, em que o ensino era feito, praticamente todo, na língua materna daqueles sujeitos, além dos educadores serem inseridos naquele meio. Sendo assim, o ensino da língua portuguesa era precário, pois nem sempre o professor era falante da língua. Essas características levaram ao entendimento equivocado por parte da União, dessa maneira, acabaram-se promovendo práticas etnofóbicas. Dessa forma, de acordo com Pereira & Costa,

percebemos que as minorias linguísticas e suas línguas sempre foram vistas como um elemento virtualmente perigoso à formação de identidade nacional, o que acabou por levar as práticas etnofóbicas ou persecutórias em muitos lugares, não só no Brasil (2011, p.56).

Até meados de 1960, o ensino de língua estrangeira foi voltado para o francês, dessa forma, famílias de poder aquisitivo significativo mandavam seus filhos estudarem na França pois acreditavam que lá seus filhos teriam melhor desenvolvimento acadêmico. Percebe-se que a apreensão de línguas estrangeiras prestigiadas não tinha influência de imigração na sociedade brasileira, a intenção de aprendê-las era relacionada ao poder aquisitivo do sujeito,



era um aprendizado elitizado. Dessa maneira, as línguas das comunidades indígenas, alemãs, italianas, entre outras, se mantinham marginais, hostilizadas.

Atualmente o Brasil se mantém, ainda, oficialmente monolíngue, apesar de constitucionalmente prever a educação bilíngue, diferenciada e intercultural para os povos indígenas. Há o reconhecimento de LIBRAS (Língua brasileira de sinais) para os surdos. Vale destacar que além destes segmentos da população nacional, há um olhar mais realista que somos pertencentes à uma sociedade bi(multi)língue<sup>17</sup>, considerando a existência das comunidades alemãs<sup>18</sup>, italianas<sup>19</sup>, japonesas, indígenas<sup>20</sup>, entre muitas outras. Carregando sua língua, sua cultura, e fazendo com que se mantenha sempre presente por meio de sua identidade.

Desse modo, há iniciativas, de alguma forma isoladas, buscando a implementação de políticas linguísticas de reconhecimento das línguas faladas nas comunidades. Alguns exemplos disto estão em São Gabriel da Cachoeira/AM onde três línguas indígenas foram co-oficializadas: Guarani, Nengatu e Tucano; município de Tacuru no MS na co-oficialização do Guarani/Português; Pomerode/SC, na co-oficialização do alemão pomerano e o português. São, todavia, construções isoladas porque não é por força do Estado, mas por iniciativas das próprias comunidades. Portanto, não é, de fato, uma política linguística estatal.

### 2.2.1 Discutindo na perspectiva do Bilinguismo

Parafraseando Grosjean (1982) percebe-se, no mundo, uma grande quantidade de idiomas (sejam estas línguas ou variações linguísticas), que vão além das delimitações geográficas firmadas pelos países em suas fronteiras geopolíticas. Estas línguas estão divididas em países considerados oficialmente multilíngues e até naqueles que são, ditos pelos governos, como monolíngues.

De acordo com Grosjean (1982, p. 4), “são entre três a quatro mil línguas no mundo, que moram em apenas 150 países”, alguns as reconhecem como línguas oficiais e outros as

<sup>17</sup> Ler PEREIRA, Telma. Línguas em contato e Educação Bilingue no Brasil. Revista Palavra, nº 11, p.55-62, 2003.

<sup>18</sup> Ler SAVEDRA, Mônica Maria Guimarães. A Língua Alemã no Brasil: uma língua de/em contato. p. 13-22, IN BORSTEL, Clarice Nadir e COSTA-HÜBE, Terezinha da Conceição. Linguagem, Cultura e Ensino. Ed. Edunioeste. 2011

<sup>19</sup> Ler FAGGION, Carmem Maria e LUCHESE, Terciane Ângela. Bilinguismo e Escolarização na Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul, 1930-1960. p.197-224 In SILVA, Sidney de Souza. Línguas de contato: Cenários de Bilinguismo no Brasil. Col. Linguagem e Sociedade. Campinas-SP VI.02. 2011

<sup>20</sup> Ler EMMERICH, Charlotte. O Continuum na Língua de contato do Alto Xingu. Parque indígena do Xingu, Mato Grosso. Revista Palavra, nº 11, p.89-106, 2003.



marginalizam. Contudo, tem-se que saber como este processo de reconhecimento das línguas, quais são os graus de monolinguismo, bilinguismo e multilinguismo nos países, quais são aqueles que as enxergam como línguas e aqueles que consideram como um evento anti-nacional, e como ocorre este bilinguismo/multilinguismo, sua manutenção, sua extinção.

Primeiramente, será necessário identificar o que é língua, suas variações e como ela é aplicada na questão do bilinguismo. Em segundo ponto situar o bilinguismo, dificilmente enquadrado em uma definição fixa, pois este tem vários graus, que dependem do contexto o qual é inserido, qual é a função deste neste contexto, quem o utiliza e como o utiliza.

De acordo com Mello (1999), “uma língua não é apenas um sistema de sons, um conjunto de unidades significativas dispostas em uma cadeia morfossintática” (p.14), não é somente um instrumento que tem a função de firmar a comunicação. Uma língua age dentro da sociedade, permeando seus comportamentos, fazendo a ponte entre a história de um povo, a cultura e sua vida. O modo como os sujeitos agem, seus valores, ideologias, crenças e a maneira como se portam influenciam nas falas, fazendo que “os povos sejam semelhantes, porém singulares” (idem), pois mesmo que o código seja parecido, estes aspectos acabam diferenciando qualquer grupo social, ou seja, não há grupos sociais idênticos.

Mesmo que o país seja considerado monolíngue, oficialmente, não há como determinar uma homogeneidade linguística. Acreditar que pode haver uma uniformidade linguística dentro de limites fronteiriços, é ilusão, pois as línguas se fundem, se misturam, transcendendo os traços geográficos, e mesmo assim, com essa mescla se mostram, sendo possível identificar a presença de cada uma.

Segundo Mello, teoricamente há possibilidades de delinear linhas que demarquem a fronteira linguística, delimitando-a, entretanto este ato é “puramente didático, que leva em consideração apenas o fator espaço” (p.14) que acaba indicando uma uniformidade, homogeneidade linguística, dentro de um local específico, ou seja, desconsidera-se o ir e vir do sujeito, suas relações interpessoais com outro. Foca-se somente o espaço geográfico e a língua.

Estes aspectos não estão ligados somente em fronteiras que determinam divisões entre países, estes se referem também, às questões variacionais da língua. Um bom exemplo é o Brasil, que possui uma extensão, territorialmente grande e que mesmo com toda diversidade étnica e linguística entende-se que a Língua Portuguesa é o idioma oficial. Desta forma, um *único* sistema linguístico, entretanto, sabe-se que a variação linguística existe, considerando que termos empregados no nordeste do país não cabem no dia-a-dia daqueles que habitam o sul do país. Então, mesmo que seja “uma língua só” esta sofre interferências do sujeito, da



localidade, dos costumes, da cultura, da história, não se mantendo 100% homogênea, causando também o surgimento de outras formas de falar o português. Estas formas podem ser percebidas em variações lexicais relacionadas a um termo específico, como para menino (guri, moleque, piá), mandioca (macaxeira, aipim) entre outros. Então, se dentro de um país, considerado monolíngue oficialmente, há estas mudanças na língua, entende-se que em fronteiras que envolvem nações o contexto seja mais complexo.

[...] a diversidade linguística não pode ser discutida apenas em termos puramente espaciais. Há, pelo menos, duas outras dimensões. Uma delas é a dimensão social de grupos e classes de indivíduos que representam a estrutura social de uma dada área geográfica. Assim, a fala dos membros da diretoria de uma fábrica qualquer difere da fala de seus operários; a maioria das expressões e gírias usadas pelos adolescentes não fazem parte do repertório linguístico de seus pais ou professores; o jargão profissional dos médicos, por exemplo, difere daqueles usado em outras profissões não-correlatas, e assim por diante. Em outras palavras, cada segmento da sociedade pode apresentar variações linguísticas próprias, embora façam uso de um mesmo código linguístico (MELLO, 1999, p.15).

É nestas variações, que segundo Mello, abre-se à noção de dialeto, este que acaba por se referir às diferenças, variações, verbais de cada região. Richards (apud Mello, 1999) define este termo, dialeto, como:

[...]uma variedade de língua falada em uma parte do país (dialeto regional) ou por pessoas pertencentes a uma determinada classe social (dialeto social ou socioleto) e que difere em algumas palavras, na estrutura gramatical e na pronúncia, das outras formas da mesma língua (RICHARDS apud MELLO, 1999, p.16).

O termo dialeto não se refere a uma língua menor ou para determinar, pejorativamente, alguma ação linguística, e sim, descreve o comportamento lexical de um grupo social determinado, considerando suas características próprias, refletidas na pronúncia, na construção sintática das frases e também na lista vocabular utilizada em determinadas regiões. Alguns estudiosos, da área de linguística, preferem não se apropriar do termo dialeto por considerarem seu estigma social, por esta razão, utilizam da terminologia “variação” com o intuito de fugir dessa ideia que associa o dialeto como um sistema linguístico rudimentar, além de formas certas ou erradas de falar tal código linguístico. Mesmo não tendo, linguisticamente, uma conotação pejorativa, as pessoas assimilam, por questões culturais que são carregadas dia após dia, o termo a um sentido negativo.

Entende-se que essas marcas linguísticas na fala do sujeito não marcam só o espaço do qual ele advém, vai além, situa as diferenças sociais, culturais, além de grau escolar e posição no panorama social econômico. Dessa maneira a palavra dialeto ganha mais significados, indo



além da diferença lexical da norma padrão de um sistema linguístico. Identifica além desta mudança da forma de proferir a língua, características peculiares do sujeito a qual o utiliza.

Sendo assim, tomando essas variações linguísticas apontadas, surgem as minorias linguísticas, das quais são, muitas vezes, encaradas como formas não-padrão da língua. A norma-padrão, é aquela elitizada, propedêutica, ensinada nas escolas como fixa, homogênea, conservadora e tradicional, as normas-não-padrões são inovadoras, em constante mudança, entretanto, estigmatizadas como “erradas”:

Entretanto, a ideia de língua padrão é uma abstração, pois pressupõe uma língua ideal em termos de estrutura gramatical e uso “correto”, seja na sua forma oral ou escrita. Além disso, é difícil aceitar que a língua padrão é aquela falada por uma elite educada e dominante, uma vez que também as pessoas educadas falam variedades não padrão. [...] ninguém fala uma única variedade linguística, mas várias, dispostas em um *continuum*, cujos modos de fala são ativados segundo as necessidades de uso. Também os termos *línguas minoritárias* e *línguas majoritárias* são definidos segundo o *status* e o papel que as línguas exercem na sociedade e não fazem alusão ao cálculo das “vozes”(MELLO, 1999, p.18).

Sendo assim, não há como definir uma norma fixa de condução à fala de determinada língua, esta possuirá variações mesmo que seja institucionalizado a forma “correta” de a proferir. É como dialoga Mello no excerto acima, “ninguém fala uma única variedade linguística, mas várias”, isso ocorre porque cada espaço, evento, tempo pede uma forma de se comportar linguisticamente. Não veremos um médico ter sua fala clínica quando estiver sentado com os amigos em um restaurante falando sobre temas como futebol, família, política e vice-versa. Dessa maneira, não encontraremos uma forma de falar fixa, o código poderá se manter homogêneo em sua escrita, porém, mesmo assim, há maneiras de perceber o sujeito no texto grafado:

Além disso, há as variações que dizem respeito aos domínios e à situação. Em geral, contextos diferentes requerem estilos ou registros diferentes. Assim, um falante de uma determinada variedade pode apresentar um ou outro *estilo*, dependendo do contexto situacional. A escolha das palavras, o tom ou o colorido da linguagem muda conforme a função ou o tema da conversação, os interlocutores, o grau de formalidade etc (MELLO, 1999, p.18).

Entretanto, mesmo havendo essas diferenciações no modo da fala, uma é mais privilegiada, socialmente, que a outra. Isso ocorre por causa do prestígio que uma variedade adquire de acordo com o tempo, transformando-se em norma-padrão. Esta norma acaba se instaurando nas gramáticas, dicionários, utilizada pela mídia, documentos oficiais, sendo, e principalmente, ensinada na escola, tornando-se uma maneira de ascensão social. De acordo



com Mello, a não utilização da forma padrão, muitas vezes, é vista com maus olhos, um sinal de estupidez, tratada com incapacidade do sujeito de se comunicar. Existem estudos que marcam a presença deste preconceito, e procuram explicar as origens dessas variedades linguísticas, como Bagno (2006), com a novela sociolinguística “A língua de Eulália” e Bueno (2003) com “Nós, A Gente e o Boia-Fria: uma abordagem sociolinguística”.

Estes estudos/pesquisas, e muitos outros, procuram explicar a utilização dessas variações, de onde elas surgem, quais são seus aspectos sociais, culturais e identitários, ou seja, a questão variacional da língua vai muito além do grau de escolaridade do sujeito, ela abarca todo o contexto social o qual ele está inserido.

Vista desta maneira, a língua parece ser uma entidade “classista”, uma vez que permite a distinção entre indivíduos ou grupos sociais. É comum classificarmos nossos interlocutores em função de alguns traços linguísticos que podem denunciar a sua origem social, regional, cultural etc. Todavia, não é a língua responsável pela estratificação da sociedade; ela apenas funciona como um prisma a refletir e a refratar a estrutura de diferentes sociedades e as atitudes de seus membros (MELLO, 1999, p.19).

Ainda tendo o Brasil como foco, e suas variações, nota-se, também, a grande quantidade de línguas indígenas<sup>21</sup>, além de cidades em que as línguas maternas dos sujeitos são alemão<sup>22</sup> ou italiano<sup>23</sup>. Como manter uma língua, oficial, homogênea? A escola tenta restringir estes conceitos dando como língua essencial e magna a língua portuguesa, sendo assim, o aluno que vive em um contexto complexo, seja indígena ou qualquer outra comunidade que não possui a língua portuguesa como materna, quando chega à escola se depara com a língua oficial do país e tem que se apropriar dela para que possa ser inserido ideologicamente e economicamente na sociedade brasileira.

Por essa razão, as atitudes dos falantes em relação ao idioma ou à variedade linguística podem se apresentar ora como algo positivo, ora como algo negativo, o que pode levar os sujeitos a uma atitude de inquietação, de insegurança, cuja consequência pode ser de amar e odiar uma das línguas de seu repertório em uma atitude abertamente antagônica (PEREIRA & COSTA, 2011, p.49).

Sendo assim, nestas situações de bi(multi)linguismo, pode acontecer a *diglossia*<sup>24</sup>, que segundo Ferguson (apud Mello), ocorre quando “duas variedades de uma língua coexistem numa mesma comunidade, cada uma desempenhando um papel definido” (1999, p.26), dentro dessas duas variedades, insere-se dois tipos de idiomas ou também variedades linguísticas

<sup>21</sup> ler Franceschini (2011), Emmerich (2011)

<sup>22</sup> ler Silva (2011)

<sup>23</sup> ler Faggion & Luchese (2011)

<sup>24</sup> Tratada no próximo tópico.



dentro de um mesmo idioma, que caminham, cada uma, no seu lugar, com a sua função social e linguística. Entretanto, o que veremos no decorrer da história do Brasil, e de muitos outros países, não só sul americanos, é a intenção de imposição da língua oficial como língua materna, acarretando um tipo de “morte” da língua, conhecido como *glotofagia*, que é um acontecimento político social em que a língua minoritária, de uma certa cultura, desaparece parcialmente ou totalmente, vítima da influência/imposição direta de uma cultura “maior”.

### 2.2.2 O que é diglossia?

Segundo Ferguson (apud Grosjean, 1982),

Diglossia is a relatively stable language situation in which, in addition to the primary dialects (which may include a standard or regional standarts), there is a very divergent, highly codified (often grammatically more complex) superposed variety, the vehicle of a large and respected body of written literature, either of an earlier period or in another speech community, which is learned largely by formal education and is used for most written and formal spoken purposes but is not used by any sector of the community for ordinary conversation. ([1971], 1982, p.130)<sup>25</sup>

Esta definição de diglossia proposta por Ferguson tem sido entendida em que duas línguas diferentes e/ou duas ou mais variedades de uma mesma língua são usadas em diferentes eventos sociais. Ou seja, não significa somente distribuição operacional da língua, como códigos que transitam sem sentido, estas línguas abrangem um contexto social, no qual possuem uma função específica na comunicação.

Ferguson propõe duas situações de uso das línguas, nas situações diglósicas. A primeira situação é no nível High (H) e a segunda no nível Low (L). Em seus estudos, ele percebe que o nível H é a variedade padrão, ou aquela tomada como língua de prestígio, e L seria a variedade não padrão, ou a língua materna da família, porém, não a língua oficial do país. Dessa forma, o pesquisador percebeu que:

What is particularly interesting about diglossia is the specialization of functions for H and L. H is used for sermons, letters, political speeches, university lectures, news broadcasts, newspaper editorials, and in poetry; L is used to give instructions to servants, waiters, and workmen, to converse in

---

<sup>25</sup> Diglossia é uma situação de língua relativamente estável, que, além dos dialetos primários (os quais podem incluir um padrão ou variações regionais), há uma, variedade sobre posta altamente codificada (geralmente mais complexa gramaticalmente) muito divergente, o veículo de um grande e corpo respeitado da literatura escrita, seja de um período anterior ou em outra comunidade de fala, o que é aprendido em grande parte pela educação formal e é usada para fins mais faladas escritos e formais, mas não é usado por qualquer setor da comunidade para uma conversa normal (Tradução livre).



the family, to talk with friends and colleagues, and in folk literature and radio soap operas (Ferguson apud Grosjean, 1982, p.131).<sup>26</sup>

Há também relatos, por parte de Ferguson, que, muitas vezes, o jornal era escrito em H, mas a discussão sobre o conteúdo da matéria era feito em L. Como também, no Mundo Árabe, as leituras da universitárias eram feitas em H (no caso Árabe Clássico), mas as explicações destas leituras eram feitas em L (aqui, um dialeto árabe). Ou seja, percebe-se uma divisão entre onde se pode ou não utilizar H e L.

Ferguson is careful to stress that diglossia differs significantly from the familiar situation of a standard language with regional dialects. In diglossia H is never used in regular conversation, and any attempt to do so is considered artificial, pedantic, and in some sense disloyal to the community. (GROSJEAN, 1982, p.131).<sup>27</sup>

Ou seja, na questão diglósica, cada língua, ou variedade linguística, exerce seu papel em determinado ambiente, diferentemente de alguns casos de bi(multi)linguismo, em que há situações que o falante mistura variedades de uma mesma língua ou línguas diferentes em um mesmo ambiente.

De acordo com Grosjean, o termo diglossia, desde a extensão de Fishman, em 1967, passou a significar mais do que duas línguas, ou variedades linguísticas, distribuídas funcionalmente. O conceito, para ele, passou a absorver outros tipos de discursos e ambientes, como ressalta Mello:

Não podemos dissociar o indivíduo do grupo, pois este é um ser social que não apenas sofre a ação do seu meio, mas que também interage com ele para transformá-lo segundo a sua concepção de mundo. A ligação entre o bilinguismo na sociedade e o individual é evidente quando consideramos as razões que levam o indivíduo a um comportamento bilíngue (MELLO, 1999, p.26).

Por mais que a definição de diglossia, proposta por Ferguson, passe um tom harmônico, no contato dessas línguas ou variedades linguísticas, ela não tem uma estabilidade equilibrada. Mello discorre que trabalhos elaborados por Labov e Gumperz, mostram que podem ocorrer situações conflituosas quando variedades linguísticas, ou línguas diferentes, entram em contato, pois o uso dessas línguas ou variedades reflete um comportamento social

<sup>26</sup>O que é particularmente interessante na diglossia é a especialização de funções para H (High) e L (low). Em que "H" é usado para sermões, cartas, discursos políticos, palestras universitárias, noticiários, editoriais de jornais e na poesia; "L" é usado para dar instruções aos funcionários, garçons e trabalhadores, para conversar na família, para conversar com amigos e colegas, e na literatura popular e radionovelas. (Ferguson apud Grosjean, 1982, p.131) (Tradução livre)

<sup>27</sup>Ferguson tem o cuidado de salientar que diglossia difere significativamente da situação familiar de uma linguagem padrão com dialetos regionais. Em diglossia "H" nunca é usado na conversação normal, e qualquer tentativa de fazê-lo é considerado artificial, pedante, e em algum sentido desleal para com a comunidade. (GROSJEAN, 1982, p.131) (Tradução livre)



e também emocional do sujeito, estando passível de mudanças de acordo com o contexto o qual é posta em prática esta interação verbal.

Contudo, não se pode colocar que a diglossia e o bi(multi)linguismo sejam dependentes ou equivalentes. Para Fishman (apud Mello), “o bilinguismo é, essencialmente, uma característica do comportamento linguístico individual, enquanto que a diglossia é uma caracterização de uma organização linguística no nível sócio-cultural” (FISHMAN apud MELLO, 1999, p. 28), sendo assim, há situações em que há diglossia com e/ou sem bilinguismo, e vice-versa.

### 2.2.3 Definições sobre bilinguismo

Enquadrar o bi(multi)linguismo em uma só definição é um ato audacioso, pois, segundo Mello, são várias definições propostas por linguistas e outros pesquisadores. Para Mackey (apud Mello), para descrever o bilinguismo é necessário quatro pontos básicos: grau, função, alternância e interferência, sendo assim, depende do quanto alguém conhece as línguas que usa, em que momento ele usa essas línguas, para que ele as utiliza, qual frequência e sob quais circunstâncias.

A alternância, afirma Mackey, é determinada pelo grau de domínio da língua e pela sua função na interação verbal. Além disso, são três os fatores que contribuem para a frequência e a proporção da alternância: o tópico, os interlocutores e a tensão da situação. Por último, o autor considera a interferência, isto é, “o uso de elementos pertencentes a uma dada língua enquanto o indivíduo fala ou escreve uma outra” (Mackey idem:569), cuja incidência e proporção estão diretamente relacionadas com o grau, a função e a alternância. (MACKEY apud MELLO, 1999, p.32)

Ou seja, este ponto de vista, baseado na utilização das línguas em devido a relação funcional que elas desempenham em locais diversos, apaga a ideia de bilíngue ideal. O bilinguismo definido como a ação perfeita de um falante que possui a capacidade de permear por duas línguas como um nativo é um tanto quanto idealizada. Então, não se deve restringir as definições do bilinguismo somente ao campo linguístico, e sim, levar em conta o campo social, e contextual do indivíduo. O que leva a utilizar essas duas línguas, como ele as utiliza, em que ambientes, com quais pessoas? Estas questões levam o bilinguismo a um campo de estudos interdisciplinar.

Sendo assim, existem vários fatores que cooperam, tanto positiva quanto negativamente, na formação do falante ou comunidade bilíngue. Grosjean aponta exemplos de bilinguismo acarretados pela formação cultural e histórica de alguns países, casamentos inter-



étnicos, concentração geográfica, fronteiras internacionais, pluralidade linguística local, além da configuração política da nação à qual há a presença oficialmente ou não deste comportamento. O autor ainda firma que, se um grupo possui uma determinada língua e sente orgulho da mesma, este não deixará a língua cair no esquecimento. Este exemplo pode ser tomado pelos paraguaios, que mesmo passando por diversos conflitos relacionados ao Guarani, e mesmo com as proibições impulsionadas pelo governo, pós Guerra da Tríplice Aliança, mantiveram o guarani, marginalmente, dentro de suas casas, até que em 1992 tomou status de língua oficial paraguaia.

Os domínios também influenciam o ato do bilinguismo, ou seja, o indivíduo saberá quando ou não utiliza-lo, seja no domínio familiar, escolar, de amizade, de trabalho, religioso, político e assim por diante. O indivíduo bilíngue saberá onde e como colocar a sua habilidade linguística.

### 2.2.3.1 As tipologias do sujeito bilíngue

De acordo com Grosjean (1982), Romaine (1995) e Mello (1999), como uma definição rígida e estática sobre o bilinguismo além de ousada pode ser insatisfatória, por não dar conta de aglomerar em uma definição só todos os aspectos bilíngues, é de grande valia explicar este fenômeno por tipologias.

Dessa forma, o bilinguismo é dividido nos seguintes tópicos: bilinguismo funcional; bilinguismo subordinado, coordenado e composto; bilinguismo infantil e tardio. Em relação ao bilinguismo funcional, podemos afirmar que o próprio nome já diz, serve para cumprir alguma função na vida do sujeito que o absorve, ou seja, “caracteriza o uso de uma língua de uma de maneira limitada, isto é, com uma finalidade específica à uma determinada área do conhecimento” (Mello, 1999, p. 42). Berdmore (apud Mello, 1999), discorre que este tipo de bilinguismo abraça dois significados, minimalista e maximalista. No primeiro subtipo, o sujeito relaciona a necessidade bilíngue a uma função específica ou atividade profissional, no caso Melo sugere, como exemplo, um piloto de avião, que para exercer sua função, possui a necessidade de compreender e usar a segunda língua de um modo que consiga executar a função que lhe foi atribuída, sem a necessidade de se aprofundar nos estudos da mesma, a única posição dele para com essa língua é a utilização de um vocabulário específico, que lhe dê habilidades de seguir com seu trabalho.



Quanto à segunda interpretação, a maximalista abraça uma maior quantidade de atividade. Neste parâmetro, o bilíngue possui condições de usar seu conhecimento linguístico, mesmo que este seja limitado tanto na fala e/ou escrita.

[...]esta perspectiva, segundo Beardsmore, não leva em consideração um desempenho segundo os padrões monolíngue, isto é, a forma da língua (no que se refere à pronúncia e à estrutura gramatical) pode sofrer influências da primeira língua, desde que a comunicação entre o falante e o ouvinte não seja prejudicada” (MELLO, 1999, p.43).

Nesta faixa, encontram-se pessoas que adquiriram a segunda língua na fase adulta, “capazes de compreender quase tudo que lêem e escutam ou de falar e escrever de forma suficientemente coerente” (MELLO, 1999, p. 43).

Além dessas duas formas, há também, dentro do bilinguismo funcional, os subtipos receptivo e passivo. Mello ressalta que estes subtipos ocorrem em “pessoas que conseguem compreender uma segunda língua, seja na forma escrita ou falada, porém, não falam e nem escrevem de forma suficiente para veicular sua mensagem” (MELLO, 1999, p.43). Isso ocorre com alguns imigrantes, sejam crianças ou adultos, que conseguem compreender a segunda língua na sua forma oral ou escrita, porém, não conseguem reproduzi-la da mesma maneira. O bilinguismo receptivo pode ser encontrado em regiões de fronteira internacionais, como Brasil x Paraguai, em que mesmo que os sujeitos falem línguas diferentes, compreendem-se mutuamente, mantendo as relações pessoais, políticas e econômicas.

Segundo Beardsmore (1982), em algumas circunstâncias, o bilinguismo receptivo é usado como forma de estimular a comunicação inter-línguas entre as pessoas que falam e escrevem apenas na primeira língua. Esta postura é adotada pela Bélgica e pelo Canadá, onde os membros do Parlamento fazem seus discursos nas suas respectivas línguas e os serviços de intérpretes são dispensados com o intuito de estimular a compreensão inter-línguas. Assim, cada falante expressa suas idéias na sua língua nativa e o diálogo entre dois falantes se passa em diferentes línguas (MELLO, 1999, p.43).

Em contrapartida ao bilinguismo receptivo, está o bilinguismo produtivo, que ocorre quando o indivíduo é capaz de falar e entender a segunda língua, e provavelmente escrevê-la. Entretanto, a capacidade de ler e escrever não implica em níveis iguais ou semelhantes. Este tipo de bilíngue pode falar com certa fluência, porém, apresentar dificuldades na escrita, e vice-versa.

Em termos de Bilinguismo subordinado, coordenado e composto chamamos a autora Romaine (1995), no capítulo três (The bilingual brain and the bilingual individual/ O cérebro



bilíngue e o indivíduo bilíngue) sugere algumas questões para que o estudo possa ter continuidade.

What is the nature of the mental representation underlying the competence of the bilingual speaker? Are the bilingual's language systems merged or separate? Are there neurolinguistic correlates of different types of bilingualism related to acquisitional histories or other factors, or language-specific effects on brain organization? (ROMAINE, 1995, p.78).<sup>28</sup>

Sendo assim, a autora segue seu estudo colocando em discussão e debate três tipos de bilinguismo individual, que são chamados de bilinguismo composto, coordenado e subordinado. Weinreich (apud Romaine, 1995) discute estes três tipos de bilinguismo, e afirmava que essas diferenças resultaram de maneira em que as línguas foram aprendidas. Dessa forma, tanto para Weinreich quanto para Romaine empregam o termo coordenado para os bilíngues que adquiriram suas línguas em lugares separados, fazendo com que os elementos lexicais, relacionados às línguas diversas, sejam armazenados separadamente, dando a cada palavra uma representação mental. Grosjean (apud Mello, 1999) acredita a estes tipos de sujeitos (bilíngue coordenado), “possuem dois conjuntos de unidades significativas e dois modos de expressão, um para cada uma das línguas” (GROSJEAN apud MELLO, 1999, p.45).

Diferentemente, o bilinguismo composto é aquele que é aprendido pelo sujeito num mesmo contexto, em que as duas, ou mais línguas, são usadas.

Assim, essas pessoas associam um único conceito à dois itens lexicais diferentes. As palavras dos dois sistemas lingüísticos estão ligadas por uma única representação mental. De acordo com a autora, as línguas, para o bilíngue composto, são interdependentes, enquanto que para o coordenado, elas são independentes.[...] De acordo com Romaine (1995), o bilinguismo subordinado é um subtipo do coordenado. O indivíduo possui dois sistemas lingüísticos, sendo que um predomina sobre o outro. As palavras da língua subordinada são interpretadas através da dominante (MELLO, 1999, p.44).

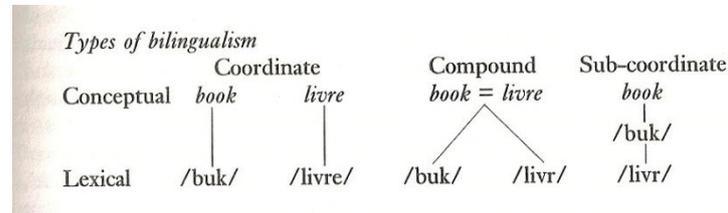
Outra visão, em relação aos bilíngues compostos, também vinda de Grosjean, é que estes sujeitos, “têm apenas um conjunto de unidades significativas e dois modos de expressão” (GROSJEAN apud MELLO, 1999, p.44). Já o comportamento dos sujeitos bilíngues subordinados ocorre naqueles que já se apropriaram de unidades significativas da primeira língua e as utilizam para decodificar as da segunda. Tanto Romaine quanto Mello expõem esquemas que auxiliam no entendimento de como estes tipos de bilinguismo agem no

---

<sup>28</sup>Qual é a natureza da representação mental subjacente à competência do falante bilíngue? Os sistemas de linguagem do bilíngues são mesclados ou independentes? Existem correlatos neurolinguísticos de diferentes tipos de bilinguismo relacionadas com histórias de aquisição ou outros fatores ou efeitos específicos do idioma na organização do cérebro? (Tradução livre)

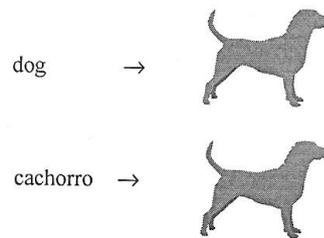


sujeito, estes esquemas serão utilizados como base para parte da análise do Capítulo 3, mais precisamente no subtópico 3.2 Alternância de código como traço do falar bilíngue (via entrevistas).

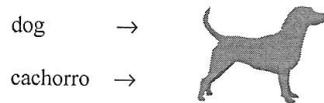


**Figura 4**–Tipos de Bilinguismo (ROMAINE, 1995, p.79)

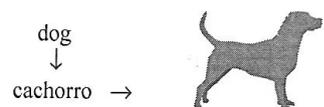
a) Coordenado



b) Composto



c) Subordinado



(Adaptado de Laponce 1984:25)

**Figura 5** - Tipos de Bilinguismo (MELLO, 1999, p.45)

Analisando os dois quadros, Romaine e Mello, nota-se, visualmente, como ocorre os três tipos de bilinguismo. No primeiro, coordenado, cada sistema lingüístico possui uma representação significativa, no segundo, composto, uma representação serve para os dois sistemas e no terceiro, subordinado, há uma “tradução”, ou seja, pensa-se em sistema, transpõe-se para o segundo sistema e por fim a representação.

Com o tempo, os tipos composto e subordinado foram unidos, com ênfase no contexto onde as línguas são adquiridas e como são usadas. Assim, a palavra coordenado passou a ser usada para se referir aqueles bilíngues que separam as duas línguas de acordo com contextos diferentes, enquanto que a palavra



composto aplica-se aos bilíngues que adquirem as duas línguas em um mesmo contexto como, por exemplo, as crianças que são criadas em um ambiente (em casa) onde as duas línguas são usadas alternadamente (p.46).

No decorrer dos estudos, os tipos de bilinguismo composto e bilinguismo subordinado se juntara, enfatizando o contexto em que o sujeito adquire estas línguas e como as usam. Sendo assim, o bilinguismo coordenado passa a ser considerado para aqueles sujeitos que possuem a habilidade de separar as duas línguas de acordo com local o qual ele está (p.ex., o sujeito é bilíngue em língua inglesa e portuguesa, quando se encontra com um monolíngue em língua inglesa, o sujeito tem a capacidade de se comunicar sem se apropriar da outra língua, a portuguesa), já o sujeito composto adquire as duas línguas no mesmo contexto, como é o exemplo dos entrevistados dessa pesquisa, moradores da cidade de Capitán Bado que nasceram em um contexto sociolinguisticamente complexo, em que há a presença das línguas espanhola e guarani (oficiais do Paraguai) e portuguesa (oficial do país vizinho, Brasil), dessa forma, estes sujeitos se utilizam do bilinguismo composto, pois utilizam as línguas alternadamente no mesmo discurso, sem distinção ambiental.

#### **Entrevista 1**

##### **A. Juan B. Tereza**

**B.** [ nós agora fala guarani junto ((ah, é !)) porque todú mundu ia (passanu) e casaru cum paraguai e cum paraguaia né

**A.** [nói num:: sabia nem fala u guarani tamém

**B.** [ nôi num falava em guarani. A minha mãe que custo pa falá

**A.** [ porque... em casa era so portugue

**A.** [ aí depois:: cumeçô a fala, porque todú mundo falava né ... já cumeçô nasce ermão aqui no Paraguai qui falava:: ((já falando né?)) aí foi falando castelhano e guarani::

**B.** [ guarani i castelhano porque (falando junto)

Nota-se que tanto o sujeito A quanto o B nasceram em Paranhos – MS, que é divisa com o Paraguai, e já tinham contato com a língua espanhola. Ao se mudarem, para Capitán Bado, viram-se na necessidade de aprender o guarani, segundo eles, todos falavam guarani. Dessa forma, de acordo com o relato dos sujeitos, percebe-se no “nois agora fala guarani junto” a presença dessas línguas se relacionando em um ambiente só. Também pode significar que o guarani foi acrescido ao repertório dos falantes, por isso a expressão “junto”.

Macnamara (1967a) concurs with this notion of a continuum and adds that one should consider each of the four basic language skills: speaking, listening, reading, and writing. For him, a bilingual is a person who possesses at least one language skill even to a minimal degree in a second language (GROSJEAN, 1982, p.234).<sup>29</sup>

<sup>29</sup>Macnamara (1967a) concorda com essa noção de continuidade e acrescenta que se deve considerar cada uma das quatro habilidades linguísticas básicas: falar, ouvir, ler e escrever. Para ele, um bilíngue é uma pessoa que possui pelo menos uma habilidade de linguagem, mesmo a um grau mínimo de uma segunda língua..



Contrário à estas tipologias destinadas ao bilinguismo, Macnamara (apud Mello, 1999) defende que o desempenho linguístico do sujeito bilíngue varia conforme o uso de suas línguas (duas ou mais), permitindo que o sujeito ora se comporte como bilíngue coordenado, ora como composto. Além disso, o modo através do qual o sujeito adquire, apreende estas línguas não garante que ele permanecerá pra sempre fixado num só comportamento bilíngue, alguns podem começar com sistemas semânticos fundidos, mas gradualmente separá-los; outros podem começar com sistemas separados, mas gradualmente uni-los (MACNAMARA apud MELLO, 1999, p.46).

Um exemplo dado por Mello é uma criança brasileira e falante da Língua Portuguesa, que tivesse que se mudar com os pais para outro país, de língua diferente, aos 10 anos de idade. Mesmo se ela utilizar a língua portuguesa no ambiente familiar, com pais e irmãos, após cinco anos ela teria um comportamento muito mais composto do que de quando chegou ao país novo, porque mesmo mantendo a língua viva dentro de casa o ambiente externo é permeado pela outra língua, então, fica evidente que experiência individual e social do sujeito não é fixa/estática, fazendo com que a fluência e dominância de sua habilidade bilíngue mude.

Há também, segundo Grosjean, consequências mais graves que envolvem essa distinção, tais como considerar que o bilinguismo é algo confuso; que o sujeito bilíngue age como alguém que possui capacidades de traduzir simultaneamente uma língua para outra; em que o bilíngue é uma espécie de tradutor simultâneo, como se ele formulasse o pensamento em uma língua e rapidamente traduzisse para a outra.

Este tipo de pensamento levou muitos estudiosos e professores crerem que este comportamento bilíngue levava a criança a ser menos capaz do que as crianças monolíngues. Pode-se perceber esta afirmativa em um trecho da entrevista 2, na qual o sujeito relata a proibição do uso do guarani dentro da sala de aula.

A. quano iamo ali ma tamém no:: cinco quilometro:: é::: minha mãe era diretora na ercôla e era proibido - (male) tinha que falar em guarani (la) dentro da ercôla. (Inlussie) ( ) era proibido e ela sabia ma ( ) - como se fala assi que a:: que controla:: as pessoa? Como se fala portuguê? ((controlar as pessoas?)) é. ((quando manda assim?)) é.

[...]

B. [ (antedecia) é la/la ercôla.. el fami entrava lá.. era proibido falar em guarani porque disse que guarani

A. [ atrapalha o ( )



Além das questões políticas<sup>30</sup>, percebe-se que um dos motivos a serem usados, como base da não utilização do guarani, dentro de ambiente escolar, é a frase “atrapalha a leitura”, sendo assim, dando um teor estereotipado para os conceitos bilíngues.

Dessa forma, seguindo os pensamentos de Macnamara (apud Grosjean, 1982), o bilíngue pode ter habilidades iguais em ambas as línguas, pode ser fluente oralmente em uma e escrever e ler na outra, ser composto, coordenado ou subordinado, sendo, difícil encontrar uma definição que consiga abraçar todas essas características.

### 2.3 Paraguai – a força de um povo multilíngue

Localizado na América do Sul, a República do Paraguai, de acordo com os Dados Básicos E Principais Indicadores Econômico-Comerciais – Paraguai (2013), possui fronteira com três países, Argentina, Bolívia e Brasil e sua população está aproximada em 6,6 milhões de habitantes, distribuída em uma área de 407mil km<sup>2</sup>.

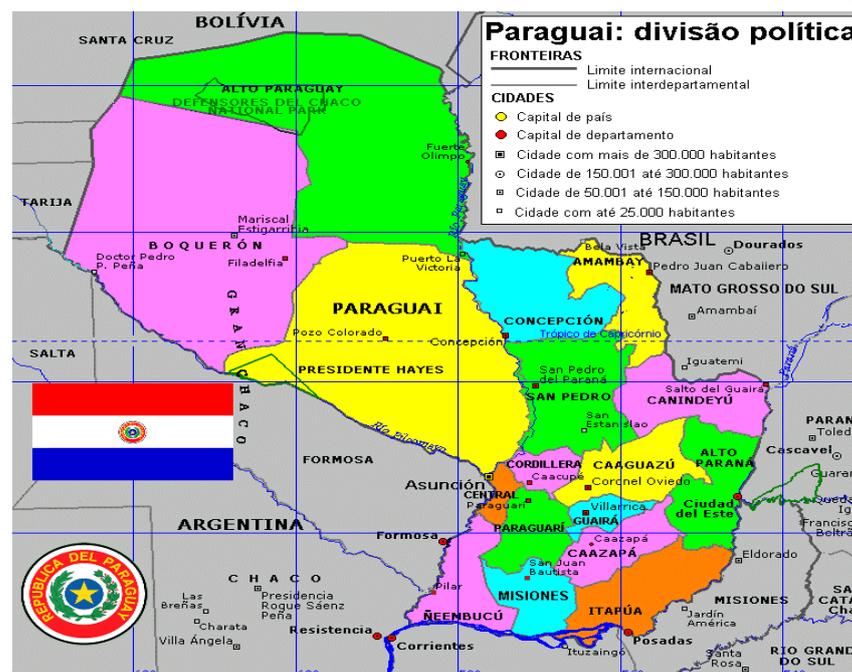


Figura 6 - Mapa da divisão política do Paraguai. (Fonte <http://mapasdomundo.wordpress.com/2013/11/16/paraguai-divisao-politica/>)

O mapa apresentado mostra as fronteiras do Paraguai com os países vizinhos. Com o Brasil, o Paraguai faz divisa com os estados do Paraná e Mato Grosso do Sul como se pode ver. Nota-se o departamento de Amambay o qual Capitán Bado pertence. Mostrar esta mapa torna visível ao leitor as razões porque, para moradores destas áreas há conflito linguístico e a colocação de uma língua acima da outra.

<sup>30</sup> Vistas no próximo tópico.



Colonizado por espanhóis, sua região era habitada por tribos indígenas, em sua maioria de etnia Guarani. Não diferente do Brasil<sup>31</sup>, as línguas que não eram do colono passavam a ser marginalizadas. Dessa forma, foi procurado um nacionalismo por meio da língua do colonizador o que impingiu marginalização à língua indígena (o guarani).

Los guaraníes ofrecían sus hijas a los españoles, como prueba de amistad, y éstos, que vinieron inicialmente sin mujeres de España, tomaron varias esposas cada uno. Así nacieron los mestizos, productos del linaje cruzado. Cada uno de estos mestizos aprendía el guaraní de su madre y el español de su padre. De esta manera, la lengua guaraní empezó a cobrar importancia, para desesperación de los conquistadores, y los guaraníes se hacían cada vez más sedentarios al ser la agricultura la principal actividad económica, impulsada por los visitantes (FERNANDEZ, 2002).<sup>3233</sup>

Sendo assim, os mestiços aprendiam, com mais facilidade, a língua da mãe, o guarani, e utilizavam o espanhol só nos contatos com os chefes espanhóis. Com isso, o guarani se manteve presente na implementação do catolicismo, primeiramente pelos jesuítas e depois pelos franciscanos. A intenção do Igreja Católica era que a religião fosse um meio de inserir os nativos na ideia de “civilização”. Desse modo, falar a língua do nativo fazia com que os colonizadores se aproximassem com mais facilidade, e pusessem em prática a catequização.

Então, em 1583, o Frei Luis de Bolaños (1539-1629), autorizado pelo Concílio de Lima, traduz para a língua indígena o “*Catecismo breve para rudos y ocupados*”, que em 1603 passa a ser utilizado, oficialmente, para o ensino. Hernando Arias de Saavedra, nesse mesmo ano, traduziu as ordenanças de Assunção, para que alcançasse a população como um todo, tanto espanhóis, guaranis e mestiços. Mesmo não tendo uma grafia regular, Bolaños seguiu transcrevendo materiais na língua guarani, sendo reconhecido, segundo Fernandez (2002) “como aquele que deu a primeira forma escrita à essa língua”.

Dessa maneira, o idioma guarani, que era exclusivamente de propagação oral, começa a tomar forma de língua escrita, nas mãos dos espanhóis. Entretanto, havia uma dificuldade em representar alguns sons do idioma indígena utilizando o alfabeto europeu, sendo assim, até a chegada de estudiosos das línguas, tais como filólogos franciscanos e jesuítas, os quais estudaram a morfologia e sintaxe da língua, moldando a escrita do guarani, a escrita da língua indígena sofria muitas divergências.

<sup>31</sup> Ler tópico referente as políticas linguísticas brasileiras.

<sup>32</sup> Os Guarani ofereciam suas filhas aos espanhóis, como prova de amizade, e estes, que vieram inicialmente sem mulheres da Espanha, tomaram várias esposas cada um. Assim nasceram os mestiços, produtos da linhagem cruzada. Cada um destes mestiços aprendia o guarani de sua mãe e o espanhol de seu pai. Desta maneira, a língua guarani começou a ter importância, para desespero dos conquistadores. (Tradução livre)

<sup>33</sup> Cunhadismo



Com a chegada dos jesuítas, em 1605, o guarani progride de forma positiva, pois os componentes da Companhia de Jesus eram intolerantes à escravidão indígena, dessa forma, conseguiram uma mudança na Lei da Encomenda, fazendo com que os guarani fossem tratados de forma “igualitária”. Assim, com as Reduções<sup>34</sup>, os indígenas trabalhavam comunitariamente, e se instruíam com o auxílio da nova ordem católica.

El jesuita Antonio Ruiz de Montoya (1584-1651) fue un enamorado de la lengua guaraní, y en pos de su estudio dedicó el resto de su vida, caminando por la vereda que había iniciado Bolaños. El interés que mostró Montoya más en estudiar el guaraní que en enseñar otros conocimientos, es de grandísimo valor, ya que le tocó trabajar con algunas etnias guaraníes en el tiempo que sus lenguas no conocían de las impurezas que más tarde fue adquiriendo del español (FERNANDEZ, 2002).<sup>35</sup>

Os estudos de Montoya (1584-1651) foram reunidos em três livros, um dicionário Guarani-Espanhol intitulado *Tesoro de La lengua Guaraní*, um compêndio gramatical e também dicionário Espanhol-Guarani intitulado *Arte y Vocabulario de La lengua Guaraní*, e por fim, com o intuito de catequização e civilização dos povos indígenas, o livro *Catecismo de La lengua Guaraní*. Os livros com função de dicionário e compêndio são visitados até hoje nos estudos voltados para a língua indígena, com a intenção de resolver dúvidas de etimologia ou reviver vocábulos já existentes para evitar a criação de novos verbetes, os chamados neologismos.

Fernandez acredita que Montoya pudesse ter se baseado nos trabalhos do jesuíta José de Anchieta (1534-1597), que realizou um trabalho morfológico e lexical da língua Tupi, no Brasil, deixando como registro um livro de gramática e dicionário. Mesmo assim, não se pode tirar o mérito do espanhol na iniciativa de seguir os passos de Bolaños, e continuar a pesquisa e estudos da língua indígena, a fim de mantê-la, propagá-la, mesmo que o intuito principal fosse facilitação na catequização do “selvagem” a fim de torná-lo um “ser civilizado” e temente a Deus.

As missões jesuíticas, com seus 30 povos, ocuparam o que hoje é o sul do Paraguai e do Brasil, o noroeste argentino e o norte uruguaio. Eles construíram as primeiras imprensas do Rio da Prata, que funcionavam em Santa Maria a Maior, São Xavier e Loreto, onde se imprimiam livros religiosos em guarani com ilustrações de artistas indígenas, e onde até os

<sup>34</sup> As Reduções Jesuíticas eram aldeamentos indígenas que existiram na época colonial. Eram organizados e administrados pelos padres jesuítas no Novo Mundo tendo como intuito civilizar e evangelizar os nativos.

<sup>35</sup> O jesuíta Antonio Ruiz de Montoya (1584-1651) foi um enamorado da língua guarani e em prol de seu estudo, dedicou o resto da sua vida, caminhando pela senda que tinha iniciado Bolaños. O interesse que mostrou Montoya, mais em estudar o guarani que em ensinar outros conhecimentos, é de imenso valor, já que lhe coube trabalhar com algumas etnias Guarani no tempo em que suas línguas não conheciam as impurezas que mais tarde foi adquirindo do espanhol. (Tradução livre)



mesmos indígenas editavam seus próprios livros, em guarani, é claro (FERNANDEZ, 2002).

Durante 160 anos os jesuítas consolidaram vários dialetos em uma língua só, chamada língua geral. A educação indígena, artes e ciências, era ministrada na língua guarani, sendo que a língua do colonizador, o espanhol, e o latim eram tidas como matéria escolar. Com isso, os povos guaranis se tornavam cada vez mais fortes e conhecedores da cultura europeia, mantendo-se resistentes ao colonizador. Sentindo a ameaça por parte dos indígenas catequizados pela Companhia de Jesus, e percebendo o acultramento perigoso, a Coroa Espanhola ordena a expulsão dos jesuítas das terras da colônia. O objetivo era desestabilizar o conhecimento propedêutico adquirido por parte dos Guaranis, fazendo com que eles não fossem capazes de se organizar, além de facilitar a escravidão indígena. Entretanto, com quase dois séculos de estada jesuítica nas terras paraguaias, a língua guarani já tinha tomado outros horizontes, não era mais uma língua essencialmente oral, esta já tinha tomado a forma escrita, também.

Com a expulsão dos jesuítas, grande parte dos guarani, que faziam parte das missões, mantiveram seus novos hábitos, “el método de trabajo comunitario y autónomo que venía desarrollando, y fue insertándose paulatinamente a la sociedad de la Provincia del Paraguay”<sup>36</sup> (FERNANDEZ, 2002), outros indígenas voltaram para as matas, regressando para os costumes anteriores.

### **2.3.1 A independência Paraguaia, altos e baixos da língua guarani**

Em 15 de maio de 1811, o Paraguai se declara independente da Espanha. O teólogo e advogado, Dr. José Gaspar García Rodríguez de Francia, popularmente chamado por “Dr. Francia”, ou “O Supremo”, governara o país até 1840, ano de sua morte. Este governante aboliu a encomienda entre outros sistemas de opressão, que eram voltados aos indígenas, estabeleceu a educação pública, igualitária para os gêneros (embora essa homogeneidade não fora posta em prática plenamente).

Entretanto, no que diz respeito à língua indígena, Francia não soube aplicar bem o seu talento, pois, mesmo sabendo da presença da língua guarani, e que sua população era majoritariamente guaranófona, o ensino era ministrado, exclusivamente, em espanhol, fazendo com que a língua dos índios se refugiasse, novamente, na oralidade.

---

<sup>36</sup>O método de trabalho comunitário e autônomo que vinha desenvolvendo, e foi inserindo-se, paulatinamente, na sociedade da Província do Paraguai. (Tradução livre)



Lo curioso de esto es que Francia amaba el guaraní: cuando le presentaron la letra de lo que sería el primer Himno Nacional paraguayo, lo rechazó “por estar escrito en castellano, idioma de chapetones”, y posteriormente aprobó *Tetã Purahéi* (El Canto de la Patria), escrito por Anastacio Rolón, oriundo de Caraguatay, no permitiendo su traducción oficial. Éste fue conocido como “el Himno del Dr. Francia”, y la versión en español se tuvo sólo después de su muerte (FERNANDEZ, 2002).<sup>37</sup>

Dr. Francia mantinha o Paraguai isolado dos outros países, porém, com sua morte, o seu sucessor, Carlos Antonio López, abriu as portas do país, trazendo engenheiros e técnicos europeus, além de apoiar a ida da população masculina para os estudos na Europa, resultando uma industrialização em grande escala, financiada com os recursos internos no país. Isso fez com que ocorresse, também, uma revolução cultural propedêutica, contudo, majoritariamente masculina. Além desta abertura econômica, outra diferença entre o governo de Francia e López, foi que López não sentia afeto à língua indígena.

La enseñanza y educación en general debía darse sólo en español. Todos los libros, periódicos y revistas, asimismo, debían de imprimirse sólo en español. Hasta llegó al colmo de mandar sustituir todos los nombres y apellidos guaraníes de la población, vía ley, por otros que sean de origen español: fue la muerte de la identidad de los clanes guaraníes. [...] Aún así, avasalladas, las fuerzas internas de la lengua autóctona no amainaron. Las mujeres paraguayas, que eran las menos afectadas por el sistema educativo impuesto, seguían educando a sus hijos en guaraní. Afortunadamente, la ley no pudo ingresar en los hogares, y paradójicamente, el patriotismo se forjó desde allí, con el dulce arrullo maternal en guaraní (FERNANDEZ, 2002).<sup>38</sup>

Com o envio de homens paraguaios para os estudos na Europa, Carlos López envia, também, seu filho Francisco Solano López. Este, que viria a ser o próximo presidente do Paraguai, reconheceu o idioma indígena como patrimônio nacional, e o usufruía em seus discursos.

No seu governo, houve a Guerra da Tríplice Aliança (1865-1870), na qual, contra o Paraguai estavam a Argentina, Brasil e Uruguai. No decorrer dessa guerra, a língua guarani tomou *status* de identidade cultural, e foi utilizada, massivamente, pela imprensa e nas

<sup>37</sup>O curioso disto é que Francia amava o guarani: quando lhe apresentaram a letra do que seria o primeiro Hino Nacional paraguaio, o rejeitou "por estar escrito em castelhano, idioma de chapetões", e posteriormente aprovou Tetã Purahéi (O Canto da Pátria), escrito, em guarani, por Anastácio Rolón, nascido em Caraguatay, não permitindo a sua tradução oficial. Este foi conhecido como "o Hino do Dr. Francia", e a versão em espanhol teve-se somente após a sua morte. (Tradução livre)

<sup>38</sup>O ensino e a educação em geral deveriam dar-se somente em espanhol. Todos os livros, periódicos e revistas, também, deveriam ser impressos só em espanhol. Até chegou ao cúmulo de mandar substituir todos os nomes e sobrenomes guaranis da população, via lei, por outros de origem espanhol: foi a morte da identidade dos clãs Guarani.[...] Ainda assim, avasalladas, as forças internas da língua autóctone não amainaram. As mulheres paraguayas, que eram as menos afetadas pelo sistema educativo imposto, seguiam educando a seus filhos em guarani. Afortunadamente, a lei não pôde ingressar nos lares, e paradoxalmente, o patriotismo forjou-se ali, com o doce arrullo maternal em guarani. (Tradução livre)



comunicações militares. Solano López, diferentemente do seu pai, incentivava o uso do guarani, fazendo com que as publicações fossem bilíngues, sendo assim, poemas encorajadores, escritos na língua indígena, tinham a função de dar forças e coragem ao povo paraguaio, que estava sendo massacrado na guerra. Segundo Fernandez “el guaraní se implantaba como un factor de unión y Consuelo”.<sup>39</sup>

O mais interessante, é que em meio a guerra, a preocupação com a não uniformidade da grafia do guarani, fez com que em 1867 fosse instituído, urgentemente, o Congresso de Grafia, para que fosse estabelecido normas de grafia, com um alfabeto único, que fora usado, prontamente, em *Guarini Guasu* (Guerra Grande). Dentre a elite encarregada à este feito, destacaram-se Juan Crisótomo Centurión e Luis Camino.

Segundo Fernandez, estima-se que a população paraguaia, no início da guerra, era de aproximadamente 1.300.000, sendo que este contingente fora reduzido a uns 200.000 habitantes, sendo que somente 10% dessa população eram homens, divididos em anciãos e crianças, que por sua vez não eram aptos para as questões de guerrilha. Além disso, o país perdeu uma grande fatia de seu território, território este que fora acoplado as terras brasileiras e argentinas.

Com o fim da guerra e a grande devastação populacional e territorial que caiu sobre o Paraguai, a língua guarani volta à margem. Fernandez descreve que terminada a guerra, o Paraguai ficou sob o domínio econômico da Argentina, do Brasil e da Inglaterra, e estes países encarregaram o argentino Domingo F. Sarmiento para que reformulasse o programa escolar, de modo que retirasse a “língua selvagem” do currículo e mantivesse somente o espanhol.

Por outro lado, sabe-se que o processo imposto de “troca de língua materna” não é rápido e muito menos pacífico, há resistência dos paraguaios falantes do guarani, afinal, a língua é parte essencial na formação da cultura e identidade de um povo, entretanto, diferentemente do que ocorreu no Brasil, com a glotofagia absoluta da Língua Geral e do *Nheengatú*, os paraguaios mantiveram a prática oral do guarani dentro de suas casas, fazendo com que não morresse, e continuasse como parte integrante de sua identidade.

Como era de esperarse, la población no acompañó a la pequeña elite gobernante, que estaba vendiendo su tierra y pisoteando su lengua. Siendo el guaraní el único recurso no destruido por la guerra, continuó coleando entre los continuos ataques de que era blanco: el adjetivo “guarango” significaba “salvaje que habla guaraní”. Como resultado, los hablantes del guaraní en general detestaban esa escolaridad foránea y

---

<sup>39</sup>O guarani se implantava como um fator de união e consolo.



nuevamente el guaraní retomó la férrea oralidad de la que siempre fue orgulloso.<sup>40</sup>  
(FERNANDEZ, 2002)

No início do século XX foram realizadas algumas publicações em guarani, apresentando a cultura do povo Guarani em formas de poesias e canções. Algumas dessas publicações foram escritas por Julio Correa que era amante do teatro e grande intérprete das ânsias do homem interiorano.

Após, surge um grupo popular de atores, utilizando um guarani “puro”, o qual utilizava certas palavras em espanhol somente para suprir verbetes que não havia na língua indígena. Logo mais se percebe, dentro do guarani, frases inteiras em espanhol, surgindo, assim, o “*jopará*”, que em guarani, significa mistura.

De acordo com Fernandez, o *jopará* vem como um guarani vulgar, em que se perde grande parte da pureza da língua com a inserção de elementos do espanhol. Além do mais, o *jopará* acaba tomando, também, a forma escrita, e é adotado por grande parte da população, o que acarreta um conflito com os estudiosos da língua guarani, que defendiam a língua autóctone castiça.

Em 1932 o Paraguai sofre outra guerra, a Guerra do Chaco, que ocorreu com conflito com a Bolívia, e outra vez, os paraguaios se apoiam na língua guarani como fonte de força e coragem.

Los paraguayos, al ver que estaban siendo sacrificados por intereses totalmente ajenos, nuevamente se refugiaron en la lengua guaraní, y otro auge poético vio la luz, donde el tema principal era el patriotismo y la defensa de la patria: para las canciones, son las del grupo *Chakore purahéi* (canciones de lo del Chaco)<sup>41</sup>(FERNANDEZ, 2002)

Outra vez, a guerra utiliza da língua indígena a fim de confundir o inimigo, além de deixar uma quantidade de poemas repletos de relatos e esperanças, entretanto, mesmo com a vitória e o proveito tirado da língua indígena, o guarani se mantém marginal aos olhos do governo, fazendo com que o ensino e a economia paraguaia fosse considerada monolíngue.

## ENTREVISTA 2

### A – Davi

<sup>40</sup> Como era de se esperar, a população não acompanhou a pequena elite governante, que estava vendendo suas terras e espezinhando a sua língua. Sendo o guarani o único recurso não destruído pela guerra, continuou evadindo os contínuos ataques dos quais era alvo: o adjetivo "guarango" significava "selvagem que fala guarani". Como resultado, os falantes do guarani, em geral, detestavam essa escolaridade forânea, e novamente o guarani retomou a férrea oralidade da qual sempre foi orgulhoso (Tradução livre)

<sup>41</sup> Os paraguaios, ao verem que estavam sendo sacrificados por interesses totalmente alheios, novamente, refugiaram-se na língua guarani, e outro auge poético veio à luz, onde o tema principal era o patriotismo e a defesa da pátria: as canções são as do grupo *Chakore purahéi* (canções do Chaco). (Tradução livre)



A. quano iamo ali ma tamém no:: cinco quilometro:: é::: minha mãe era diretora na ercôla e era proibido – (male) tinha que falar em guarani (73a) dentro da ercôla. (Inlussie) ( ) era proibido e ela sabia ma ( ) - como se fala assi que a:: que controla:: as pessoa? Como se fala portuguê? ((controlar as pessoas?)) é. ((quando manda assim?)) é.

[...]

A.. i até:: minha mãe era diretora da ercôla daqui a cinco ( ) e ela:: 73a fazenda as raluna – as raluna tamém? – ((aluna também)) is:: era:: olhava e no acompanhava como /como acompanhava (un 73aron) ((risos)) controlava muito ((diretora ia ficar assim)) ((risos)) é:: na ercôla ((risos)).

No excerto acima, nota-se, no relato que havia uma proibição em relação ao uso do guarani em ambiente escolar. Esta relação vai além da questão de “dificuldade de aquisição ou de aprendizagem” citada por Grosjean, e que será retomada na análise. Aqui está implícito as questões econômicas, nacionais, identitárias e políticas, pois a proibição do uso da língua é resquício da política linguística imposta pós Guerra da Tríplice Aliança, em que o guarani é posto na margem e o espanhol imposto nas escolas e órgãos oficiais.

Nos termos de Antonio Guasch, seguidor de Anchieta e Montoya, começa a investigar a língua indígena e publica seus estudos à respeito do Guarani. Dentro de sua obra consta a gramática *El idioma Guaraní* e um dicionário bilíngue *Diccionario Castellano-Guarani y Guarani-Castellano*. Sua obra, assim como de Montoya, foi de grande valia para o ensino da língua, além de suas ideias relacionadas à nomenclatura gramatical terem sido adotadas oficialmente. Outro estudioso que se arrisca a reunir o vocabulário guarani e elaborar um dicionário foi Jover Peralta com o, também, dicionário bilíngue *Diccionario Guarani-Español y Español-Guarani*.

No ano de 1967, de acordo com Navarro (2004), a Constituição Nacional reconhece a presença da língua guarani em território paraguaio, contudo, esta se mantém fora dos âmbitos oficiais, ou seja, o idioma oficial continuava sendo o espanhol. Só após o fim da ditadura paraguaia, em 1989, na Constituição Nacional de 1992, a língua guarani se torna oficial, no mesmo nível que o espanhol, sendo implantada imediatamente no ensino básico, e no decorrer do tempo, inserida também no ensino médio.

## 2.4 Brasileiros e Paraguaiois: Relações de Bilinguismo e Poder

Essas questões de ‘poder’ linguístico acarretam definições como línguas majoritárias e línguas minoritárias. Estas línguas, sejam a Língua Portuguesa (no Brasil) ou a Língua Espanhola (no Paraguai) não tem como base de poder a quantidade de falantes e sim no âmbito econômico e social do idioma. Neste sentido, o poder não está necessariamente ligado



a questão numérica de falantes de uma língua, mas ao poder político e econômico de uma nação onde a língua se impõe como língua de poder. Exemplos são vários e podemos trazer um exemplo de São Gabriel da Cachoeira – AM, onde várias línguas indígenas são faladas. No entanto, somente três delas conquistaram poder para serem elevadas a línguas co-oficiais: ñenhangatu, tucano e o baniwa. As demais ficaram invisibilizadas pelo poder público. Há uma relação de número de falantes, mas, antes de tudo, há uma relação política mais forte e esta razão foi determinante revestindo de poder estas três línguas.

Em ambos os países existem variações linguísticas e étnicas (já citadas no decorrer do texto) que permeiam diariamente no convívio de alguns sujeitos. No entanto, a valorização política e econômica de umas acabam que outras línguas sejam postas à margem, e o falante, no passar do tempo, abra mão de sua língua ou variedade linguística a fim de alcançar uma melhor posição econômica social.

Por falta de uma política linguística que trabalhe com essas línguas e variedades linguísticas presentes nos dois países, a escola, como uma estrutura social oficial, toma a língua oficial como meio de comunicação e ensino, não sendo levado a vida social do sujeito, em que contexto o aluno está inserido, e se ensiná-lo que somente uma variação da língua é a correta pode lhe causar desconforto, fazendo com que o filtro afetivo<sup>42</sup> e o aluno tenha grande dificuldade em aprender a língua, seja ela a variação padrão ou outra língua que não seja a sua materna.

Num ambiente bi(multi)língue, uma política linguística bem estruturada é de extrema importância para que a *diglossia* ocorra de forma harmoniosa e não haja esse desequilíbrio linguístico e desprestigiado.

A falta de uma política educacional oficial com base em um planejamento linguístico que leve em consideração o reconhecimento, a compreensão e o respeito pelo contexto bilíngue, faz com que se acentue ainda mais a situação estigmatizante na qual essas minorias se encontram. (MELLO, 2011, p.25)

O que Mello traz nesta citação, de alguma forma tem sofrido mudanças em decorrência do projeto de escola intercultural bilíngue de fronteira – PEIF/MEC – Ministério de Educação e Cultura. Este projeto, hoje Programa de Escola Intercultural de Fronteira – PEIF doravante teve início a partir de uma provocação do governo Argentino no sentido de as autoridades olharem para o ensino na fronteira de uma outra ótica. Por certo que as línguas na fronteira viviam uma situação desconfortável nas relações políticas e sociais. Nesse sentido,

---

<sup>42</sup> Ler KRASHEN, Stephen D. *Principles and Practice in Second Language Acquisition*. University of Southern California. Internet edition. 2009



uma vem se colocando mais prestigiada do que a outra e, este prestígio se amparando na base política de determinado país em detrimento de outro.

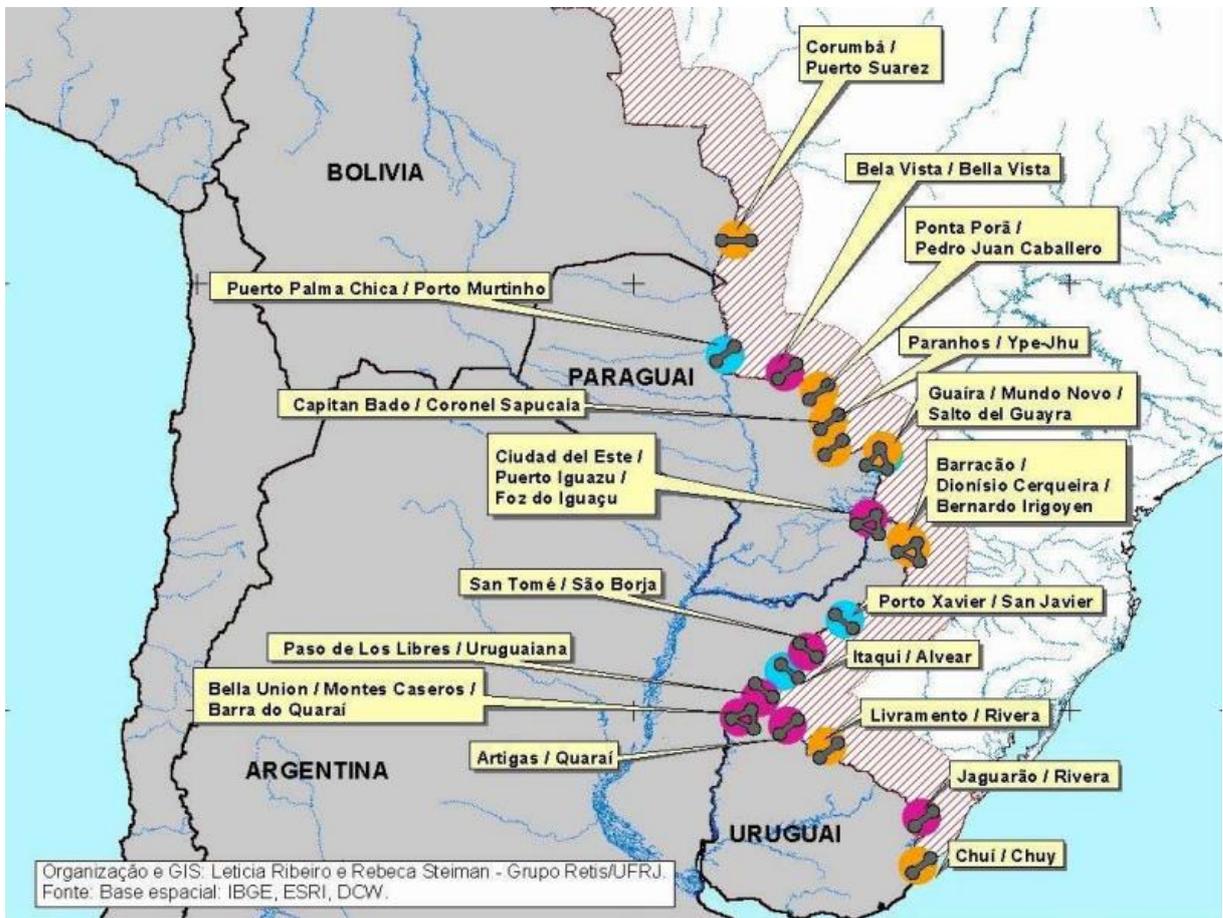


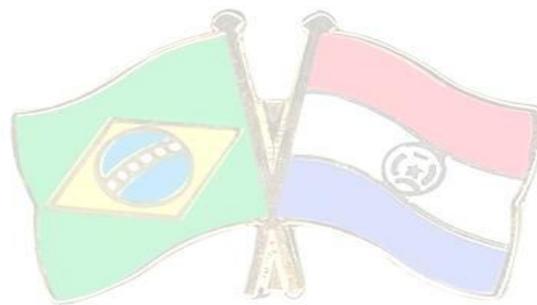
Figura 7 - Cidades Gêmeas – Fonte  
[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=12586&Itemid=835](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12586&Itemid=835)

Na fronteira de Ponta Porã a escola que participa do PEIF vem sentindo a transformação positiva em relação ao uso das línguas (cf. Fernandes, 2013). Os alunos oriundos do Paraguai, ao chegarem à escola brasileira, sentiam-se assustados, silenciados, negavam sua identidade. Após a inserção no Programa isto tem mudado, as crianças hoje assumem orgulhosamente sua identidade, suas línguas de berço são respeitadas, o guarani, o espanhol e o português dividem espaço sem que haja olhares negativos.



### **CAPÍTULO III**

**ELA FALA CASTELHANO MAS NO É DO ESPANHOL DE HOJE ... FALA DO JEITO DE/DE ARRENTINO... MAS ERA BRASSILERA – LÍNGUA E IDENTIDADE EM ANÁLISE**



### 3.1 Questões de Língua e identidade nas falas dos sujeitos entrevistados

Foram detectados, nas entrevistas escolhidas, aspectos históricos, culturais e linguísticos o que motivaram a busca dos aspectos identitários que possam estar ou não presente nas mesmas.

As narrativas apresentam, no âmbito histórico, passagens que insinuam, de certa forma, a influência da Guerra da Tríplice Aliança na formação da cidade como é conhecida hoje. A partir dessas informações citadas pelos sujeitos foram buscadas outras fontes que pudessem, de alguma forma, fundamentar os conhecimentos citados pelos entrevistados.

As duas entrevistas selecionadas para este estudo de caso foram escolhidas por conterem informações sobre a cidade, desde o motivo pelo qual foi dado o nome de Capitán Bado, até os costumes, dia-a-dia, afinidades do sujeito com as línguas (espanhol, guarani e português) e a transitoriedade entre os países Brasil e Paraguai que acabam por acarretar relações diretas dos sujeitos dos dois países.

Os sujeitos entrevistados são moradores da cidade sendo que a “Entrevista I” ocorre com um casal de irmãos, Juan e Tereza, brasileiros, que moram no Paraguai há mais 20 anos. Esses sujeitos<sup>43</sup>, como serão tratados mais adiante, tiveram sua formação indentitária na fronteira do Brasil com o Paraguai. As influências deste cenário tanto sociocultural como sociolinguístico complexo se mostram no decorrer da narrativa, pelas afirmações dadas por estes sujeitos, tais como relações deles com a aquisição da língua guarani, a manutenção da língua portuguesa em ambiente familiar e a relação com outros sujeitos pertencentes da região.

Na “Entrevista II” o casal entrevistado é natural da cidade de Capitán Bado, Davi e Cecília, no entanto, mesmo sendo oriundos do Paraguai, eles também discorrem sobre a relação com a língua originalmente indígena (o guarani), as influências da guerra nesta região e a proximidade com a língua portuguesa.

Tanto na primeira quanto na segunda entrevista, os sujeitos citam a origem do nome da cidade, afirmam que Capitán Bado foi um capitão paraguaio, considerado herói, que combateu na Guerra da Tríplice Aliança, com isso, foi trocado o nome da cidade, que antes, como é citada na segunda entrevista, se chamava “niuerá” (Ñu Verá<sup>44</sup>)

#### ENTREVISTA 1

**A: Juan**

<sup>43</sup> Juan nasceu em Paranhos-MS e sua irmã Tereza em Coronel Sapucaia – MS.

<sup>44</sup> Ñu Verá em português significa Campo Brilhante



**B: Tereza**

A. o nome da cidade é porque:: - o nome da cidade é u:: ( ) Matia Badosa... ele era:: da guera du:: setenta. si, esse Matia Bado. ele era capitaun, na epoca da:: da guerra com Brasil... a tripli aliança: Brasil, Argentina i:: tava brigandu cum:: Paraguai ne?

B. [ porque justamente ele quando ia na::: ( )... moreu ( ) Lopes – ele no chegô lá nê? moreu aqui. ( )

A. [ esse Matia Bado. hãn/ah o nome da cidade era pa sê Matia Bado.

B. [ ( ) pa se Matia Bado.

**ENTREVISTA 2****A: Davi****B: Cecília**

A. Capitán Matia Vavo. chamava.

E/era::: combatien..

B. [ ahora se lhama... ( )

A. é. Ê a hitória de/de que se chamava (Niura) era nome ante de colocar-se Capitán Bado. Tá gravando? ((tá gravando)) ((moto passando)) Tá gravando-lo? No/no (entendo) ( ) ((e tem a históriadu/du porque esse nomeou da pessoa?desse capitão?)) Si. Esse/era capitão que era:: quando:: Paraguai ( ) guera contra Blassil, Arrentina e Uruguai. Ê. Foi herói (nu caminho) da guera. Enton (colocaram) ( )

B. Acho que passaram por acá.

A. [Por acá passaram. E aí colocaram ( )

B. Porque todo isto/todo isto era de Paraguai e ( ) era de Paraguai

A. [Passado ( ) brilhante era do Paraguai

Nos dois excertos acima, como já foi colocado anteriormente, os sujeitos relatam o nome de Matia Bado, que na verdade seria José Matias Bado<sup>45</sup> o qual foi um dos capitães paraguaios que combateu na Guerra da Tríplice Aliança, e devido seus feitos durante essa guerra, a cidade que se chamava Ñu Verá, em 1914, passa a se chamar Capitán Bado. Este conhecimento dado por estes sujeitos pode ser confirmado pela notícia retirada no site Correio da Fronteira.

En la época de oro de la yerba mate, a finales del Siglo XIX, Ñu Verá era un punto estratégico de abastecimiento para las tropas de carretas y la administración de las empresas yerbateras existentes en la región. Con el paso de los años se convirtió en una gran ciudad que lleva la denominación Capitán Bado. [...] Ñu Verá [Campo Brillante en idioma Guaraní], pasó a llevar la denominación de Capitán José Matías Bado o Capitán Bado, como hoy se la conoce, gracias al Decreto Presidencial firmado por el entonces presidente, Eduardo Schaerer que data del 25 de julio de 1914. De esta forma, iniciaba sus actividades una ciudad que lleva el ilustre nombre del pilarense, héroe de la Guerra del 70, Capitán José Matías

<sup>45</sup> En medio de la febril actividad en que vivía tuvo tiempo para visitar los cuerpos raleados, interrogar a la tropa y buscar a su héroe. Y en lino de los regimientos de caballería dio con él. Era un mocetón pilarense, alto, delgado, de tez blanca y grandes ojos pardos. Había nacido en los campos del Ñeembucú, era consumado jinete, poseía una audacia inmensa y una fuerza colosal. Simple cabo, se había hecho notar como incomparable tronchador de cabezas. Ya se hablaba de sus hazañas en las avanzadas, de sus misteriosas excursiones, sus salidas nocturnas y sus vueltas triunfales. Era, en una palabra, el hombre que al Mariscal López faltaba. Se llamaba JOSÉ MATÍAS BADO.



Bado. (<http://www.correiodafronteira.com.br/modules.php?name=News&file=article&sid=20542>).<sup>46</sup>

Além deste diálogo indireto entre as duas entrevistas firmando o acontecimento desta mudança topônima, na segunda entrevista há um sentimento saudosista marcado quando Davi (A) e Cecília dialogam dizendo: “B: Porque todo isto/todo isto era de Paraguai e era de Paraguai. A: Passado brilhante era do Paraguai”. Nota-se na colocação de **B** (lembrando que Capitán Bado faz fronteira direta com o Brasil sendo cidade gêmea de Coronel Sapucaia) que a área terrestre pertencente ao Paraguai era maior do que a conhecida atualmente, dando a impressão que até a região onde está situada a cidade de Coronel Sapucaia já tivesse sido pertencente ao Paraguai. Na segunda frase, “passado brilhante era do Paraguai”, dita por **A**, o verbo ser flexionado no pretérito dá a informação que, para este sujeito, o país não vive mais seus tempos de glória, pois anteriormente à Guerra da Tríplice Aliança o país possuía uma política econômica estável que em decorrência da guerra, se desestruturou.

Perceba que estes sujeitos relembram estes fatos e determinam essas fronteiras geopolíticas passadas de acordo com as histórias que lhes foram contadas. Campigoto registra que:

[...]a linha de limites entre países, todavia, não é dada pelos deuses; trata-se igualmente de um fenômeno mais complexo do que uma emanção direta dos poderes políticos e econômicos centralizados. É algo mais do que uma invenção das elites governantes ou um artefato destituído de significados aos olhares dos governados. Se a fronteira não estivesse vinculada aos sentidos do mundo não poderia ser compreendida nem considerada como legítima, aceitável ou existente. Em outras palavras, compreendemos as linhas de limites entre países porque alguém, algum dia, nos explicou, nos ensinou e deu testemunho sobre a existência dos países e dos seus contornos. Nos primórdios da humanidade não era assim; não nascemos conscientes da existência de tais demarcações. Trata-se, portanto, de um saber que tem uma historicidade, que foi sendo construído e transmitido de uma geração para outra. O conjunto de significado da fronteira antecede à nossa compreensão, mas não é único e nem uniforme (CAMPIGOTO, 2008, p.389).

Outro aspecto relevante é que os entrevistadores, indicados por parênteses duplos (( )), fazem as perguntas e interrupções em língua portuguesa, ou seja, em nenhum momento há mudança de código linguístico por parte deles, dessa forma os entrevistados procuram responder também em língua portuguesa. Contudo, deve-se lembrar de que os sujeitos da

---

<sup>46</sup>Na época de ouro da erva mate, no final do século XIX, Ñu Verá era um ponto estratégico de abastecimento para as tropas de carretas e a administração das empresas ervateiras existentes na região. Com o passar dos anos se converteu em uma grande cidade que leva a o nome de Capitán Bado. [...] Ñu Verá (Campo Brillante no idioma Guaraní), passo a levar o nome de Capitán José Matías Bado o Capitán Bado, como hoje se conhece, graças ao Decreto Presidencial firmado por então presidente, Eduardo Schaerer datado no dia 25 de julho de 1914. Desta forma, iniciava as atividades de uma cidade que leva o ilustre nome do pilarense, herói da Guerra de 70, Capitão José Matías Bado. (**Tradução livre**)



segunda entrevista (Davi e Cecília) são paraguaios, falantes das línguas espanhola e guarani e mesmo que haja a intenção da mudança de código para a língua portuguesa, estes falantes se denunciam inconscientemente voltando para a língua materna.

Vê-se, também, que na primeira entrevista, em que os falantes são brasileiros residentes há muitos anos na fronteira Brasil x Paraguai, que há essa alternância de código entre a língua materna (português) e a língua adquirida (espanhol), não havendo então uma preocupação de manter um código linguístico fixo. A relação de intimidade posta entre os entrevistadores e entrevistados faz com que os sujeitos acabem revelando suas identidades bilíngues e relatando como entraram em contato com a região de fronteira entre o Brasil e o Paraguai.

### 3.1.1 – *Falu que so brassilero*

Na primeira entrevista, feita com Juan e Tereza, os dois são motivados a falarem de suas origens, histórias de infância, contato com as línguas presentes na comunidade em que vivem, relações com a fronteira e casos do dia-a-dia. Com isso eles expõem informações pertinentes para a análise deste trabalho, capazes de oportunizar uma leitura de suas identidades.

Logo no início da primeira entrevista os irmãos Juan e Tereza são questionados em relação a suas origens, com a pergunta “Como que vieram parar aqui?”.

#### **ENTREVISTA 1**

**A: Juan**

**B: Tereza**

**A.** ( eu so brassilero) mai esses paraguaios não sabe nada ((risos)).

**B.** faz tempo que se mora no Paraguai. ((faz muito tempo?))

**D.** a pergunta vai se como qui vocês vieru pará aqui ((é. Essa pergunta mesmo. Como que vieram parar aqui. vamos começar pelo senhor))

**A.** não, eu no posso falar que eu.. eu (pur exemplu) nasci em Paranho. me mudei quando era criança mai.. ( ) que nasci em Paranho, falu que so brassilero ((risos))

**B.** minha mae e meu pai são do::: ertado do Paraná. ele tudo viero de lá. ele viero de lá, casaro, ((criança falando)) (vivero em Paranho) e nôi ertamo tudo... (registrado) em Coronê Sapucaia. aqui e o meus irmão mai novo tão em Amambái, eu to aqui em Coronê Sapucaia, e meu irmão mair novo foi (registrado) em Amambái

**A.** nôi ieralmente morava em Paranho, eu nasci em Para.. e de Paranho passemo no – passamo no Paraguai que é ai pertin.. frontera assi.. e na época u pai::: trabalhava de carro de boi puxava:: tora.



Os pais destes sujeitos são do estado do Paraná/BR e de acordo com o relato foram para Paranhos-MS/BR, localizada na fronteira com o Paraguai, sendo cidade gêmea de Ype-Jhu/PY. Juan nasceu em Paranhos, o que o leva a dizer “falu que so brassilero”, entretanto, esta frase colocada no meio da narrativa não dá peso de certeza sobre nacionalidade. No decorrer de seu discurso há a impressão que ele só afirma que é brasileiro pelo fato de ter nascido em território brasileiro e não por se sentir como tal.

Sua irmã continua a narrativa colocando as mudanças de cidade as quais os pais fizeram. Ela, por um exemplo, diz que **“nôi ertamo tudo (registrado) em Coronê Sapucaia, aqui, e o meus irmãos mai novo tão em Amambai, eu to aqui em Coronê Sapucaia e meu irmão mair novo foi (registrado) em Amambái”**. A primeira parte a ser analisada deste trecho é a questão de fronteira e territorialidade, veja que esta entrevista foi coletada na cidade de Capitán Bado-PY, cidade gêmea de Coronel Sapucaia, entretanto Tereza usa o marcador lexical **“aqui”** para marcar Coronel Sapucaia, como se a entrevista fosse realizada na cidade brasileira e não na paraguaia. Com isso, percebe-se que para a entrevistada embora sendo duas cidades, pertencentes a países diferentes, o fato de serem aglutinadas num mesmo locus faz com que esta comunidade seja uma só e que a fronteira geográfica seja apagada. Outro aspecto interessante é a interrupção de Juan na fala de Tereza quando o mesmo introduz a palavra **“registrado”**. Quando Juan fala de seu nascimento diz que nasceu em *Paranho-MS/BR*, no entanto, no caso de Tereza, quando vai relatar sobre sua origem, Juan a interrompe e inclui a informação que ela e os outros irmãos foram registrados dando a impressão que somente o registro de nascimento foi feito nas cidades citadas (Coronel Sapucaia e Amambai), ou seja, o documento e que os mesmos podem ou não terem nascido nas respectivas cidades. Havia uma prática de aguardar o nascimento de dois ou três filhos para, então registra-los. Assim, as datas podem não ser verdadeiras e, nesse caso, as cidades também.

Na última parte deste trecho, Juan confirma sua informação **“nôi ieralmente morava em Paranho, eu nasci em Para.. e de Paranho passemo no – passamo no Paraguai que é ai pertin.. frontera assi”**, indicando a fronteira direta de Paranhos com o Paraguai, mas também usa um marcador **“que é aí pertin”** indicando um afastamento do país, que é aí pertinho e não aqui, dando também a impressão que Capitán Bado e Coronel Sapucaia é um lugar só.

Continuando a explanação da origem de Juan e Tereza, eles relatam sobre as locomoções geográficas de suas família, mudanças de cidades, naturalidade das avós e as relações geradas a partir destas movimentações.



A. eu cheguei a conhecer minha avô (Alto da Laguna) ((era uma pessoa tranquila, conversava bastante?)) é:: a mãe da minha mãe ela ... ela êra bem quieta i: a mãe du pai:: era bem forti (era meia) baixinha mais bem forti... morava em Guatini ainda ... as duas morava em Guatini

B. [só criaro em qualqué lugá

A. [ só que a minha vó, mãe do meu pai era argentina

B. [ela fala (como) argentina ...ela fala castelhano mas no é do espanhol de hoje ... fala do jeito de/de arrentino... mas era brasileira

A. qui a mãe da minha mãe já é gaúcha ... us parenti do meu pai tem:: alguma irmã dele fala até o guarani ... (alemão...) os parenti da minha mãe não fala nada ((é tem mistura né?))

B. [minha filha mora em Campo GRANDe

A. [agora o pai fei noventa anos dia cinco fevereru. veiu tudo parenti dele lá do Brasil do norte do Acre, Campo Geande (( do Acre!)) é...

B. [minha mãe viaja pra (cá) agora que ela num vem mais porque ela.. o coração dela anda meio fraquinho

A. [i:: mas agora ela já (inventa) vai pru (Acre) ... lá pru Acre otra veis visita o irmão dela

B. [ vai vê o irmão

A. [ intão fizemo uma festa de noventa anu do pai ... (( tá forte então, hein!)) matô trei vaca ... i: fizemo lá nu salão paroquial em Sapucaia (( ...e já aprontou muito? Lembra de muita coisa, assim do seu pai? Muita história coisa engraçada que acontecia?)) ...intão u pai tem muita história né...( ) (( ele também veio pra cá, pro Paraguai?))

B. [ele tá aqui pertinho, mais ele tem a terra dele aqui no Brasil ... mas/mais eles tão pra cá por causa de nós que:: fica mais perto aqui, nós perto dele (carro sendo lavado) ((moraram aqui a visa inteira?))

A. [praticamente ...quando era criança... (falando em Guarani)

B. [nóis mudamo quando era criança pra cá... até hoje tamo

No início do relato há a menção que os pais de Juan e Tereza são originários do estado de Paraná, no decorrer da narrativa os dois começam a falar de suas avós e respectivamente de suas origens também. Como está exposto no trecho acima, vê-se que os dois fazem uma caracterização dessas mulheres, entretanto o que mais chama a atenção são as qualidades atribuídas a elas. A avó paterna era baixinha, mas bem forte e inicialmente é colocada como argentina. A língua usada por esta avó era o espanhol, mas percebe-se que Tereza diz **“ela fala (como) argentina ...ela fala castelhano mas no é do espanhol de hoje ... fala do jeito de/de arrentino”**, isso indica as variações linguísticas do espanhol, que em cada região em que esta língua é falada possui suas características que influenciam na linguagem, porém, toda essa afirmação sobre o falar da avó paterna vai além do fato de ser uma variação linguística do espanhol. Indica a identidade dessa avó firmada com os marcadores “como” “mas no é” “fala do jeito de” indicando que há, também, uma diferença entre esta atitude argentina e as outras que possam usar a língua espanhola como código de comunicação. Contudo há uma intervenção nesta fala de Tereza que acaba por contradizendo todos os marcadores que afirmam e confirmam a origem desta avó, a presença de **“mas era brasileira”** encerrando o



enunciado faz com que toda a identidade proposta pela entrevistada seja quebrada e a imagem da mulher argentina que falava o espanhol “arrentino” seja posta em dúvida.

Na descrição da avó materna o fato de ser “**bem**” quieta, como os sujeitos relatam, faz com que as informações dadas sobre ela sejam mais amenas, restringindo-se no comportamento e em sua origem “**qui a mãe da minha mãe...já é gaucha**”. O marcador “**bem quieta**” acarreta um apagamento dessa avó, como se o fato de ser quieta, e não forte e nem com a fala “arrentina” da avó paterna fizesse que não fosse tão interessante.

Essas leituras diferentes relacionadas às avós se estendem ao mencionarem os “**parenti**” paternos e maternos, indicados no enunciado “**A... us parenti do meu pai tem:: alguma irmã dele fala até o guarani ... (alemão...) os parenti da minha mãe não fala nada**”. Em relação aos parentes paternos, “**alguma irmã**”, não se sabe qual tia, fala “**até**” o guarani, esse marcador “**até**” sugere que o fato desta tia falar a língua indígena não é esperado. Se a avó fala o espanhol “**arrentino**”, e sabendo que a língua guarani também está presente, de alguma forma, nos contextos sociolinguisticamente complexos no território argentino, supõe-se que a tia pudesse falar tal língua. A mesma fala também o alemão, o qual é inserido no enunciado por Tereza, indicado pelos parênteses, fazendo com que se entenda que a o ato de utilizar o código linguístico alemão era mais esperado do que a apropriação do guarani. Aí entra a família materna, os quais “**não fala nada**”, percebe-se que para Juan, o fato da família paterna possuir uma situação de multilinguismo presente no dia-a-dia, falando o “**espanhol arrentino**”, “**até o guarani**” e o “**alemão**” tem muito mais peso que a ocorrência dos parentes maternos, os quais a avó era “bem quieta”, “gaucha” e portanto falava o português, dessa forma ele finaliza a caracterização com “**não fala nada**”. Neste caso, ser monolíngue, para Juan, não possui valor.

Seguindo a citação, há a volta aos dêiticos: “**aqui**” “**cá**” “**lá**” indicando o ponto de partida para a noção de onde estes sujeitos estão ou pensam que estão. Juan, dessa vez, distancia-se do país vizinho (Brasil) quando relata a festa de aniversário e a moradia de seu pai marcando seus enunciados com o advérbio de lugar “**lá**”, os enunciados “**parenti de lá do Brasil**”, “**lá nu salão paroquial em Sapucaia**”, adicionados à pergunta feita pelo entrevistador “**((ele também veio pra cá, pro Paraguai?))**”, identificam a real localização geográfica na qual está sendo realizada a entrevista, mas Tereza entra no diálogo acrescentando que “**ele ta aqui** pertinho, mais(mas) ele tem a terra dele **aqui** no Brasil” rompendo, outra vez, imageticamente, a fronteira geográfica real dando a impressão que, para ela, não há o limite territorial. Essa atitude verbal de Tereza inserida no fim deste trecho faz com que seja posto em dúvida o último enunciado referido pela a mesma “**B**. [nóis mudamo quando era criança



**pra cá...** até hoje tamo”. Se partirmos da ideia de localidade territorial real, vista com o olhar de entrevistador, coletor de dados e informações, este marcador “**pra cá**” indica Capitán Bado, Paraguai, como o “**cá**”, entretanto, a entrevistada em vários momentos situa sua localização pelo marcador lexical “**aqui**”, indicando, então, que estaria no Brasil, mais precisamente em Coronel Sapucaia.

Este comportamento de Tereza seria um tipo de desterritorialização e reterritorialização, no qual, segundo Haesbaert

[...] mais do que o desaparecimento dos territórios, o que estamos presenciando é a consolidação de novas formas de organização territorial. E uma das características centrais dessas novas territorialidades é a sua imbricação com processos múltiplos, diferenciados, complexos, de identificação social, ou seja, tão importante quanto os processos econômico-políticos de desterritorialização é a dinâmica simbólico-cultural que ajuda a moldar as territorialidades emergentes (HAESBART, 2002, p.31).

Temos nestas falas um conflito, inconsciente por isso não percebido pelo entrevistado, sobre o conceito de fronteira, limites e divisão. Não há, de acordo com a narrativa que Tereza nos oferece, diferença entre o **lá** e o **aqui**, o sujeito transita verbalmente não só pelas questões complexamente linguísticas (língua portuguesa e espanhola, menção do guarani, acentuação – sotaque), mas também territorialmente, fazendo que ele transcenda as marcações geográficas e sinta que, mesmo sendo indicadas em um mapa as divisões, para ele é um lugar só.

A discussão sobre a equivalência entre o lá e o aqui, contudo, pode ser considerada como um detalhe sem importância numa narrativa. Pode se afirmar que se trate de uso da linguagem comum nas conversas e no mundo da comunicação cotidiana, mas há um pormenor digno de nota e averiguação que é o seguinte: dizer que aqui é igual aqui causa estranhamento ao passo que igualar aqui e lá é natural. Completamente fora de lógica, mas aceitável, corriqueiro, compreensível e desprezível. Por quê? Porque a tradição do Estado Moderno nos informa que cada país tem uma identidade própria e é demarcado por fronteiras e que nas épocas de paz entre as nações pode ser bom viver em qualquer uma delas. Além disso, corrobora a tese de que o fato dos sujeitos transitarem pelas fronteiras não dilui, necessariamente, as identidades nacionais. Assim, o dito de que lá é igual aqui assegura as diferenças enquanto testemunha a igualdade. Torna-se, portanto, evidente que a linguagem constrói a fronteira mesmo quando formatamos o discurso numa perspectiva cosmopolita (CAMPIGOTO, 2008, p.398).

Veja que Campigoto coloca que neste caso a linguagem constrói a fronteira e neste caso de Tereza o limite geográfico territorial determinado geopoliticamente é suprimido e a linha que divide os dois países é apagada, fazendo que lá e aqui seja o mesmo lugar.

Na pesquisa de Campigoto sua entrevistada possui algumas características parecidas com as de Tereza. De acordo com o autor:



[...] a narradora testemunha que não há diferença entre os lugares e apresenta-os de forma distinta não por uma deficiência lógica no uso da linguagem ou do cérebro, mas porque na tradição ocidental é assim que o enunciado foi construído e é assim que é compreendido. Tal expressão segue algumas regras, entre elas, a de que o diferente só tem sentido na oposição do igual. Além disso, a narradora deve localizar o interlocutor, nato geograficamente quanto no aspecto do entendimento da coisa. Em outras palavras, o sentido da sua fala pode ser o seguinte: aquilo que para as outras pessoas e inclusive você que me entrevista é diferente, é igual pra mim. Ou então, para mim querem fazer acreditar que existem diferenças entre Brasil e Paraguai, mas não vejo tais contrastes (CAMPIGOTO, 2008, p.398).

Não só o lá e aqui que interferem na identidade destes sujeitos. Há também inserido uma desfragmentação do sujeito que antes brasileiro, hoje considera que sua família “virô paraguaia”, como demonstra a citação a seguir.

**A.** [aí: a genti é: ... a família também virô: paraguaia e:: em muitas partes né, noi são brasileiro.. êle mai eu tenho minhas erma lá em Cida'Leste ... são paraguaia ((conheço lá, Cidade del Leste))

**B.** [já são paraguaia... i eu tenho minha filha que morava em Foz, mas êla/ eu nunca registrei êla i êla (istudo) no Paraguai depois por via consulado no adevogado ela fez imigração...só qui êla/eu num posso registra êla purque é imigrante né...

**A.** [ intão... êles já nasceram no Paraguai ( ) istudaram no Paraguai i:: são formadu aqui no Paraguai já eu tenhu filha tamém – minha filha já é Paraguai tamém – (i é ) formada em medicina i o otro já vai forma esse ano... forma tamém, odontologia aí eles doi já são paraguay tamém... intão é ua mistura que:

**B.** [ agora a mulher dÊle... êla é brasileira... só que (papel) aqui ninguem fais a identidade, ninguem qué faze a identidade pa ninguém ((mas, por que?)) purque falam qui os paraguayos viraro brasileiro que identidade já num vale..Eu tenhu a minha verdinha né ((mas fez aqui no Paraguai)), não nói feis no Brasil ((moto passando)) ( ) Mato Grosso do sul naõ fais ((mas que estranho né?)) é istranho ... i lá no Uruguai por exemplu

**A..** [é a turma fais (doble nacionalidá)

**B.** [aí é doble nacionalidá ((pode ter duas né)) ..(passa no Brasil) i Uruguiana tá no Uruguai né... intão o uruguaio voltá na/no Uruguai i quandu é a epoca de eleição no Brasil ele passa a votá no Brasil é aceitado pelo governo e aqui tambem podia te aceitado<sup>47</sup>

Seguindo ainda as questões de identidade dentro das narrativas de Juan e Tereza temos, no início da citação acima, o enunciado dito por Juan “a família também **viro: paraguaia** e:: em muitas partes ne, **noi são brasileiro...** êle mai eu tenho minhas erma lá em Cida'Leste... **são paraguaia**”, voltando às análises já feitas no decorrer deste subtópico, sabe-se que Juan nasceu em Paranho, Tereza fora registrada em Coronel Sapucaia e que os outros irmãos foram registrados em Amambai, então como as irmãs residentes em Ciudad Del Este - PY são paraguayas? Lembre-se que a palavra “registro” inserida por Juan no discurso de

<sup>47</sup> Este trecho será abordado novamente com outras análises.



Tereza sugeriu que somente o documento fora feito nestas cidades, ocultando a informação de onde estes sujeitos (Tereza e irmãos mais novos) nasceram. Contudo, no decorrer do relato, aparece a frase **“viro paraguaia”** dando impressão que os sujeitos citados mudaram de nacionalidade, antes brasileiros, agora paraguaios por causa da vivência, dos casamentos. Este pensamento é confirmado quando Tereza acrescenta **“já são paraguaia...”**, e este “já” confirma esta mutabilidade de lócus e identidade nacional. Essas transições relacionadas às mudanças feitas de Brasil para Paraguai, e vice-versa, são constantes no discurso proferido por Juan e Tereza. Ela, por sua vez, continua firmando informações geográficas dos sujeitos quando expõe que sua filha não possui documentação de registro identitário com a afirmação **“i eu tenho minha filha que morava em Foz, mas êla/ eu nunca registrei êla i êla (istudo) no Paraguai depois por via consulado no adevogado ela fez imigração...só qui êla/eu num posso registra êla purque é imigrante né...”**. A filha de Tereza morava em Foz do Iguaçu, porém Tereza não diz se sua filha nasceu no Brasil ou Paraguai e afirma que não a registrou (aqui volta a questão documental do registro), dando a impressão que o registro não foi feito nem no Paraguai e muito menos no Brasil. Entretanto, a filha toma a atitude de ir ao consulado e fazer a imigração, que também não é dita se brasileira ou paraguaia, ainda mais por essa filha morar em Foz de Iguaçu – PR/Brasil, tríplice fronteira constituindo uma cidade *trigêmea*, ou seja, faz divisa com o Paraguai e Argentina, como indica o mapa abaixo.

Esta dúvida que surge sobre a documentação e identidade nacional da filha de Tereza é, de alguma forma, explicado por situações decorrentes na narrativa, tais como no trecho citado abaixo em que são mencionadas as implicações burocráticas as quais impede, muitas vezes, esse registro identitário. Esta fala revela desconhecimento, pois, uma vez nascido em um país e sendo filho pátrio, tem direito a cidadania sem necessidade de registro em embaixada ou consulado.

**A.** [ intão... êles já nasceram no Paraguai ( ) istudaram no Paraguai i:: são formadu aqui no Paraguai já eu tenhu filha tamém – minha filha já é Paraguai tamém – (i é ) formada em medicina i o otro já vai forma esse ano... forma tamém, odontologia aí eles doi já são paraguai tamém... intão é ua mistura que:

**B.** [ agora a mulher dÊle... êla é brasileira... só que (papel) aqui ninguem fais a identidade, ninguem qué faze a identidade pa ninguém ((mas, por que?)) purque falam qui os paraguaios viraro brasileiro que identidade já num vale..Eu tenhu a minha verdinha né ((mas fez aqui no Paraguai)), não nói feis no Brasil ((moto passando)) ( ) Mato Grosso do sul naõ fais ((mas que estranho né?)) é istranho ... i lá no Uruguai por exemplu

**A..** [é a turma fais (doble nacionalidá)

**B.** [aí é doble nacionalidá ((pode ter duas né)) ..(passa no Brasil) i Uruguaiana tá no Uruguai né... intão o uruguaio voltá na/no Uruguai i



quando é a época de eleição no Brasil ele passa a votar no Brasil é aceitado pelo governo e aqui também podia ter sido aceitado

Juan se apropria do marcador textual “**já**” para indicar a mudança da nacionalidade de sua família, lembrando que ele mesmo é brasileiro, porém, no decorrer do texto percebemos que o sujeito já se integralizou à cultura paraguaia. Então, no momento em que o mesmo vai falar sobre seus filhos ele usa o marcador **já**, fechando o ciclo de alterações relacionadas à seu locus de origem atual. Quando ele diz “eles **já** nasceram no Paraguai” e depois vai acrescentando que estudara, se formaram e por consequência disso “eles **dói já** são paraguaio também...intão é ua mistura”. Nesta última frase se nota a presença de “também”, sendo assim, remete-se que outras pessoas da família também **já são paraguaio**, remetendo-se ao trecho citado anteriormente “a família **também** virô paraguaia”, ou seja, não são mais brasileiros, independente se nasceram ou não, agora todos são paraguaios na concepção de Juan.

Em seguida, Tereza acrescenta a informação que a mulher de Juan é brasileira “**agora** a mulher dele... ela é brasileira”, o marcador adverbial de tempo “agora” e o verbo ser flexionado no presente “é” remete que a esposa de Juan não sofreu mudança em relação à este contato com a fronteira, mesmo com os filhos já sendo paraguaios e a família virando paraguaia.

Outra vez temos presente situações remetendo que estes sujeitos estão sempre nesta fronteira, fronteira que não se restringe à geografia, ela se abre e toma o íntimo do sujeito que se define como paraguaio por morar no país e ter constituído família neste local, mas ele também se define brasileiro por ter nascido e por seus pais ainda morarem no país vizinho. Além de ter momentos em que os entrevistados por vezes se situam no Paraguai, outras vezes no Brasil, determinados pelos marcadores “aqui, cá e lá”. Com isso a fronteira passa por situações de acentuação (momentos que ela é exposta conscientemente com frases - viro paraguaio, aqui no Paraguai, ela é brasileira, entre outros) e outras situações em que ela é apagada (este apagamento ocorre inconscientemente, nos momentos em que o mesmo sujeito denominado por si como brasileiro se comporta como paraguaio).

A transculturalidade é aqui entendida como tradução, no sentido que lhe é atribuído por Hall (2011). Para ele, não há perda ou assimilação, mas negociação e mudança cultural. As pessoas não apagam seus vínculos quando se deslocam, mas também nunca viveram ou viverão num continente culturalmente unificado. De acordo com Hall, as pessoas estão irrevogavelmente traduzidas.[...] Quer dizer, não há o original, e, por mais que se afunde na história, é sempre o misturado que se reencontra (COX & ASSIS PETERSON, 2007, p.36).



Estas questões complexas relacionadas à esta fronteira e ao ir e vir destes sujeitos, são intensificadas quando Tereza volta a falar sobre a documentação que poderia, de alguma forma, os identificarem nacionalmente, de uma forma fixa. Percebo que para ela isso gera um certo incômodo, pois a mesma, sempre quando possível, retoma o assunto dos papéis, e por não existir este produto palpável que possa representar burocraticamente as origens Tereza afirma que “falam qui os paraguaios viraro brasileiro que identidade já num vale”.

As proximidade direta das cidades faz com que os moradores, de ambas, utilizem tanto a área de escolas, comércio e saúde das duas cidades. Ou seja, muitas vezes nascem no Paraguai filhos de brasileiros, como ao contrário, dificultando, muitas vezes, o registro. Pode-se dizer que as culturas se inter cruzaram, que há momentos que se nota aspectos paraguaios no comportamento do indivíduo, como aspectos da cultura brasileira (sul-mato-grossense) (EBLING,2014, p.20).

Além dessas questões identitárias, há também a questão bilíngue e alternância de código consciente e inconsciente destes sujeitos, que será tratada no tópico que se segue.

### **3.2 Alternância de código como traço do falar bilíngue (via entrevistas)**

Como foi explanado no capítulo dois, mais precisamente no tópico 2.2.1 Discutindo na perspectiva do Bilinguismo, o bilinguismo não está presente somente em países considerados bi(multi)lingues oficialmente, há contextos sociolinguisticamente complexos inseridos em países oficialmente monolíngues, os quais, muitas vezes, desconsideram a variedade linguística presente em seu contexto.

Por muitos anos o Paraguai também passou por esse apagamento das línguas minoritárias em seu contexto geográfico, tanto que o Guaraní se tornou língua oficial do país somente em 1992, lembrando que ela é usada socialmente nesta comunidade desde antes da chegada dos espanhóis.

Além das línguas oficiais do Paraguai temos em linha de fronteira com o Brasil a presença da língua portuguesa, a qual permeia “naturalmente” nesta região. Na cidade de Capitán Bado o contexto não seria diferente, afinal ela está situada na linha de fronteira entre Brasil e Paraguai, como já foi ressaltado anteriormente, então, não teria como desvincular uma situação linguística complexa.

Com isso, os informantes das entrevistas analisadas também apresentam traços de bi(multi)linguismo, que em alguns momentos são confessados conscientemente pelos



entrevistados e em outros momento eles o produzem sem se dar conta do comportamento bilíngue.

Começo pela primeira entrevista que foi feita com os brasileiros Juan e Tereza. O primeiro nasceu em Paranhos e se denomina brasileiro por este fato, subentende-se, então, que sua primeira língua foi o português, além do mais, seus pais são brasileiros, provindos do Estado do Paraná se deslocando em direção à fronteira, tendo que se adaptar ao novo contexto ao qual passaram a viver. Tereza também foi registrada em região de fronteira, Amambai que mesmo sendo no Brasil é próxima as cidades gêmeas de Coronel Sapucaia e Capitán Bado. Em suma, os irmãos são filhos de brasileiros, nascidos em solo brasileiro e falantes da língua portuguesa, mas, por viverem em uma região com características sociolinguísticas diferenciadas estes sujeitos tiveram que se adaptar e se moldarem de acordo com as peculiaridades presentes na nova morada.

#### ENTREVISTA I

**B.** [ nós agora fala guarani junto ((ah, é !)) purquetodumundu ia (passanu) e casaru cum paraguai e cum paraguaia né

**A.** [nôinum:: sabia nem fala u guarani tamém

**B.** [ nôinum falava em guarani. A minha mãe que::

**A.** [ porque... em casa era soportugue

**B.** [ custôpa:: falá

**A.** [ aí depois:: cumeçô a fala, purquetodu mundo falava né ... já cumeçô nasce ermão aqui no Paraguai qui falava:: ((já falando né?)) aí foi falando castelhana e guarani::

**B.** [guarani i castelhanoporque (falando junto)

Tereza diz que “nois agora fala guarani junto” e usa o marcador adverbial de tempo “agora” indicando que antes não havia este comportamento, sendo então uma língua adquirida com o tempo, e não materna. Dessa forma, continua afirmando essa aquisição linguística quando diz “nôinum falava em guarani. A minha mãe que custôpa:: falá”, onde flexiona o verbo falar para o pretérito imperfeito e, ainda, expõe a condição de sua mãe anunciando que a mesma não teve muita facilidade para aprender a nova língua, pois, segundo Juan “porque...em casa era so portugue”.

Temos aqui uma família que, segundo os relatos, era essencialmente monolíngue em língua portuguesa. Essa mesma, ao se deslocar para o Paraguai, mais precisamente para a fronteira com o Brasil, se viu na necessidade de absorver características comportamentais do novo local de morada. Com isso, a aquisição das língua guarani e castelhana dentro do ambiente familiar se tornou estudo obrigatório, ainda mais pela pressão indireta da comunidade que habitava “fora de casa”, porque de acordo com Juan “cumeçô a fala, porque



todu mundo falava né”, ou seja, se “todos” falavam, eles como parte integrante do “todos” deveriam também falar.

Dessa forma, com a família já inserida linguisticamente neste novo contexto social, os irmãos mais novos de Juan e Tereza, ao nascerem no Paraguai, já não tinham mais essa necessidade de aquisição de segunda língua, pois para estes o guarani e o espanhol já estavam inseridos naturalmente em ambiente familiar, sendo agora as línguas maternas.

Pode-se fazer uma correlação ao processo, já citado no Capítulo II (2.2 Políticas Linguísticas - Brasil, um país monolíngue?) em que é relatada a pressão linguística que os escravos sofreram ao terem que aprender a língua portuguesa para poderem se organizar socialmente dentro da nova comunidade. Os filhos destes também ao nascerem em território brasileiro já tinham a língua portuguesa como língua materna, que é o que ocorreu com irmãos de Juan e Tereza. A diferença nestes dois eventos é que a pressão sofrida por Juan e Tereza foi indireta, pois a mudança de país foi intencional, no entanto, no caso dos escravos, a pressão foi direta e invasiva, na qual não adquirir a nova língua e manter a língua materna poderia ser fatal.

Essas novas línguas (castelhano e guarani) engranzadas<sup>48</sup> no contexto familiar e social destes sujeitos fizeram com que os mesmos se relacionassem com pessoas que, de alguma forma, vivessem as mesmas situações linguísticas, e de acordo com Tereza, “porque todumundu ia (passanu) e casaru cum paraguai e cum paraguaia né”, fazendo com que estes sujeitos brasileiros se tornassem, de alguma maneira, paraguaios, mais conhecidamente como brasiguaios:

No subcapítulo anterior há momentos em que os sujeitos dizem que “a família virô paraguaia”, se referindo à mudança de país e do contato com o outro, sendo assim essa aquisição linguística, fazendo com que os sujeitos se tornem bi(multi)língues, não está dissociada dessa transformação, dessa forma ela também é integrante das peculiaridades que foram a identidade deste sujeito fronteiriço.

A. nós num tinha istrada memo né: i:: nós morava numa fazenda e meu pai era capatais ( ) já comprou uma terra pra ele né ... e nós ia de carro de boi nas festa i: ... i: um dia veiu meu tio lá do ( ) veio buscá otra irmão do meu pai qui é: num lembro acho qui morreu parenti ....sei q fumu numa camioneta (daquela rural daí) num tinha istrada e nós ia na istrada i: tinha lugar qui num podia pasar puxado por boi, daí depois chegemo lá i atolo a camioneta i:: aí meu primo falo: vo busca pa nós uma junta de boi pra/ pra tira nosso carro da: da lama ... i ele era brasileiro puru, na epoca ninguem falava portugues... aí ele foi chego na casa da dona lá i falo:: o dona da ca::

<sup>48</sup> Verbo, participio de engranzar, Adjetivo, feminino plural de engranzado – Significado = Engrenar;encaixar;engatar;entrosar.



tem boi pra emprestar pra puxa o carro ... daí o paraguai falo *boi*? Porque boi é cobra pro paraguai...(risos) e ele queria boi de carro pra puxa *você qué boi?* *Ele falo, num tem ( )*((confundi tudo)) aí meu primo falo ... puxa mais aqui: ninguém que ajuda a genti (risos) ((e ficou sem ajuda?)) fico, aí eu fui lá ... qui eu sabia que qui era/qui era boi né ... em guarani é (guei) ((guei?! Ah, é bem diferente né?)) é:: um pouco diferente e ele falo boi e::: boi pra nós é cobra aqui no Paraguai ... aí foi, aí o cara entendeu i veiu i puxo nossa: (rural) i chegemo a busca o pai, mais istrago tudo o carro ( ) carreta num era carro...

No excerto acima há elementos que indicam traços de monolinguismo de língua portuguesa, língua guarani por parte de sujeitos citados na história e um bi(multi)linguismo por parte dos sujeitos entrevistados. Nota-se que há um desentendimento semântico entre o primo que era “brasileiro puru” (chamarei de X) e a dona (chamarei de Y) a qual ele foi pedir auxílio, essa bilíngue em espanhol e guarani. A situação linguística apresentada é decorrente de que X estava em terras paraguaias, que segundo Juan “na época ninguém falava português”, então, este sujeito monolíngue em língua portuguesa, brasileiro puro, não conseguiria, em terras paraguaias, se fazer entendido por Y a qual era bilíngue em guarani e espanhol.

Toda a problemática ocorreu por causa da palavra Carro de Boi, mais precisamente pelo léxico Boi, que indica, em língua portuguesa, animal mamífero, quadrúpede e ruminante, no entanto, o som produzido ao pronunciar Boi tem semelhança com a palavra guarani M'boi que significa cobra. Então temos tal situação proposta pelo quadro abaixo.

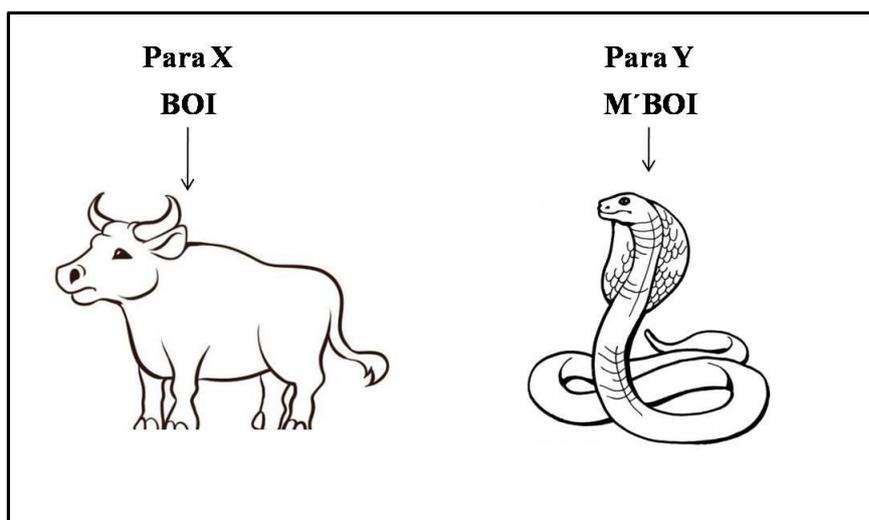


Figura 8 – Quadro representando o monolinguismo baseado no modelo proposto por Mello (1999)

Para X o fato de se dirigir à Y usando a língua portuguesa não teria problema, tanto que o fez, só que o mesmo não contava que o fato de estar em um país no qual a língua oficial não é a mesma que a sua traria desentendimentos. Seguindo a mesma situação, Y ao não



entender o pedido de X tenta compreender repetindo a pergunta “você qué boi? (Você quer cobra?), ao supostamente ser confirmado ela responde “num tem”. Com a negação X se sente desapontado e comenta “puxa mais aqui: ninguém que ajuda a genti” não se dando conta da situação linguística presente. No entanto, no ultimo trecho desta citação Juan comenta “aí eu fui lá ... qui eu sabia que qui era/qui era boi né ... em guarani é (guei) ((guei?! Ah, é bem diferente né?)) é:: um pouco diferenti e ele falo boi e::: boi pra nós é cobra aqui no Paraguai ... aí foi, aí o cara entendeu i veiu i puxo nossa: (rural)”, dessa forma, sabendo os códigos linguísticos tanto de X quanto de Y, Juan entende a situação e a resolve, tem-se, então, uma situação de bilinguismo composto, já discutido no capítulo 2.

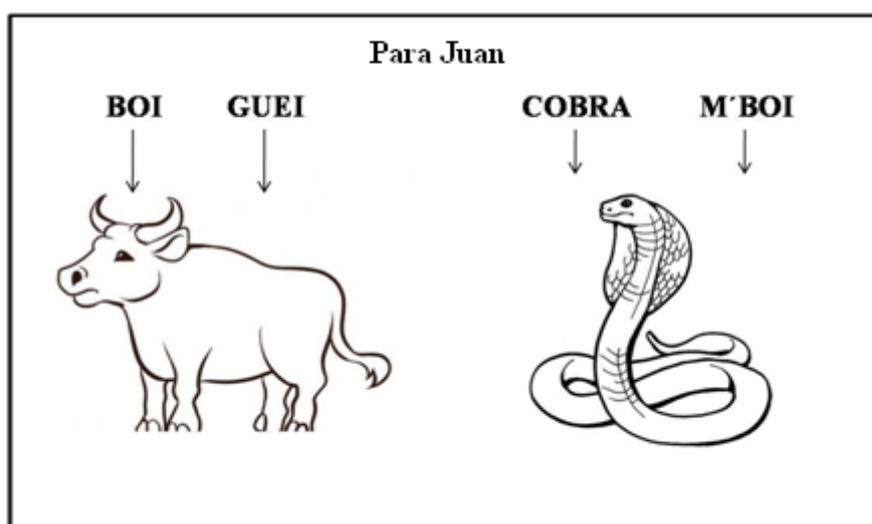


Figura 9 - Quadro representando o bilinguismo composto baseado no modelo proposto por Mello (1999)

Diferentemente dos sujeitos X e Y que não possuíam habilidades no código linguístico do outro, Juan e Tereza estão inseridos num tipo de bilinguismo composto, aplicando as línguas das quais detém conhecimento de forma conjunta, sem as separarem. Se estes sujeitos ora utilizarem “Guei”, ora utilizarem “Boi” para os mesmos o sentido não será quebrado, afinal, possuem o mesmo significado.

Na segunda entrevista, que possui como sujeitos Davi e Cecília, tem-se as características de sujeitos bilíngues naturais, pois estes já nasceram em contexto bilíngue, dessa forma, diferentemente de Juan e Tereza que adquiriram o bilinguismo posteriormente por causa da mudança de contexto e passaram por dificuldade na aquisição das novas línguas.

Mesmo assim, sendo bilíngues somente em guarani e espanhol (Juan e Tereza também possuem a língua portuguesa), estes sujeitos tem a pretensão de tentar, de alguma forma, conversar em língua portuguesa com os entrevistadores. Há então um desejo consciente de se fazer entender por meio do código linguístico do outro, como se ocorresse aqui um comportamento de bilíngue coordenado, pois estes sujeitos se percebem em um contexto



momentâneo em que se adequar linguisticamente, para eles, é de extrema importância. Mas como não é comum em suas rotinas essa prática e as línguas maternas são o espanhol e guarani estes sujeitos se entregam inconscientemente, resultando um código linguístico misto, denominado portunhol.

A. ((Como é o nome do senhor?)) Davi... da... [...]. Aí está... ((risos)) ( )  
 i:: Minha mãe era professora, acho que foi de/desde de mil noçiento inte sei  
 ((moto passando)) i:: eu sô natal de - nascido em mil noçiento trinte quatro.  
 é - e tinha:: hermano que era militare no Paraguai no tempo de... que  
 chegavam ( ) i:: porque eu num ( ) ((risos)) i:: nô viarramo – muramo  
 aqui memo -- viajamo sescen/treciento quilometro a cavallo pa í a Assunção  
 pusque – ante no havia estrada como no Brassil

Veja que Davi utiliza de palavras em português no decorrer da narrativa, tais como “minha mãe era professora”, caso ele falasse essa frase em língua espanhola a mesma seria dita “mi madre era maestra”, mas ao longo da narrativa ele diz palavras como “mil noçiento”, “hermano”, “viarramo”, “brassil”, misturadas às palavras em português. Então, mesmo que ele tente, inconscientemente, falar em língua portuguesa para se adequar à língua do entrevistador, o mesmo se denuncia ao utilizar o sotaque e léxicos de sua língua materna, ocorrendo, então, não um bilinguismo coordenado e sim composto, tal como de Tereza e Juan.

Além disso, mesmo ele apresentando este comportamento de mudança de código linguístico para se adequar ao entrevistador, Davi não possui consciência da sua “capacidade” ou habilidade? na língua portuguesa, tanto que ressalta, no trecho a seguir, que sua esposa, Cecília que sabe, pois ela vê novela “brassilera”.

## ENTREVISTA II

**A: Davi**

**B: Cecília**

B. Core tamém ((risos)) mas tamíen posso falar ma (é u qui a) falo para ( )  
 aqui ((risos)) porque como é seraassicoretamente pra:: no falar

A. [ ela que vea::/que assitia a novela brassilera ((aah sim))

B. [ eu ( ) labrassil que é/ estoiaacostumbrada a falar ( ) ((mas esse é  
 o mais interessante pra gente, sabe? Porque aparece uma/ uma terceira língua  
 né?)) i:: e diô:: noto aqui e guardo esse que:: mutcho:: português que ( ) a  
 la guarani.

A. [saí a por exemplo:: no guarani e sai ((sai?)) sai. sai é::

B. [ aí é ( ) mulher. Mulher em guarani é sai. ((sai)) ((moto passando))

O trecho citado acima ocorre após os entrevistados serem interpelados sobre o uso da língua portuguesa. Nota-se que de acordo com Davi, Cecília possui uma habilidade maior com a língua portuguesa, isso devido ao contato com as novelas “brassileras”. Cecília relata



que ao assisti-las possui, de alguma forma, uma maneira de aprender uma “terceira língua”, chegando a afirmar que está “acostumbrada a falar” o português.

Destaca-se que em toda a entrevista a fala do entrevistador, marcada por (( )), não indica nenhuma intenção de mudar de código linguístico para se adequar a fala do sujeito entrevistado, entretanto há essa busca por parte dos entrevistados. Eles procuram se fazer entender por meio da língua portuguesa, embora muitas vezes estes sujeitos “se esqueçam” e acabam pronunciando as palavras em sua língua materna, o espanhol, fazendo com que a intenção consciente seja posta de lado e a naturalidade linguística usada diariamente tome a frente do diálogo.

A habilidade em língua guarani não é representada diretamente como ocorre na entrevista de Juan e Tereza, quando há a confusão de Boi com M'boi, mas é relatado conscientemente o uso desta língua no cotidiano destes sujeitos, e até comentado sobre a marginalização da língua na época escolar.

## ENTREVISTA II

**A: Davi**

**B: Cecília**

**B.** [ (antedecia) é la/laercôla.. elfami entrava lá.. era proibido falar em guarani porque disse que guarani

**A.** [ atrapalha o ( )

**B.** [ atrapalha (para) a leitura. Seria ( ) a leitura ( )

**A.** [ eu no/no se iscrivir nem (nada) em guarani.

**B.** [ E só téguesta ((risos)) eu se me e mai o menoiscrivir

**A.** [ ômulhê ( ) de poquinho, devagarcinhu de:: nôilemo/lemo ( ) lemo

**B.** [ naercôlala criatura é:: (guri) é:: primera séria ( ) iscribe e lê agôra ( ) isso aí tamém ( ) ((os pais e avós de vocês falavam casteriano também, ou guarani?))

**A.** meu avô? ((é)) ((veículo passando)) meu avô foi espanhol ((espanhol?))

**B.** [socastelhano...

**A.** i até:: minha mãe era diretora da ercôla daqui a cinco ( ) e ela:: la fazenda as raluna – as ralunatamém? – ((aluna também)) is:: era:: olhava e no acompanhava como /como acompanhava (unbaron) ((risos)) controlava muito ((diretora ia ficar assim)) ((risos)) é:: na ercôla ((risos)).

As questões pertinentes voltadas ao fato destes sujeitos não escreverem e lerem pouco em guarani serão discutidas no subcapítulo 3.3 Pressões para a constituição do bilinguismo dos sujeitos do estudo.

Este comportamento bi(multi)lingue detectado nas duas entrevistas se dá devido à proximidade fronteiriça entre os dois países, já que Capitán Bado faz fronteira seca com Coronel Sapucaia, sendo separadas somente por uma rua com status de internacional. Mas para ilustrar bem essa situação, abaixo está uma citação retirada do site Correio da Fronteira.



Su condición de ciudad fronteriza consu par brasileña de Coronel Sapucia, permite que parte de La economía de Capitán Bado también tenga sentada sus bases en el comercio para el turista, aunque en menor escala que la capital departamental, no obstante, es también una opción para las ciudades circunvecinas a Coronel Sapucaia. Como toda ciudad fronteriza, los pobladores en suma moría hablan los tres idiomas, el Español, el Portugués y el Guaraní, eso incluyendo también a los brasileños.<sup>49</sup>

Este recorte de uma matéria feita para parabenizar a cidade de Capitán Bado, retirado de um jornal online local, ressalta bem a situação destes sujeitos que residem nesta linha de fronteira. Mesmo a fonte não possuindo um cunho científico, o fato de ser um site hospedado em sitio brasileiro ([www.correiodafronteira.com.br](http://www.correiodafronteira.com.br)) o nome cumpre bem o seu significado, pois há matérias voltadas para a comunidade fronteiriça. Sendo assim, para que atinja todas as esferas deste contexto sociolinguísticamente complexo as matérias voltadas ao público paraguaio são transcritas em espanhol e aquelas que relatam sobre o lado do Brasil são em língua portuguesa.

Portanto, não são só os sujeitos entrevistados, pertencentes a essa comunidade fronteiriça com traços bilíngues que utilizam destas três línguas em suas narrativas, os meios de comunicação presentes nessa linha de fronteira também se inclinam estes traços para que possam atingir o público presente. No entanto, por ser uma meio de comunicação que parte da escrita para oferecer a informação, este poderia estar classificada no bilinguismo coordenado, pois para cada público (país) há a língua oficial fazendo a função de ponte para a mensagem.

### 3.3 Pressões para a constituição do bilinguismo dos sujeitos do estudo

As relações linguísticas de fronteiras internacionais muitas vezes transformam regiões em contextos sociolinguísticamente/socioculturalmente e socioidentitariamente complexos. Na fronteira do Brasil com o Paraguai, mais precisamente na do Estado do Mato Grosso do Sul com o Paraguai há, como já foi demonstrado no decorrer desta dissertação, a utilização dos códigos linguísticos espanhol, guarani e português.

A presença dessas três línguas se deu a partir do contato direto dos dois países e, também, pela territorialização e desterritorialização das línguas, às vezes em uma mesma frase, decorrentes pós guerras travadas entre os dois países.

---

<sup>49</sup>Sua condição de cidade fronteiriça com a cidade gêmea Coronel Sapucaia, permite que parte da economia de Capitán Bado também tenha sua base no comercio para os turistas, mesmo que em menor escala que a capital do departamento, não obstante, é também uma opção para cidades circunvizinhas a Coronel Sapucaia. Como toda cidade fronteiriça, a população, em sua maioria, falam os três idiomas, o espanhol, o português e o guarani, isto incluindo também os brasileiros. (Tradução livre)



Onde hoje estão situadas as cidades de Capitán Bado e Coronel Sapucaia já foi um lugar só com o nome de Ñu verá, dividido pós Guerra da Tríplice Aliança (como dizem os paraguaios) ou Guerra do Paraguai (como denominam os brasileiros). As mudanças deste cenário não foram só na divisão territorial, Capitán Bado (Jose Matias Bado) foi um dos capitães paraguaios que lutaram bravamente contra as tropas inimigas (Brasil, Argentina e Uruguai) e Coronel Sapucaia (Orlando Olsen Sapucaia), componente do Exército Brasileiro nascido no estado de Santa Catarina e casado com uma fronteiriça (nascida em Ponta Porã-MS/BR), trabalhou em conjunto com tropas paraguaias a fim de manter a paz e harmonia na fronteira. Estes dois homens representaram seus países de forma que tiveram seus nomes colocados nas respectivas cidades.

Então, temos um local dividido ao meio, sendo que cada parte ficou a cargo de um país diferente, que cada qual utilizou um herói do exército para representar a cidade e adicionado a isso temos a cultura brasileira e paraguaia que são complementadas pelas línguas oficiais de cada país (guarani e espanhol/Paraguai; português/Brasil). No entanto, mesmo sendo pertencentes a países diferentes essa proximidade entre estas cidades fazem que os sujeitos se comportem de uma maneira peculiar.

Dentro dessas peculiaridades nós podemos encontrar nas entrevistas analisadas o movimento de *diglossia* (já elucidado no capítulo dois) levando em conta a presença da utilização das línguas guarani, espanhola e portuguesa no dia a dia destes sujeitos. Retomando um pouco sobre as situações diglóssicas, entende-se que estas ocorrem quando existem em um mesmo ambiente línguas diferentes e/ou variedades linguísticas de uma língua, onde cada uma exerce um papel determinado em ambientes específicos.

Lembremos que a língua guarani passa a fazer parte do contexto oficial de língua no Paraguai no ano de 1992, até este ano esta língua sofria processos de enaltecimento, marginalização e apagamento.

Sendo enaltecida nas guerras como língua do povo paraguaio, era tomada como fonte de nacionalismo e os poemas e canções feitos para que o povo acreditasse no Paraguai eram escritos em língua guarani. Entretanto, quando essas movimentações se findavam a mesma língua era marginalizada, ou seja, posta à margem da língua espanhola. Sua manutenção se deu por práticas de conversação caseira. Os paraguaios continuaram falando a língua guarani em casa, na rua, porém, quando entravam em estabelecimentos oficiais, tais como a escola, a língua deveria ficar do lado de fora, tendo eles que se utilizarem somente da língua espanhola.



Este comportamento pode ser exemplificado pela narração de Davi e Cecília<sup>50</sup> ao relatarem fatos que ocorreram dentro de casa e as consequências que estes fatos causaram em suas vidas por serem falantes do espanhol, mas principalmente, do guarani.

#### ENTREVISTA II

**A.** quano iamo ali mata mémno:: cinco quilometro:: é::: minha mãe era diretora na ercôla e era proibido - (male) tinha que falar em guarani (la) dentro da ercôla. (Inlussie) ( ) era proibido e ela sabia ma ( ) - como se fala assi que a:: que controla:: as pessoa? Como se fala portuguê? ((controlar as pessoas?)) é. ((quando manda assim?)) é.

**B.** [que controlava que::

**A.** [ (controlar-te) lecontá minha mãe. ((que cuidava né?)) porque:: é::

**B.** [ (antedecia) é la/laercôla.. elfami entrava lá.. era proibido falar em guarani porque disse que guarani

**A.** [ atrapalha o ( )

**B.** [ atrapalha (para) a leitura. Seria ( ) a leitura ( )

**A.** [ eu no/no se iscrivir nem (nada) em guarani.

**B.** [ E só têguesta ((risos)) eu se me e mai o menoiscrivir

**A.** [ ômulhê ( ) de poquinho, devagarcinhu de:: nôilemo/lemo ( ) lemo

**B.** [ naercôlala criatura é:: (guri) é:: primera séria ( ) iscribe e lê agôra ( ) isso aí tamém ( ) ((os pais e avós de vocês falavam casteriano também, ou guarani?))

**A.** meu avô? ((é)) ((veículo passando)) meu avô foi espanhol ((espanhol?))

**B.** [socastelhano...

**A.** i até:: minha mãe era diretora da ercôla daqui a cinco ( ) e ela:: la fazenda as raluna – as ralunatamém? -- ((aluna também)) is:: era:: olhava e no acompanhava como /como acompanhava (unbaron) ((risos)) controlava muito ((diretora ia ficar assim)) ((risos)) é:: na ercôla ((risos)).

Temos no trecho acima um evento que indica que a língua guarani era falada, mas “dentro da ercôla era proibido” segundo Davi. No ambiente familiar, na rua, o guarani permeava junto ao espanhol, mas ao sujeito se encontrar no espaço destinado a escola o mesmo deveria utilizar somente a língua espanhola. Nós entramos aqui numa querência, por parte de governo, de apagamento da língua guarani, utilizando como justificativa, segundo Cecília que o fato de falar o guarani “atrapalha a leitura”.

Grosjean, ao citar Rubin, ressalta como era a situação da língua guarani antes de sua oficialização.

In Paraguay, Rubin (1968) reports that although positive attitudes are associated with both Spanish and Guarani, Spanish tends to be revered, whereas Guarani is frequently belittled. Those who rejected Guarani - usually the upper classes, whose first language is Spanish - say that Guarani has no world value, is not productive, has no written grammar, and does not lend itself to the expression of abstract concepts. They consider the use of

<sup>50</sup> Trecho já citado anteriormente mas com uma leitura diferente.



Guarani to be doomed, and the person who is monolingual in Guarani to be ill-bred, less intelligent, and less cultured. (GROSJEAN, 1982, p.121).<sup>51</sup>

Mesmo a língua guarani presente desde a formação deste povo paraguaio e transitando juntamente com a língua espanhola, ele tinha um status de língua minoritária, isso porque a língua espanhola era a oficial do colonizador e até 1992 a única língua oficial do Paraguai, com isso detinha um poder político e econômico.

Attitudes such as these can be quite extreme. The prestige language is often considered more beautiful, more expressive, more logical, and better able to express abstract thoughts, and the other language is felt to be ungrammatical, concrete and coarse (GROSJEAN, 1982, p.121).<sup>52</sup>

Além da diglossia entre as línguas espanhola e guarani que ocorriam nas ruas, nas casas, havia o apagamento e marginalização do guarani dentro do ambiente escolar. Com isso o sujeito sofria dois tipos de pressões, uma interna e outra externa. As características linguísticas de Davi e Cecília se resultam em sujeitos naturalmente bilíngues em guarani e espanhol, dessa forma o bilinguismo não foi imposto e sim absorvido de forma espontânea, o meio em qual foram criados fez com que eles se tornassem sujeitos bilíngues de forma natural. Eles já estavam inseridos nessa sociedade sem ter que se adequar a ela, porém, ao entrarem em ambiente escolar, há uma pressão externa, por parte da escola, intencionada em transformar estes sujeitos em monolíngues, com habilidades de leitura, escrita e conversação na língua espanhola.

A pressão interna surge pelo medo, pois estes sujeitos são cercados e controlados para que a língua guarani não seja falada. Isso faz com que se autovigiem afim de não serem punidos, afinal, como diz Cecília “acompanhava feito un Baron”.

Negative or positive attitudes toward a language can have profound effects on the users of the language. One effect concerns learning the language. [...] the dominance of a language in a situation of contact is often determined by who learns that language. The majority or dominant language is learned by the majority group as well as by members of the minority group, but the minority language is learned only members of than minority (GROSJEAN, 1982, p.123).<sup>53</sup>

<sup>51</sup>No Paraguai, Rubin (1968) relata que embora atitudes positivas estão associadas com espanhol e guarani o espanhol tende a ser reverenciado, enquanto que guarani sofre frequente marginalização. Os que rejeitaram Guarani - geralmente advindos das classes superiores, cuja primeira língua é o espanhol - dizem que Guarani não tem valor mundo, não é produtivo, não tem gramática escrita, e não se presta à expressão de conceitos abstratos. Eles consideram o uso do Guarani para ser condenado, ea pessoa que é monolíngue em Guarani a ser mal-educada, menos inteligentes e menos culta. (Tradução livre)

<sup>52</sup>Atitudes como essas podem ser bastante extremo. A língua de prestígio é muitas vezes considerada mais bonita, mais expressiva, mais lógico e mais capaz de expressar pensamentos abstratos, ea outra língua é considerada não gramatical, concreta e grossa. (Tradução livre)

<sup>53</sup>As atitudes negativas ou positivas em relação a linguagem pode ter efeitos profundos sobre os usuários da língua. Uma diz respeito ao efeito de aprendizagem da língua. [...] O domínio de uma língua em uma situação de contato é muitas vezes determinado por quem aprende esse idioma. A majoritária ou língua dominante é



O resultado dessa pressão para a redução de línguas nesses sujeitos foi que estes só mantiveram a habilidade de conversação na língua guarani, os mesmos, Davi e Cecília, ressaltam que não sabem escrever em guarani e a leitura é feita, só que devagar.

O interessante desse processo é que com Juan e Tereza o que ocorreu foi o inverso. Enquanto Davi e Cecília sofreram essa pressão externa do sistema de educação para que se adequasse a língua oficial do país naquele tempo (espanhol) e se abstivessem de uma das línguas maternas (guarani), a família de Juan e Tereza, por serem brasileiros e monolíngues em língua portuguesa, ao se mudarem para o Paraguai sentiram a necessidade de se adequarem ao novo contexto. Este contexto tendo como códigos linguísticos usuais o espanhol e o guarani. Veja como os mesmos relatam essa situação.

#### Entrevista 1

A. [nói num:: sabia nem fala u guarani tamém

B. [ nôi num falava em guarani. A minha mãe que::

A. [ porque... em casa era so portugue

B. [ custô pa:: falá

A. [ aí depois:: cumeçô a fala, porque todú mundo falava né ... já cumeçô nasce ermão aqui no Paraguai qui falava:: ((já falando né?)) aí foi falando castelhano e guarani::

B. [guarani i castelhano porque (falando junto)

A. [aí: a genti é: ... a família também virô: paraguaia

Perceba no enunciado que diz “aí depois:: cumeçô a falá, porque todú mundo falava né...”, o marcador “porque” indicando a justificativa do ato destes sujeitos tomarem pressão interna a necessidade de falar essas duas novas línguas. Se eles estavam agora inseridos neste contexto bilíngue presente na comunidade paraguaia, os mesmos passaram a ser parte de “todú mundo”, dessa forma, saber falar espanhol e guarani era de extrema importância para que eles pudessem viver e continuar a família no Paraguai, tanto Juan finaliza o trecho ressaltando que “a família também viro paraguaia”, ou seja, não é mais brasileira, o objetivo foi alcançado.

Para estes sujeitos o fato de ser monolíngue é igual a *nada*, pois se formos retomar o subtópico 3.1, Juan e Tereza se referem à família por parte da mãe, monolíngue como falantes de nada, pra eles, então, o fato de ser bilíngue era um objetivo que fora alcançado e, certamente, algo esperado.

Grosjean comenta, ao citar Rhodes e Rubin, um panorama de como era considerado o guarani e como passou a ser considerado pós o reconhecimento como língua nacional (mas ainda não oficial):

---

aprendida pelo grupo majoritário, bem como por membros do grupo minoritário, mas a língua minoritária é aprendida apenas os membros da minoria. (Tradução livre)



It is interesting that attitudes evolve and that a once-stigmatized language can become accepted and respected. For example, Rhodes (1980) found that after Guarani was recognized officially as a national language in Paraguay, attitudes toward it changed considerably. Whereas twenty years ago (Rubin, 1968), Guarani was thought of as a low-prestige language that should not be used by educated people and not be taught in the classroom, today 79 percent of informants in Rhodes's survey think it should be used as a language of instruction; 82 percent state that it is important for their great-grandchildren to know Guarani; and 63 percent say that a person must speak Guarani to be considered a true Paraguayan (GROSEJEAN, 1982, p.122).<sup>54</sup>

Perceba que Rhodes (apud Grosjean) coloca que 63 por cento dos informantes consideram que o verdadeiro paraguaio é aquele que além de falar o espanhol fala também o guarani. Veja que Juan e Tereza “viraram” paraguaios não só por morarem no Paraguai ou casarem com paraguaios e paraguaias, e sim porque adquiriram a língua espanhola e também a guarani.

Enquanto os entrevistados paraguaios sofreram por parte do estado paraguaio uma pressão para que eles se tornassem monolíngues e abrissem mão do uso da língua guarani, os entrevistados brasileiros se viram na necessidade de que para serem parte de um todo os mesmos teriam que se adequar à este todo deixando o monolinguismo em língua portuguesa. Há um movimento contrário aqui, de um lado temos uma imposição de redução linguística, sujeitos bilíngues sendo pressionados ao monolinguismo e sujeitos monolíngues se pressionando a adquirir mais duas línguas e se tornando, então bilíngues.

A língua guarani é oficial juntamente com a espanhol, com isso ela está inserida no currículo escolar, e nos documentos oficiais do país. As pressões sofridas por Davi e Cecília não são mais impostas pelo Estado, no entanto, ainda há um olhar diferente para esta língua provinda dos indígenas, muitas vezes falar ela em alguns lugares públicos pode identificar o falante como de uma determinada classe social.

Contudo, falar essas três línguas em cidades de fronteira tais como Capitán Bado/Coronel Sapucaia, já se tornou elemento característico destes sujeitos fronteiriços. Juan e Tereza se tornaram bi(multi)língues a fim de relacionarem com o outro, constituírem família, virarem paraguaios e Davi e Cecília, bilíngues maternalmente adquirem a língua portuguesa (no caso de Cecília “através da novela”) e mesmo não se denominando não

---

<sup>54</sup>É interessante que envolvem as atitudes e que uma linguagem de outrora estigmatizados se podem tornar aceita e respeitada. Por exemplo, Rhodes (1980) descobriram que, após o guarani ser reconhecido oficialmente como língua nacional no Paraguai, atitudes em relação à ela mudaram consideravelmente. Considerando há vinte anos atrás (Rubin, 1968), o guarani foi pensado como uma linguagem de baixo prestígio, que não deveria ser usado por pessoas educadas e não ser ensinado em sala de aula, hoje 79 por cento dos informantes, em pesquisa feita por Rhode, acham que deveria ser usado como língua de instrução; 82 por cento afirmam que é importante conhecimento para seus netos, e 63 por cento dizem que uma pessoa deve falar o guarani para ser considerado um verdadeiro paraguaio. (Tradução livre)



habilidosos em língua portuguesa os mesmos proferem praticamente a entrevista toda na língua oficial do Brasil, afim de se fazer entender, mesmo não sofrendo mais pressão externa eles se pressionam internamente com o intuito de falar a língua de outro país e não a deles.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O intuito no início deste estudo era buscar, por meio do bi(multi)linguismo, aspectos que pudessem identificar, dentro das narrativas selecionadas, quais os elementos que construía e reconstruía a identidade dos sujeitos entrevistados.

No decorrer da pesquisa, foi percebido que as peculiaridades que poderiam representar estes sujeitos iam além do fato de eles morarem na fronteira e serem potencialmente bilíngues.

Juan e Tereza, os irmãos brasileiros, demonstram nas suas histórias contadas que o “lá” e o “aqui” podem sofrer mobilidade, fazendo entender que Capitán Bado e Coronel Sapucaia, mesmo sendo cidades diferentes, pertencentes a países diferentes, para estes sujeitos ora é um lugar só, ora não. Dessa forma, há um processo de territorialização e desterritorialização constante que ocorre desde o deslocamento de seus pais, quando saíram do Estado do Paraná em direção à fronteira do Paraguai com o Mato Grosso do Sul.

Inserir-se na nova sociedade se transformou em uma pressão interna para esses irmãos e sua família. Manter-se monolíngues em contexto sociolinguisticamente complexo não era um comportamento cabível. Afirmações como “todo mundo falava” demonstram que se eles agora faziam parte deste novo cenário, os mesmos começariam a fazer parte do “todo”, e se todos falavam, eles tinham a obrigação de absorver os novos códigos linguísticos.

O fato de conseguirem realizar o objetivo de integração a esta sociedade facilitou que estes sujeitos pudessem se relacionar de melhor forma com o outro, o sujeito já fronteiriço, tornando-se assim fronteiriços também. Ao passo que estes sujeitos se casam com “paraguaios e paraguaias”, levando Juan e Tereza a crer que a “família virô paraguaia”. Com isso, nota-se que se denominar brasileiro está mais relacionado ao fato documental, registro de nascimento, do que o sentimento de pertencer à nação brasileira.

No entanto, os mesmos irmãos relatam que ainda há parte da família no Brasil, pais e irmãos, fazendo com que o enunciado que diz “a família virô paraguaia” seja entendido somente como parte da família e não inteira.

Além disso, há um jogo de passado e presente, firmando que o fato de tornarem-se brasiguaios e bi(multi)língues os fizessem melhores que outros sujeitos da família, como falam da família materna, que por serem monolíngues não “falam nada”.

No caso de Davi e Cecília, os aspectos identitários não vêm do fato de eles terem que se adaptar ao contexto por não fazerem parte dele e sim porque há uma pressão estatal na



qual, quando mais jovens, impunham a eles um processo de DES-bilinguização, ou seja, tornarem-se monolíngues em língua espanhola e apagarem a língua guarani de sua rotina.

Mesmo com essa marginalização relacionada a uma das línguas maternas, o guarani, eles se mantiveram falantes da língua, entretanto sem deter habilidades como leitura e escrita.

Por haver o contato direto com o Brasil, por meio da cidade gêmea Coronel Sapucaia, mesmo que Davi afirme que não saiba falar português e diga que Cecília detém maior habilidade por assistir novelas brasileiras, os dois sujeitos procuram, em toda a entrevista, falar a língua do entrevistador, ou seja, a língua portuguesa.

Mesmo que inconscientemente, estes sujeitos absorveram a língua do país vizinho também, movimentando inversamente a Juan e Tereza, mostrando a porosidade que Canclini (2001) registra ao se direcionar às hibridações fronteiriças.

Estes quatro sujeitos, independentemente se brasileiros ou paraguaios, absorveram aspectos culturais do contexto em que vivem e se moldaram à região em que vivem. A identidade fragmentada, pós-moderna, discutida por Hall (2003) dialoga com a porosidade da fronteira que Canclini (2001) ressalta, além de ser firmada pelo fato de estes sujeitos serem bi(multi)língues e moradores de uma cidade que é conurbada com outra cidade pertencente a outro país.

Temos, então, sujeitos que sentiram/sentem pressões internas e externas, advindas das necessidades de se relacionar com o outro e com o contexto regional, cultural, linguístico em que vivem. Esse contato faz com que eles sofram constantes mudanças do ir e vir que ora rompem as fronteiras geopolíticas (considerar que as duas cidades são uma só pela facilidade de trânsito humano entre uma e outra) e ora a faz tão presente (como no caso da documentação identitária oficial).

Sendo assim, baseado em todo o estudo realizado, há aqui dois tipos de sujeitos fronteiriços. Em primeiro lugar, temos sujeitos que carregam em suas falas um saudosismo voltado ao “Paraguai brilhante”<sup>55</sup>, pré-Guerra da Tríplice Aliança, que sofreram com a marginalização da língua materna e tiveram que se adequar, de forma imposta, às pressões governamentais de apagamento da língua Guarani. Do outro lado, temos sujeitos essencialmente monolíngues que se veem na necessidade de se adequar ao novo contexto em que passaram a viver. Estes sujeitos, por mais que afirmem que a família virou paraguaia, eles, Juan e Tereza, podem ser considerados brasiguaios, pois por meio de seus relatos se

---

<sup>55</sup> Expressão usada por Davi e Cecília.



percebe que não conseguem se fixar em um local só de origem, fazendo com que transitem pelas duas identidades nacionais.

Sujeitos com identidades híbridas, mas não por serem estéreis, e sim pela falta de base fixa para suas definições identitárias, pela movimentação entre lugares, e a não consciência de suas habilidades linguísticas provindas de pressões, sejam elas internas ou externas, e, por fim, em constante mudança.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, J. M. *EXPERIÊNCIAS DE FRONTEIRA: Breve abordagem sociolinguística comparativa entre as fronteiras de Aral Moreira-BR – Cardia-PY e Ponta Porã-BR– Pedro Juan Caballero-PY*. In: I Jornada de Estudos Linguísticos e Literários, 2013, Marechal Rondon – PR, 2013 Disponível em <[http://s3.amazonaws.com/jell/trabalhos/arquivos/000/000/253/original/Artigo\\_completo\\_JELL\\_-\\_Jefferson.pdf?1373555907](http://s3.amazonaws.com/jell/trabalhos/arquivos/000/000/253/original/Artigo_completo_JELL_-_Jefferson.pdf?1373555907)>. Acesso 22 de dez. 2013

BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998

BRASIL. M.I.N.. *Proposta de Reestruturação do Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira (PRPDF)*. Bases de uma Política Integrada de Desenvolvimento Regional para a Faixa de Fronteira. Brasília, 2005.

CALVET, J. L.. *Lingüística y colonialismo. Breve tratado de glotofagia*. Buenos Aires : FCE, 2005

CAMPIGOTO, J. A. *Narrativas E Culturas De Fronteira Na América Do Sul*. História Revista, [S.l.], v. 13, n. 2, jul. 2009. ISSN 1984-4530. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/historia/article/view/6643>>. Acesso em: 25 Fev. 2014.

CANCLINI, N. G. *Culturas Híbridas*. Introdução à Edição de 2001. As Culturas Híbridas em Tempos de Globalização.2001

CORREIO DA FRONTEIRA. *Capitan Bado- Paraguay*. Disponível em <http://www.correiodafronteira.com.br/modules.php?name=News&file=article&sid=20542>. Acesso em 23 fev 2014.

COX, M. I e ASSIS-PETERSON, A. A. - *Transculturalidade e Transglossia: Para compreender o fenômeno das fricções linguístico-culturais em sociedades contemporâneas sem nostalgia*. In CAVALCANTI, M.C. e BORTONI-RICARDO, S.M. - *Transculturalidade, Linguagem e Educação*. Mercado de Letras. Campinas. SP. 2007 (pp. 23-44)

DALINGHAUS, I. *Alunos Brasiguaios em Escola de Fronteira Brasil/Paraguai: um estudo lingüístico sobre aprendizagem do português em Ponta Porã, MS*. Dissertação de Mestrado Não-Publicada. Programa de pós-graduação em Letras – UNIOESTE. 2009. Disponível em <[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action&co\\_obra=140320](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action&co_obra=140320)>

EBLING, C.F.P. *Uma breve análise sobre a transculturalidade, transglossia e territorialidade dos moradores das cidades fronteiriças gêmeas de Bela Vista Norte e CapitanBado (PY)*. Revista Arandu. p.15-22. Ano 16 • No 65 • Jul.-Ago.-Set./2013 ISSN 1415-482X

EMMERICH, C. *O Continuum na Língua de contato do Alto Xingu. Parque indígena do Xingu, Mato Grosso*. Revista Palavra, nº 11, p.89-106, 2003.



FAGGION, C. M. e LUCHESE, T. A. *Bilinguismo e Escolarização na Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul, 1930-1960*. p.197-224

FÁVERI, M de. *Memória de uma (outra) guerra. Cotidiano e medo durante a Segunda Guerra Mundial em Santa Catarina*. Florianópolis 2002. Tese (Doutorado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina

FERNANDEZ, M. *Breve História*. 2002. Disponível em <[http://www.datamex.com.py/guarani/marandeko/breve\\_historia.html](http://www.datamex.com.py/guarani/marandeko/breve_historia.html)>. Acesso 14 de jul.2010

FLICK, U. *Introdução à Metodologia de Pesquisa*. Ed. Penso.2012

FOUCAULT, M. *A Ordem do Discurso*. 3ed. São Paulo SP. Edições Loyola. 1996

\_\_\_\_\_. *Arqueologia do Saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro RJ. Forense Universitária. 1987

GROSJEAN, F. *Life with Two Languages. An Introduction to Bilingualism*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1982

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro - 8. ed. - Rio de Janeiro: DP&A, 2003

HAESBAERT, R. *Fim dos territórios ou novas territorialidades?*. IN MOITA LOPES, Luis Paulo e BASTOS, Liliana Cabral. *Identidades: recortes multi e interdisciplinares*. Editora Mercado das Letras/CNPQ, Campinas – SP. 2002.

KRASHEN, S. D. *Principles and Practice in Second Language Acquisition*. University of Southern California. Internet edition. 2009

MELLO, H. A. B. *O Falar Bilíngue*. 1. ed. Goiânia: Editora UFG/CEGRAF, 1999

NAVARRO, E. *O domínio da língua castelhana sobre o guarani paraguaio*. Revista Philologus. Ano 10 n° 29. 2004.

PEREIRA, M. C. COSTA, R. V. *Política Linguística: O caso dos cenários bilíngues*. p. 49-66. In BORSTEL, Clarice Nadir Von. COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição. *Linguagem, cultura e ensino*. Cascavel: Edunioeste, 2011.

PEREIRA, T. *Línguas em contato e Educação Bilingue no Brasil*. Revista Palavra, n° 11, p.55-62, 2003.

ROMAINE, S. *Bilingualism*. Cambridge, Mass.: Blackwell, 1995

TERECIANI, Cirlani. *Interculturalidade e “cidades-gêmeas”: Novas configurações identitárias?*. In *Contribuciones a la Ciencias Sociales*, Fevereiro de 2012, [www.eumed.net/rev/ccccss/18/](http://www.eumed.net/rev/ccccss/18/)

LEITURA SUGERIDA



SAVEDRA, Mônica Maria Guimarães. A Língua Alemã no Brasil: uma língua de/em con-  
p. 13-22, IN BORSTEL, Clarice Nadir e COSTA-HÜBE, Terezinha da Conceição. Língua,  
Linguagem, Cultura e Ensino. Ed. Edunioeste.2011

SILVA, Sidney de Souza. Línguas de contato: Cenários de Bilinguismo no Brasil. Col.  
Linguagem e Sociedade. Campinas-SP V1.02. 2011

## ANEXO – ENTREVISTAS

### UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MATO GROSSO DO SUL

Projeto: Plurivocidade em Narrativas da Fronteira

Orientadora: Elma Luzia C. Scarabelli

Orientando: Murilo Santos Leite RGM:17191

### ENTREVISTAS

TRANSCRIÇÃO	
Pausa	...
Interrupção por terceiros	[
Palavra Truncada	/
Prolongamento de Sílabas ou Consoante	:: ou :::

#### ENTREVISTA 1

Entrevistador (es): Murilo Santos Leite – Wildilene Pereira Moreira – Data: 19/02/10

Entrevistados:

- A. Juan Gonçalves
- B. Tereza Gonçalves
- C. Jorge Castros (uruguaio)
- D. Antonio

1º parte – duração: 13:30

A. o nome da cidade é porque:: - o nome da cidade é u:: ( ) Matia Badosa... ele era:: da guerra  
du:: setenta. si, esse Matia Bado. ele era capitaun, na epoca da:: da guerra com Brasil... a tripli  
aliança: Brasil, Argentina i:: tava brigandu cum:: Paraguai ne?

B. [ porque justamente ele quando ia na::: ( )... moreu ( ) Lopes – ele no chegô lá nê?  
moreu aqui. ( )

A. [ esse Matia Bado. hãh/ah o nome da cidade era pa sê Matia Bado.



**B.** [ ( ) pa se Matia Bado.

**A.** ( eu so brassilero) mai esses paraguaios não sabe nada ((risos)).

**B.** faz tempo que se mora no Paraguai. ((faz muito tempo?))

**D.** a pergunta vai se como qui vocês vieru pará aqui ((é. Essa pergunta mesmo. Com vieram parar aqui. vamos começar pelo senhor))

**A.** não, eu no posso falar que eu.. eu (pur exemplu) nasci em Paranhú. me mudei quando era criança mai... ( ) que nasci em Paranhó, falu que so brasileiro ((risos))

**B.** minha mae e meu pai são do::: ertado do Paraná. ele tudo viero de lá. ele viero casaro, ((criança falando)) (vivero em Paranhó) e nôi ertamo tudo... (registrado) em Coronê Sapucaia. aqui e o meus irmão mai novo tão em Amambái, eu to aqui em Coronê Sapucaia, e meu irmão mair novo foi (registrado) em Amambái

**A.** nôi ieralmente morava em Paranhó, eu nasci em Para.. e de Paranhó passemos no – passamos no Paraguai que é ai pertin.. frontera assi... e na época u pai::: trabalhava de carro de boi puxava::: tora.

Carro de boi ( ) ele tinha bastante carro uns quatro cinco careta de boi.. até ( ) quando me mudamos aqui viemos de carreta de boi aqui ((vieram pra cá de carreta?)) (tinha tanta) carreta que tinha::: dentro de::: (vinte cinco) na época a cidade era ( )...

**B.** (ahora) ante se va na bera do rio, daí quando juntava bastante um ( ) ia derubando água i ele iam tramando ali ( ) fazia a jangada e viajavam em cima da jangada levava as toras no Paraguai, lógico... tinha no... ( ) Paranhó ( ) Paraguai. ((sim, ah tá)) ((me fala, como era a cidade quando você chegou aqui, aqui na cidade)) a cidade aqui::: praticamente era::: a rua era só internacional ((só uma rua?)) i era cheio de vaca, todo mundo tinha vaca aqui que murava ( )

**B.** [ era um vilarejo

**A.** [cheio de vaca, eu lembu quando no era criança, nôi fazia sacagani. nôi... jogava sal na frente da::: casa do (vissinho) lá i a vaca começava a brigá (derubava) tudu as casa lá ((risos)) nôis colocava lata no rabo do::: cavalo – u cavalo saía correndu, e fassia barulhu ( ) fassia MUITA bagunça ((ah né, crianças terríveis)) não, a gente::: - ante noi era::: ( ) no era quieto – fassia cada coisa. É que tinha muito quele::: qui chama burru – jiegue ((jegue))

**B.** [ Ahora no tem mais

**A.** [ nôi amarrava::: a cabeça dele cum::: aquela ( ) i ai soltaram o jiegue la na manada ( ) e coria tudu ((risos)) ( ) ((mas se divertiu né?)) é, brigaba, fazia guerra cuns::: guri do Sapucaia e Capitán Bado i::: tem um::: uma graminha que a gente puxa e sai cum a raiz ( )



nô i brigava. ( ) ficava bravu ( ) (discuti) i ia embora ((risos)) ((isso aí que é interessante a gente falar, né? Coisas que marcam né? Que fazem parte da vida das pessoas))

**B.** [ porque nossa vida:: é uma vida muito humilde e SIMpre... mai/mai ( ) tanto... intão...

**A.** [ aqui batia (martira::) cidade ( ) ((ahã)) mais... a vida era (pobre) toda vida (foi assi) até hoje... hoje tem muitas coisa que:: a/ a criança de:: hoje no brinca queme... brincava ante ((sim, com certeza))

**B.** a alegria da infância – eles já num/num (gozam) mais dela. já qualquer coisa sai – cuidado ma filha, cuidado minha filha ( ) ( fazia casinha de capim), de repente ar menina brincava junto i eu ia junto, de repente ele também voltava e me atentava tudu ((espirro)) ( ) ((isso era coisa boa né?))

**A.** e. nô i... ma velia eu i mermão... levemo um pato da mãe e uma pata cunha/cunha:: patinha assi né? aí sortemo as pata i ele morreu de me na/nu:: na (bota) morreu tudu us patinhu na... aí qui qui eu fazê? Falei qui meu irmão que vai levá ( ) amu lá i:: vam fazê:: nos pintinho:: bico de pata nê? vamo:: achatá os bico aí ((risos)) aí nô i ia pa incima da pedra cum martelô, bati nos bico da/ dor pintinhu( ) moria na ôra, matava mais (cinco-sei) pintinho ((risos)) aí nô i apanhamo – a mãe batia né?

**B.** [ nô i morava em Paranho... i:: saímo da mulado do Paraguai, nê? porque:: lado do Paraguai o povo ( ) (meliô) ( ) i:: nô i pidia tudu pa mãe – lembo que eu/eu sô a filha maior nê? nô i fugia:: miu dia:: ela deitava i é::, descansava um pocu derpoi do almoço nô i fugia e ia numa lagoa em Paranhos, tem uma lagoa ( ) ((carro sendo lavado)) ((mas era/era divertido né?)) era divertido demais ( ) porque a mãe pedia pa nô i fazia tudu os serviço das casa porque ( ) coisa pequena nê? aí nô i falava mas mãe vamo brincá ( ) mais eles continuavam a ser artero ((risos)) ((aí tem que ser a vida inteira né?))

**A.** na, ma semo criança a... ( ) outra coisa que a gente brincava ((lembra de alguma história assim de, moravam na fazenda né?))

**B.** é. nô i tinha uma peQUENA facendinha, minha mãe, meu pai tinha vaca mai não TANto assim. (mais é) cuidado.

**A.** [ meu pai e/era capataiz de uma fazenda... (tava trêi muleque) nossa! ai nô i fechava quele:: ((criança interrompendo)) cavalo ali – a ema assim aí no/nô i... é loco nô i montava in cima ( ) un dia montamo i e::: uma êgua que me irmão montô – tava bichado (desdo) rabo assi... aí fumo pa::: u riu nê? aí u cavalu mancu nô i passava pu riu ( ) pulava i:: (as vei) caía ( ) fumo lá nu riu e dois (caboclo) ( ) ele achô qui:: ( ) ((é:: bambu?)) bambu... que ele tinha lá - cortô tudo a ropa (dele) caiu i cortô tudu (sorti que)... nô i semo (malandro) ( ) ((e levou bronca depois?)) mai... nô i fazia iscondido do pai – no sei comu qui a genti no morre, é:: hoji



em dia meu filhu no qué nem subir nu cavalu ( ) (e nôï memo) segurá i largava ((não medo?))

**B.** eu quando vi o caro de vocês ficar aí pensei que êra meu neto que vinha de Dorados ((ah, tem neto lá?)) (meu neto sinto) saudade demais. ((é. ele mora, estuda, trabalha lá?)) si (acabu dele) ((interessante, mas os avós de vocês, vocês chegaram a conhecer?))

**A.** eu cheguei a conhecer minha avô (Alto da Laguna) ((era uma pessoa tranquila, conversava bastante?)) é:: a mãe da minha mãe ela ... ela êra bem quieta i: a mãe du pai:: era bem forti (era meia) baixinha mais bem forti... morava em Guatini ainda ... as duas morava em Guatini

**B.** [só criaro em qualqué lugá

**A.** [ só que a minha vó, mãe do meu pai era argentina

**B.** [ela fala (como) argentina ...ela fala casteliano mas no é do espanhol de hoje ... fala do jeito de/de arrentino... mas era brasileira

**A.** qui a mãe da minha mãe já é gaúcha ... us parenti do meu pai tem:: alguma irmã dele fala até o guarani ... (alemão...) os parenti da minha mãe não fala nada ((é tem mistura né?))

**B.** [minha filha mora em Campo GRANDe

**A.** [agora o pai fei noventa anos dia cinco fevereru. veiu tudo parenti dele lá do Brasil do norte do Acre, Campo Geande (( do Acre!)) é...

**B.** [minha mãe viaja pra (cá) agora que ela num vem mais porque ela.. o coração dela anda meio fraquinho

**A.** [i:: mas agora ela já (inventá) vai pru (Acre) ... lá pru Acre otra veis visita o irmão dela

**B.** [ vai vê o irmão

**A.** [ intão fizemo uma festa de noventa anu do pai ... (( tá forte então, hein!)) matô trei vaca ... i:: fizemo lá nu salão paroquial em Sapucaia (( ...e já aprontou muito? Lembra de muita coisa, assim do seu pai? Muita história coisa engraçada que acontecia?)) ...intão u pai tem muita história né...( )

(( ele também veio pra cá, pro Paraguai?))

**B.** [ele tá aqui pertinho, mais ele tem a terra dele aqui no Brasil ... mas/mas eles tão pra cá por causa de nós que:: fica mais perto aqui, nós perto dele (carro sendo lavado) ((moraram aqui a visa inteira?))

**A.** [praticamente ...quando era criança... (falando em Guarani)

**B.** [nóis mudamo quando era criança pra cá... até hoje tamo ((queremos escutar mais porque o negócio tá bom))



**A.** nós num tinha istrada memo né: i:: nós morava numa fazenda e meu pai era capatais ( ) já comprou uma terra pra ele né ... e nós ia de carro de boi nas festa i: ... i: um dia veio meu tio lá do ( ) veio buscá otra irmão do meu pai qui é: num lembro acho qui morreu parenti ....sei q fumu numa camioneta (daquela rural daí) num tinha istrada e nós ia na istrada i: tinha lugar qui num podia pasar puxado por boi, daí depois chegemo lá i atolo a camioneta i:: aí meu primo falo: vo busca pa nós uma junta de boi pra/ pra tira nosso carro da: da lama ... i ele era brasileiro puru, na epoca ninguem falava portugues... aí ele foi chego na casa da dona lá i falo:: o dona da ca:: tem boi pra emprestar pra puxa o carro ... daí o paraguai falo i Porque boi é cobra pro paraguai...(risos) e ele queria boi de carro pra puxa *você qué boi?* ... falo, num tem ( )((confundi tudo)) aí meu primo falo ... puxa mais aqui: ninguém que ajuda a genti (risos) ((e ficou sem ajuda?)) fico, aí eu fui lá ... qui eu sabia que qui era/qui era boi né ... em guarani é (guei) ((guei?! Ah, é bem diferente né?)) é:: um pouco diferente e ele falo boi e::: boi pra nós é cobra aqui no Paraguai ... aí foi, aí o cara entendeu i veiu i puxo nossa: (rural) i chegemo a busca o pai, mais istrago tudo o carro ( ) carreta num era carro...

**B.** [ carro de boi qui era

**A.** aqui quando saiu uma motoca lembro qui...tinha um professor nosso qui fundo o colegio aqui... era o professo (Castilho) ( ) u único que tinha motoca, i o pai troxe um empregadu lá du mato qui nunca saiu pra cá i viu a motoca i cumeço core atrais (risos) falo:: penso qui é o avestruz da cidade ((avestruz)) (falando guarani ) i começaro: corre...

**B.** [ nós agora fala guarani junto ((ah, é !)) porque todú mundu ia (passanu) e casaru cum paraguai e cum paraguaia né

**A.** [nói num:: sabia nem fala u guarani tamém

**B.** [ nôi num falava em guarani. A minha mãe que::

**A.** [ porque... em casa era so portugue

**B.** [ custô pa:: falá

**A.** [ aí depois:: cumeçô a fala, porque todú mundo falava né ... já cumeçô nasce ermão aqui no Paraguai qui falava:: ((já falando né?)) aí foi falando casteliano e guarani::

**B.** [ guarani i casteliano porque (falando junto)

**A.** [aí: a genti é: ... a família também virô: paraguaia e:: em muitas partes né, noi são brasileiro.. êle mai eu tenho minhas erma lá em Cida'Leste ... são paraguaia ((conheço lá, Cidade del Leste))



**B.** [já são paraguaia... i eu tenho minha filha que morava em Foz, mas êla/ eu nunca registrei êla i êla (istudo) no Paraguai depois por via consulado no adevogado ela fez imigração...só qui êla/eu num posso registra êla porque é imigrante né...

**A.** [ intão... êles já nasceram no Paraguai ( ) istudaram no Paraguai i: são formadu aqui no Paraguai já eu tenho filha tamém – minha filha já é Paraguai tamém – (i é ) formada em medicina i o otro já vai forma esse ano... forma tamém, odontologia aí eles doi já são paraguai tamém... intão é ua mistura que:

**B.** [ agora a mulher d'Êle... êla é brasileira... só que (papel) aqui ninguem fais a identidade, ninguem qué faze a identidade pa ninguém ((mas, por que?)) porque falam qui os paraguaios viraro brasileiro que identidade já num vale..Eu tenho a minha verdinha né ((mas fez aqui no Paraguai)), não nói feis no Brasil ((moto passando)) ( ) Mato Grosso do sul não fais ((mas estranho né?)) é istranho ... i lá no Uruguai por exemplu

**A..** [é a turma fais (doble nacionalidá)

**B.** [aí é doble nacionalidá ((pode ter duas né)) ..(passa no Brasil) i Uruguiana tá no Uruguai né... intão o uruguaio voltá na/no Uruguai i quandu é a epoca de eleição no Brasil ele passa a votá no Brasil é aceitado pelo governo e aqui tambem podia te aceitado

**C.** (( e o senhor chegou aqui quando?)) num me lembro...(( faz muito tempo))

**B.** [a erma dêle mora em Campu Grande ((Campo Grande?))

**C.** ((e tem alguma história de infância?)) não num tem (risos)

**A..** [ (risos) (apareceu comu vem um índio aí)

**B.** [êle num tem a história dêle porque quando êle era muleque pequeno fugiu de casa ((mas aí é uma história interessante, meu vô também fugiu de casa))

**A.** [se conta a história dêle é o cara mai sem vergonha qui chego em Capiton Bado foi êle, na epoca não tinha bicicletai/ ninguém sabia arruma bicicleta ai o pai compro uma bicicleta pra mim...i êle falo que arrumava bicicleta i levamo a bicicleta i tiro a roda i noi num intendia nada qui na epoca num tinha/ninguem intendia nada ai ele passo um - aqui falo que trinta i oito furo temos a:: câmara de ar, mai a genti era burro ante né, nem ia acreditá – comu qui ( ) di uma vez si ( ) trinte oitu. E ele cobrava pu pai pô/pelo furu ((risos)) cada furo de:: Ele... e depoi ele era sortero e casô cum mi ermã – é SEM vergonha memo. ((risos)) cobrava pai pelo furo na:: nossa bicicleta i u... pai mi/ mi surava – como que cê vai furá tanto ((risos)) assim a:: bicicleta? (enton) acho que:: ele/ ele fez um:: - nôi chamava de (capuxia) assim, igual aquele:: sô tem a água nê?

**B.** [ de madera (quenacida) que a gente fala



**A.** [ de madeira. Aquele lá inda:: u:: de trava o furo da bicicleta ele cobro u preçu di uma vaca cum cria pru pai. ((risos)) ((mas é esperto né? sabe viver né?)) é:: ((fala em guarani)) ((ai, mas então...))

esse dia ate ele:: depoi já ia casá e (murá) na fazenda na epoca qui fazia frio nu verão... ( ) aí dozi hôra da noiti ele falô pa nôî – eu i u me irmão ( ) sozinha (vim aqui) na fazenda pa casá cum ela. Se juntamo:: eu, me irmão i eli. Aí ele:: pa ajudá me irmão amanheceu (por aí) dozi hôra (pa ir lá). Ah muleque (levanta) a vô mandô. cavalu. Aí nôî (temo i::) fomo i:: sai aqui a mato frio aí nôî ( ) queles pontcho:: (opala) ((sim)) i ele:: tinha:: un cubertô bem lindu parecia nu:: - aí me irmão falô

( ) tem um cubertô mutu bunitu pa ( ) as quadra assi parecia um:: ( ) aí ante de:: clariá o dia, ele JÁ:: guardô a:: u cubertô aí no:: colo mai di certo não tem mai frio aquele cara (momento ê) ( ) uma rede vêlha:: mai rasgada que... (tudu velhu) ( ) ((risos))

**B.** agora:: a materia de vocês todo mundo vai vê, la materia ((não, mas é exatamente o que a gente está procurando. Essa da bicicleta foi o... ))

**C.** é. naquele tempo eu ia ( ) brassilero ai. Mandava pu ( )

**B.** [ que era sô ( )

**A.** aquele dia:: foi ba:: - tinha um quartel no Brasil nê? e sô soldado que tinha bicicleta no... i:: ele era bicicletero. tendia nada mai depoi:: se arumando aí, depoi ele casô cum ela i é meu cunhadu daí moraru na isquina aí... tinha umas quato, cincu bicicleta dus cumpadre (Olivera) aí... aí ele falô pa mim:: todo mundu chama lá o uruguai nê? uruguardio. aí esse:: soldado falô pa mim: esse bicicletero aí aquele uruguaio:: tá fechadu? ai a casa dele. aí ele foi fazê uma casa aí de:: - ele era capitão tamém – aí eu falei po soldado:: ah ele foi no paí dele o:: Uruguai. assim para (lhe) mandá embora.

Uta merda! aquele cara me (enganou) ((risos)) ((moto passando)) aí oto colega dele aí, meu tamém mandô i... a bicicleta (dele) pulavo e pulava ((risos))

**B.** [ (só) a bicicleta dele era meio que um tranporte. cada um (tinha uma) novinha

**A.** [ e ele pensava que ele foi nu lugar mai ( ) ((fala em guarani)) ((então, arrumava bicicleta e enganava o povo um pouquinho?))



A. fundô u colégio... ele ensinava, não cobrava nada – ele levava aquela:: lâmpada de queimá u te::

((lâmpião?)) lâmpião que:: ( ) com querosene nê? ((sim)) i:: ele ensinava mem é... eu fui u segundu aluno:: - no queria entrá ( ) cum meus colega ( ) i::: aquele (no) começô – ele era::: contava ertôria que ele::: istudô pa padri aí ele falô que ne:: no queria sê padri pa no:: - quinze dia pa num pega u::: a formatura dele – ele:: deixô. ai ele:: veiu ma... - casô com uma paraguaia – do Paraguai mãí? i:: esse tá ( ) do colegio Erminia C. D. Gral, Erminia Cabrera D. Gral. eu no sei porque que:: colocar u nome da:: eu acho que:: antigamente acho que:: Capitan Bado:: acho que veio de moto pa cá nê ( ) Puque u que - esse colegio so funciona – foi u:: ca/( ) (Maiano) que fundô. i agora ali:: abiu uma biblioteca lá in Manta ( ) dá catorzi quilometro ( ) i agora:: Erminia C. D. Gral:: é:: era professora antigamente. acho que : tinha colegio cabê i::: depoi começô a caí com (cacu) ( ) i::: u C. D. Gral começou e.. são daqui ((sim)) ( ) in Assunção ( )..((então a gente só tem que agradecer e pegar o nome de vocês)).

## ENTREVISTA 2

A. Davi Francisco Gral

B. Cecília Samaniego (Esposa de Davi)

1º parte – duração 2:07

A. ((Como é o nome do senhor?)) Davi... da... Davi Francisco Gral ((Davi Francisco)) Gral. Gral é meu sobrenome.((mhmm)) Gral Cabrera. Aí está... ((risos)) ( ) i::: Minha mãe era professora, acho que foi de/desde de mil noçiento inte sei ((moto passando)) i::: eu sô natal de - nascido em mil noçiento trinte quatro. é - e tinha:: hermano que era militare no Paraguai no tempo de... que chegavam ( ) i::: porque eu num ( ) ((risos)) i::: nôî viarramo – muramo aqui memo -- viajamo sescen/treciento quilometro a cavalo pa í a Assunção pusque – ante no havia estrada como no Brassil tamém no havia tamém -- i viajamo aqui a (Vilia) Santero ( ) cidade que... que ( ) nessa:: época era caminho... (cameninho? no) era... na frontera i::: era deSERto – a cá no havia casa – u::: ( ) local pola noite – no dormia ( ) como se... fala? (Arrodia) – como se falam?

2º parte – 4:18



Quano i/iamo a cavalo... ( ) termina o::: - como se ama? Como que se chama quando acaba a classe na escola? ((aula?)) no, quando (hã), ((quando acaba a aula)) quando acaba a aula? é... Porque ante ( ) de::: livre de aula. Ahora nu mata é::: poco ( ). Tíhamo muita djente (ia) a cavalo. Era deSERto, todo mato. Nô dormia... perto do rio para pegar água pra cozinhar. Se levava (todo) panela i::: ceamo, dormino ( ) dormino. I::: despuê... oto dia... começava a viagem. i::: e se/e se chegava a siête/ oito dia, sessenta...sessiento quilometro ((moto passando)) ( ) pegar chuva e tal... ((longe, né?!)) i::: chegamo... (puerto) ante quera se chamar - dexava um::: (porto) que está sobre rio Paraguai. E ae teamo barco pra ir a Assunção ( por sem ceiar) otcho, dez dia ((risos)) ((carro passando)) i::: tamo qui três irmão... ( ) i no acaa... la aula... ( ) ai etá o nome du ((ruído)) colégio da minha mãe. Só foi ainda ai... ((o nome do colégio?)) (no podê ir?) ((não, ainda não)) Etá o nome de minha mãe ((cami passando)) Está gravando ainda? ((estou gravando)) Tô vendo ( ) ((risos)) ((como é o nome do colégio?)) Firminha Cabrera D. Gral. ( ) Gral. I::: Despue ((veículo passando)) ( ) meu pai e minha mãe, i encontrei acá ( ) (ante de todos mudar-se para cá) atrás do negócio, para daque ( ) ((risos)) ((é::: fala u::: a história do seu irmão que era:::)) militare ((militar?)) que ele::: foi::: mil nociento quarenta e oito... foi ( ) (murar em) Assunção, e aí entrou na ercôla milita. Mil ((moto passando)) nociento::: quarente oito... é. Mil nociento quarente otcho. (é u final da...) da ercôla militar. Daí terminou ( ) suprimiento i assim chegou a sa::: comandante, tenente-coronel. Já moreu. Otro irmão tamém (seria) militar mas depoi (ele ficô) mal... era (mulecada na hõra) da ercôla. Era::: nô i acá falamo ( ) (no Brassil) no sei como se fala ((ãin)) para quele que (fugiro) da ercôla militar ((ah, sim! Escola militar?)) é. ( ) ((o senhor precisa atender?)) ((tudo bem))

3º parte – 2:01

**A.** Capitan Matia Vavo. chamava.

E/era::: combatien..

**B.** [ ahora se lhama... ( )

**A.** é. Ê a hitõria de/de que se chamava (Niuera) era nome ante de colocar-se Capitan Bado. Tá gravando? ((tá gravando)) ((moto passando)) Tá gravando-lo? No/no (entendo) ( ) ((e tem a história



du/du porque esse nomeou da pessoa?desse capitão?)) Si. Esse/era capitão que era:: quando:: Paraguai ( ) guera contra Blassil, Arrentina e Uruguai. É. Foi herói (nu caminho) da guera. Enton (colocaram) ( )

**B.** Acho que passaram por acá.

**A.** [Por acá passaram. E aí colocaram ( )

**B.** Porque todo isto/todo isto era de Paraguai e ( ) era de Paraguai

**A.** [Passado ( ) brilhante era do Paraguai ( )  
((trecho incompreendido))

4º parte – duração 5:52

**B.** ( ) de la capital e agora ( ) i:: agora por exemplo:: teriormente a:: minha mãe contava que a piê... vinte siete quilometro tinha que a piê/ a/ a pé a quatro de la madrugada levantava e ia/ a piê per dez quilometro pa ligar a una cidá que se lhama ( ) e aí havia el:: poque::

**A.** [ (vertito)

**B.** [ trem que/que parava na ( ) trem para levar ((carro com música passando)) a la capital, enton esse que:: (e até) sera feito ( ) porque siempre nos contava e ahora ( ) ((risos))

**A.** ((risos)) (no caro)

**B.** ( ) andar em caro e a pié lho ( a pê) i:: aí... tinha que venir:: purque:: la cidade tava cum pe donde estava a virgem que/ como:: na Aparecida ((haa)) ((moto passando)) todo el mundo de todo o Paraguai e outro paísse (vien) no todo aí em ( ) (siempre). (Chego) lá ( ) quarenta, cinquenta quilometro (chega em) quatro dia ((mhmm)) i:: ( ) (frenquenta) nôi moramo a trinta dôs quilometro i: e iô tinha que venir... a pê... juntu cum pai e mãe e todo hermano a pê pa/ pa (harmina) missa i esso la fiesta e (selotcho) e às vieces tinha que/ tinha que ( ) ((veículo passando)) nôi iamo trinta e dôs quilometro caminhar ((moto passando)) pero a pê ((risos)) ((veículos passando)) ((risos)) e ( ) quem ven Paraguai é un país mui hospitalário, la rente ( ) ((muito)) hospitalário la todo. Você vai e tôrla campanha si ( ) que a gente son, a se sentar, te invita a comer ((risos)) é... lo que cea,

**A.** [ convida

**B.** [ é/ é convida a comer, almoçar-te. Te invita terere e a sienta/ ahora é por todo lado

ônde se vá i... la semana santa se que:: que os paraguanhos nô semo... é:: ((veículo passando)) (parte tanto)... terça/terça... santa... quarta... todo el mundo/ os mai de rente que cea e que (papete)

((risos)) e:: é:: quinta... face uma comida grande/ comia é:: la ultima cena que ( ) la (vilia)



- A. [ucê san catôlio? No? ((é. Não, não, não, não. Somos cristãos, também))
- B. [e facemo a comida mutcho (cueru) pero tiérmino (semani que encontravamos) ô a tipa ( ) sopa paraguaia ((sopa paraguaia)) ( ) i:: sábado... ainda no se come nada/ puer domingo ( ) (pela gloria) da ressurrecion de Cristo. ( ) possible los paraguaios... no é Brassilia carnaval la grande (fiesta) ((risos)) ê semana santa.
- A. [ (passam) muito? ((não, não, fiquei em casa só. É muito barulho)). E essa para que (irá) servir a vocêi?

5º parte – duração 1:06

- B. Core tamém ((risos)) mas tamién posso falar ma (é u qui a) falo para ( ) aqui ((ri porque como é sera assi coretamente pra::: no falar
- A. [ ela que vea::/que assitia a novela brassilera ((aah sim))
- B. [ eu ( ) la brassil que é/ estoí acostrumbada a falar ( ) ((mas esse é o mais interessante pra gente, sabe? Porque aparece uma/ uma terceira língua né?)) i::: e diô::: noto aqui e guardo esse que:: mutcho::: portuguê que ( ) a la guarani.
- A. [saí a por exemplo::: no guarani e sai ((sai?)) sai. sai é::
- B. [ aí é ( ) mulher. Mulher em guarani é sai. ((sai)) ((moto passando))

6º parte – duração 3:01

- A. quano iamo ali ma tamém no:: cinco quilometro:: é::: minha mãe era diretora na ercôla e era proibido - (male) tinha que falar em guarani (la) dentro da ercôla. (Inlussie) ( ) era proibido e ela sabia ma ( ) - como se fala assi que a:: que controla:: as pessoa? Como se fala portuguê? ((controlar as pessoas?)) é. ((quando manda assim?)) é.
- B. [que controlava que::
- A. [ (controlar-te) le contá minha mãe. ((que cuidava né?)) porque:: é::
- B. [ (antedecia) é la/la ercôla.. el fami entrava lá.. era proibido falar em guarani porque disse que guarani
- A. [ atrapalha o ( )
- B. [ atrapalha (para) a leitura. Seria ( ) a leitura ( )
- A. [ eu no/no se iscrivir nem (nada) em guarani.



**B.** [ E só tê guesta ((risos)) eu se me e mai o meno iscrivir

**A.** [ ô mulhê ( ) de poquinho, devagarcinhu de:: nôi lemo/lemo ( ) lemo

**B.** [ na ercôla la criatura é:: (guri) é:: primera séria ( ) iscribe e lê agôra ( ) isso aí tamém ( ) ((os pais e avós de vocês falavam casteliano também, ou guarani?))

**A.** meu avô? ((é)) ((veículo passando)) meu avô foi espanhol ((espanhol?))

**B.** [so casteliano...

**A.** i até:: minha mãe era diretora da ercôla daqui a cinco ( ) e ela:: la fazenda as raluna – as raluna tamém? -- ((aluna também)) is:: era:: olhava e no acompanhava como /como acompanhava (un baron) ((risos)) controlava muito ((diretora ia ficar assim)) ((risos)) é:: na ercôla ((risos)).

